



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Alice Rodrigues Crivano da Silva

Intertextualidade entre *A menina que roubava livros* e

É isto um homem?:

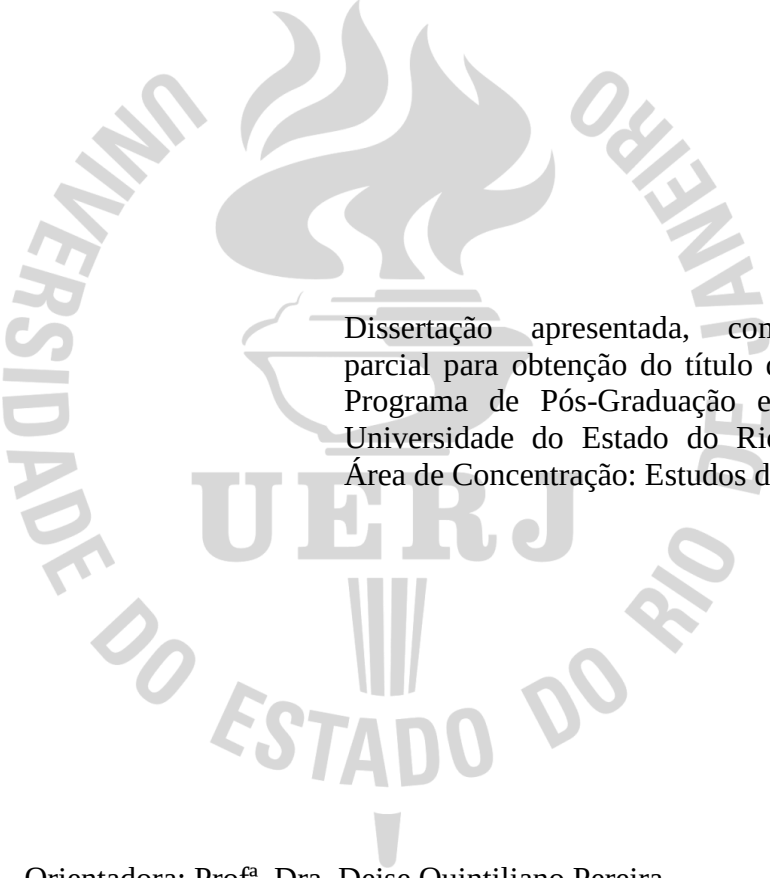
O papel da literatura e outras considerações

Rio de Janeiro

2022

Alice Rodrigues Crivano da Silva

**Intertextualidade entre *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*:
O papel da literatura e outras considerações**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Estudos de Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Deise Quintiliano Pereira

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586	Silva, Alice Rodrigues Crivano da. Intertextualidade entre A menina que roubava livros e É isto um homem?: o papel da literatura e outras considerações / Alice Rodrigues Crivano da Silva. – 2022. 117 f. : il. Orientadora: Deise Quintiliano Pereira. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 1. Intertextualidade – Teses. 2. Zusak, Markus, 1975- - Crítica e interpretação - Teses. 3. Zusak, Markus, 1975-. A menina que roubava livros – Teses. 4. Levi, Primo, 1919-1987 - Crítica e interpretação - Teses. 5. Levi, Primo, 1919-1987. É isto um homem? – Teses. 6. Guerra Mundial, 1939-1945 - Literatura e a guerra – Teses. I. Quintiliano, Deise, 1962-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título. CDU 82-95:801.73
------	---

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alice Rodrigues Crivano da Silva

**Intertextualidade entre *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*:
O papel da literatura e outras considerações**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 31 de outubro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Deise Quintiliano Pereira (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Laura Barbosa Campos
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Silvina Liliana Carrizo
Universidade Federal de Juiz de Fora

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família e a todos a quem este trabalho possa interessar.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela saúde e por poder, ainda que em tempos extremamente desafiadores e complexos, viver, trabalhar, estudar e redigir este trabalho.

À família maravilhosa que tenho – em especial a meu marido, à minha mãe e a meus avós – e aos amigos pelo apoio, paciência, compreensão e torcida constantes. Vocês foram essenciais para que eu não desistisse em inúmeros momentos de desânimo e de exaustão. Obrigada por acreditarem em mim e na importância dessa realização em minha vida.

À minha orientadora, que foi essencial para o desenvolvimento desse trabalho e por me ensinar tanto. Seus olhos atentos e conhecimento proporcionaram a lapidação de minhas ideias.

À banca que, cuidadosa e assertivamente, compartilhou impressões, propôs caminhos alternativos e sugestões para melhorar esta dissertação.

A meus professores que tanto contribuíram – e contribuem – durante minha jornada escolar e acadêmica, por me ensinarem a respeito do poder das palavras, por me incentivarem a ler e a escrever.

À UERJ, minha outra casa, e a todos que de alguma forma contribuíram direta ou indiretamente durante essa jornada.

A você que lê este texto. Espero que lhe seja útil e enriquecedor.

Odiei as palavras e as amei, e espero tê-las usado direito.

Markus Zusak

RESUMO

SILVA, Alice Rodrigues Crivano da. *Intertextualidade entre A menina que roubava livros e É isto um homem?: o papel da literatura e outras considerações*. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Baseado na intertextualidade, este trabalho, detém seu olhar sobre o romance *A menina que roubava livros*, um *bestseller* do escritor australiano Markus Zusak, e *É isto um homem*, um clássico expoente da literatura de testemunho, uma autobiografia do escritor italiano Primo Levi. Um interessante diálogo entre os *corpora* reverbera questões acerca do papel e da importância da leitura, da escrita e da literatura para a sociedade e para o indivíduo nela inserido. Aborda questões como trauma, necropolítica, testemunho, passando por conceitos como “zona cinzenta” (Primo Levi), “double bind” (Márcio Seligmann-Silva), dentre outros. Composto por quatro capítulos, o presente contempla ainda a simbologia das cores e a imagologia como formas de estabelecer e potencializar sentidos, bem como de refletir sobre a imagem da alteridade. Aislan Macieira, Antoine Compagnon, Antonio Candido, Eric Hobsbawm, Giorgio Agamben, Hannah Arendt, María Teresa Andruetto e Robert Gellately são alguns dos nomes que constituem o embasamento teórico dessa dissertação.

Palavras-chave: A menina que roubava livros. É isto um homem?. Literatura. Segunda Guerra Mundial. Intertextualidade.

ABSTRACT

SILVA, Alice Rodrigues Crivano da. *Intertextuality between The book thief and If this is a man?: the role of literature and other considerations*. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Based on intertextuality, this work focuses on the novel *The Book Thief*, a bestseller by the Australian writer Markus Zusak, and *If This Is A Man?*, a classic exponent of testimonial literature, an autobiography by the Italian writer Primo Levi. An interesting dialogue between *corpora* reverberates questions about the role and importance of reading, writing and literature for society and for the individual inserted in it. It addresses issues such as trauma, necropolitics, testimony, passing through concepts such as “gray zone” (Primo Levi), “double bind” (Márcio Seligmann-Silva), among others. Composed of four chapters, the present one also contemplates the symbology of colors and imagology as ways to establish and enhance meanings, as well as to reflect on the image of otherness. Aislan Macieira, Antoine Compagnon, Antonio Candido, Eric Hobsbawm, Giorgio Agamben, Hannah Arendt, María Teresa Andruetto and Robert Gellately are some of the names that form the theoretical basis of this thesis.

Keywords: The book thief. If this is a man?. Literature. Second World War. Intertextuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Colonizador escreve a História com sangue indígena.....	17
Figura 2 – Só o gado mais tonto vota em seu próprio açougueiro	17
Figura 3 – Hitler envia seus soldados à morte.....	18
Figura 4 – Diagrama de Venn	29
Figura 5 – “Por trás das forças inimigas: O Judeu”	31
Figura 6 – “O Judeu Eterno”	31
Figura 7 – O Vigador p. 204 e 205.....	83
Figura 8 – O Vigador p. 206 e 207	83
Figura 9 – Jornal Deutsche Volksblatt	88
Figura 10 – Revista Ostara	88
Figura 11 – Página de piadas tirolesas de O Tosquiador.....	89
Figura 12 – Fogueira de livros “não arianos”	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	13
1.1	Alguns pontos sobre a vida de Hitler	13
1.2	A justificativa nazista e suas consequências	21
1.3	O Poder do Discurso e a relação entre Nação e Discurso	24
1.4	Um processo de desumanização	27
2	OS CORPORA	34
2.1	<i>A menina que roubava livros</i>	36
2.2	<i>É isto um homem?</i>	44
3	ANÁLISE INTERTEXTUAL	55
3.1	Trabalhando com diferentes gêneros	55
3.2	Uma poética da finitude: reflexão sobre a condição humana	57
3.2.1	<u>As cores e as palavras: Simbologia e Imagologia</u>	58
3.2.2	<u>Narradores paradoxais, semelhanças e uma constatação</u>.....	68
3.3	A expurgação pela escrita contra a degradação do indivíduo e como sinal de resistência: Do externo e do interno do ser	76
3.4	Intertextualidade entre Zusak e Levi	84
3.5	Jornais e Clássicos em tempos sombrios	86
4	PAPÉIS DA LITERATURA E METAMORFOSE IDENTITÁRIA	96
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
	REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

Toda a pesquisa contida neste trabalho nasceu da subjetividade, mas foi se desenvolvendo no estudo, nas trocas acadêmicas, nas orientações, nos diálogos silenciosos e reflexivos com os teóricos lidos até transbordar e se tornar algo mais concreto – não que o resultado seja completamente isento de abstrações –, mas visamos à confecção de uma fatura final em que os fluxos do pensamento e os *insights* em folhas avulsas assumam certa corporeidade, produtora de entendimento objetivo.

A arte, de modo geral, comunica-se de formas diferentes com cada indivíduo e, conosco, deixa marcas profundas e uma inquietação inspiradora. Metaforicamente falando, é um não conseguir permanecer muito tempo distante; é um convite à degustação de mais uma leitura, já sabendo, de antemão, que parar tão cedo não será uma opção.

Ainda durante o ensino médio, o contato com *A menina que roubava livros* provocou-nos revolta e comoção: tão triste e tão lindo... De brinde, adveio um flerte com palavras, expressões, frases em alemão, algo anteriormente impensado. *É isto um homem?*, lido em sua língua original, deixou em ruínas alicerces de uma vida relativamente estável, no último período da graduação em Letras, na habilitação português/italiano. Como é possível homens agirem com tamanha perversidade com outros homens? Já seria uma história terrível se não fosse, ademais, um capítulo da nossa própria História.

Vislumbramos uma leitura intertextual entre as obras. Parecia, a princípio, um chamamento irresistível a uma conversa que, posteriormente, tomou forma de projeto e materializou-se em uma pesquisa que contempla dois *bestsellers*: um contemporâneo, vestido de romance, ambientado na Segunda Guerra Mundial, baseado em recordações de pessoas que presenciaram alguns dos horrores da guerra; o outro, um clássico renomado, vertente da denominada Literatura de Testemunho, um relato autobiográfico baseado em experiências em Auschwitz – uma das facetas mais aterradoras da morte durante o nazismo.

Não foi simples pensar em um recorte para a análise intertextual que nos propomos a realizar, uma vez que ambas as obras permitem aprofundamentos diversos. Contudo, traçamos três objetivos a alcançar: i) explorar alguns tópicos capazes de demonstrar a intertextualidade existente entre *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*; ii) observar o impacto das palavras e da literatura sobre os indivíduos e/ou personagens e, conseqüentemente, os desdobramentos desse impacto e iii) demonstrar a sólida relação entre literatura e sociedade.

Após discorrer brevemente a respeito da motivação e dos objetivos deste estudo, apresentaremos sua estrutura. Dividimos a presente pesquisa em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “A Segunda Guerra Mundial”, aproxima-nos de uma época não tão distante no tempo histórico e ainda mais próxima se pensarmos em temas como repressão, ditadura, manipulação, intolerância e abuso/sede de poder.

No primeiro capítulo, traçaremos, ainda, um panorama geral da Segunda Grande Guerra, que durou de 1939 a 1945, com foco em momentos da vida de Hitler pertinentes à fundamentação de nosso estudo; refletiremos sobre a justificativa nazista para seus atos; enfatizaremos o papel importantíssimo das palavras neste longo conflito, intensificando ações de exclusão, extermínio e degradação da humanidade.

Na sequência, o segundo capítulo realizará as devidas e necessárias apresentações das obras que figuram como *corpora* desta pesquisa. Markus Zusak e Primo Levi são os autores, cujas bibliografias são extensas, premiadas e igualmente interessantes. Expressão de gêneros diferentes, as obras contêm, todavia, muitos diálogos e semelhanças interessantes, as quais serão mais bem detalhadas nos capítulos sucessivos.

O terceiro capítulo voltar-se-á para o método intertextual para pensar a literatura e estabelecer uma relação entre os *corpora*, ficção e testemunho, distantes temporalmente, mas que apresentam pontos de contato. Ambos são atravessados pela abordagem do inexorável tema da finitude, das tentativas de degradação do homem e das conseqüentes formas (talvez armas) de resistência: escrita e leitura.

Outros importantes pontos a serem tratados neste capítulo são: a análise da significativa simbologia das cores, utilizada em ambas as obras, a percepção da alteridade através de palavras e expressões estrangeiras, bem como a constatação da presença de narradores paradoxais e a relação entre a obra de Zusak e de Levi, segundo a classificação textual de Gérard Genette. Este último poderá responder à seguinte questão: Seria Zusak leitor de Levi?

O quarto capítulo encerrará a análise das obras em questão demonstrando os variados papéis que podem ser desempenhados pela literatura. O poder transformador proveniente da força da palavra se apresenta como uma fonte catártica de cura e de salvação, de reflexão, de fuga, de divertimento, uma espécie de escudo contra os males interiores do indivíduo e os que permeiam a sociedade humana.

O último capítulo também discorrerá sobre a constante reconstrução das identidades escritora e leitora, que estão sempre em processo e nunca estáticas ou completamente definidas. Costuraremos, portanto, diversas contribuições teóricas sutis e relevantes,

principalmente devido à “partilha do sensível”, que entretecem as palavras, tratadas com cuidado, assertividade e beleza, em nossa análise.

1 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

1.1 Alguns pontos sobre a vida de Hitler

Eric Hobsbawm (1995, p. 118) disserta que o surgimento da Alemanha de Hitler foi responsável pela união de “divisões civis e nacionais numa única guerra global, internacional e civil”, conhecida como a Segunda Guerra Mundial, uma vez que a “Alemanha de Hitler era ao mesmo tempo mais implacável e comprometida com a destruição dos valores e instituições da ‘civilização ocidental’ da Era das Revoluções, e mais capaz de levar a efeito seu bárbaro projeto”.

Pensar nessa “Alemanha de Hitler”, pode suscitar alguma curiosidade pela figura de visibilidade e protagonismo de Hitler, cuja história ainda se mostra capaz de gerar discussões acaloradas e novos estudos. Por ter um grande impacto sobre a ambientação das obras neste trabalho estudadas, julgamos importante discorrer algumas palavras a respeito desse líder nazista.

As vozes teóricas que dialogam a seguir são: Eric Hobsbawm, historiador marxista britânico; Dimas Cruz Oliveira, historiador e professor brasileiro; Joachim Fest, historiador e escritor alemão, um dos mais importantes biógrafos de Adolf Hitler; Robert Gellately, professor, historiador e escritor canadense, cujo interesse particular se concentra na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria; Claudio Blanc, escritor, tradutor e editor brasileiro.

Dimas Oliveira (2015) e Joachim Fest (2017) reúnem uma série de informações pertinentes a este trabalho a respeito do ditador Adolf Hitler, o chamado *Führer*, líder do Partido Nazista e da Alemanha Nazista de 1934 a 1945.

Hitler nasceu em 20 de abril de 1889, “numa região fronteiriça, atrasada e ainda recoberta de bosques, entre a Alta Áustria e a Baviera”, sua origem não era burguesa, como tentava demonstrar, mas camponesa (2015, p. 24); teve contato com a arte, o teatro, a ópera¹

¹ Joachim Fest (2017, p. 74), em sua biografia sobre Adolf Hitler, intitulada *Hitler*, chama a atenção para uma interessante aproximação entre o ditador alemão e o compositor Richard Wagner, por quem Hitler tinha uma profunda admiração e até euforia, como podemos observar no seguinte fragmento: “De fato, o próprio Hitler asseguraria depois que, à exceção de Richard Wagner, não tivera ‘precursores’, e se referiu expressamente não apenas ao músico e ao poeta dramático, mas à personalidade poderosa, ‘a maior figura de profeta da história alemã’. Tinha o costume de frisar com deleite a importância capital de Wagner ‘para o desenvolvimento do homem alemão’, admirava também a coragem, a energia com as quais se introduzira no plano político e afirmava

quando sua família se mudou para Linz e, posteriormente, viveu em Viena sua aspiração de tornar-se um pintor. Embora não tenha alcançado sucesso nessa profissão, concretizou alguns de seus projetos arquitetônicos (OLIVEIRA, 2015, p. 31) ² enquanto líder da Nação alemã.

Teve, ainda, uma infância turbulenta, como relata Claudio Blanc:

A infância de Hitler se alternou entre as surras dadas pelo pai e as adulações desmedidas pela mãe. Esse tratamento ambíguo acabou gerando sequelas no caráter de Adolf, que chegou à adolescência desconfiando das pessoas ao seu redor, com poucos amigos, afundado em fantasias, afastado da realidade, extremamente frio, dado a ataques de fúria e inquebrantavelmente convicto de suas ações. (BLANC, 2021)

Ele sonhava em ser grande, idealizava o heroísmo clássico que tanto destoava do que fora, por muitos anos, sua vida medíocre.

Desde sua adolescência, só se sentia atraído pelos grandes feitos. Eis aí uma das razões de sua afinidade com o heroísmo tão ingênuo e já superado nas artes e que o levará a admirar as decorações grandiosas e a idealização. Os deuses, os heróis cujas façanhas eram celebradas sob uma forma épica, na base de superlativos grandiloquentes, o estimulavam e disfarçavam a banalidade de suas condições de vida. (FEST, 2017, p. 72)

Ele participou como soldado na Primeira Guerra Mundial e, depois, foi se inserindo na política alemã cada vez mais, fazendo tentativas de Golpe de Estado, sem muito êxito. Perdeu muitos companheiros e foi preso em 1923 no conhecido golpe *Putsch*. As consequências desse golpe foram positivas para seus intentos,

porque o tempo na prisão deu a Hitler uma aura de mártir, tornou-o conhecido em todo o país, e fez agregar em torno dele um grupo cada vez maior de seguidores; esses seguidores visitavam-no na prisão, ouviam seus planos, auxiliavam-no nos seus projetos de tomada do poder jamais abandonados, faziam dele, enfim, o centro das atenções, tudo de que ele necessitava para prosseguir rumo ao desconhecido, ou, como ele mesmo dizia até o fim, seu objetivo era “a hegemonia mundial ou o aniquilamento”. (OLIVEIRA, 2015, p. 45)

Inclusive, o período de quase um ano no cárcere culminou na escritura de seu livro, *Mein Kampf*³, que significa, em português, *Minha luta*, uma espécie de bíblia-diário nazista

por vezes que a descoberta de sua afinidade muito íntima com o grande homem produzira nele, Hitler, ‘uma excitação quase histórica’”.

² Como relembra Hobsbawm (1995, p. 150), Hitler, na qualidade de pintor frustrado, havia encontrado “um jovem arquiteto competente para realizar suas concepções gigantescas, Albert Speer”.

³ Uma das associações construídas por Hitler em seu livro é a de judeus como ratos, animais nocivos, uma praga que vive na sociedade. A partir dessa comparação, o cartunista norte-americano Art Spiegelman ilustra em quadrinhos memórias de seu pai quando prisioneiro durante a Segunda Guerra Mundial. Este *Grafic Novel*, intitulado *Maus* (rato em alemão), interessantemente, antropomorfiza os personagens: judeus são representados como ratos, nazistas como gatos, poloneses como porcos e estadunidenses como cães. *Maus* fez tanto sucesso que foi traduzido em diversos idiomas, sendo objeto de estudo em diferentes áreas, como literatura, arte e história e tendo recebido o Prêmio Pulitzer de literatura, em 1992.

que propagava preconceito – em especial, antissemitismo –, extermínio, dominação e expansão territorial.

Algumas das circunstâncias que permitiram a Hitler ganhar espaço em meio ao descontentamento alemão foram, nas palavras de Joachim Fest (2017, p. 25):

O rebaixamento nacional através do Tratado de Versalhes e o rebaixamento social de camadas mais amplas da população, devido ao mesmo tempo à inflação e à crise da economia mundial; a fraqueza da tradição democrática na Alemanha; os sobressaltos causados pela revolução comunista, os transe da guerra, os cálculos falhos de um conservantismo que se tornara precário e, finalmente, as angústias que se confiava para uma outra, ainda incerta.

Não apenas a situação alemã, em um contexto global, propiciou a aceitação de Hitler. Robert Gellately (2011, p. 40) acrescenta os “programas de patrocínio estatal” que Hitler implementou para ganhar a confiança do povo alemão, dentre eles o incentivo financeiro ao casamento entre casais “fisicamente aptos e racialmente ‘corretos’”. O empréstimo para a união seria abatido consideravelmente a cada filho que nascia e sob a condição de que a mãe deixasse de trabalhar.

Além de “puros” filhos da nação vindo ao mundo, seria necessário realizar uma abrangente limpeza populacional a partir da caça e do extermínio dos divergentes políticos, dos “improdutivos” da sociedade e de outras ameaças, sendo uma das soluções a criação dos campos de concentração, nos quais o trabalho escravo ainda favoreceria à Alemanha (GELLATELY, 2011, p. 149).

Vemos uma união de caráter econômico-ideológica nas medidas propostas e concretizadas por Hitler. Ele era um estrategista cuja administração das oportunidades para se destacar e para ascender ao poder demonstrava um *timing* quase que perfeito com relação às circunstâncias internas e externas à Alemanha da época.

Gellately revela a constante tensão entre “a esperança de explorar os prisioneiros e a motivação para exterminá-los” (2011, p. 316), a respeito dos campos de concentração, em particular, sobre o complexo de Auschwitz, que muito nos interessará mais adiante. Esse autor explica que (2011, p. 314-5):

Os campos perto das divisas alemãs, incluindo Auschwitz, foram criados com a dupla função de aterrorizar nacionalidades dominadas e lidar com o fluxo de prisioneiros que eram considerados oponentes potenciais. Auschwitz-Birkenau tornou-se não apenas o maior campo de concentração, mas o maior campo de morte. Mesmo excluindo Birkenau, Auschwitz estabeleceu uma rede de 50 subcampos, e os prisioneiros percorriam longas distâncias para trabalhar em indústrias, na agricultura e na limpeza de destroços após bombardeios.

Hitler comandou a Alemanha rumo à Segunda Guerra Mundial e foi uma figura central do Holocausto⁴. O extermínio de tantos indivíduos escancarou a frieza do ditador nazista em busca de seus objetivos: guiar a Nação Alemã a um futuro grandioso, uma vez que havia sido tão humilhada e destruída após a Primeira Guerra, nos termos do Tratado de Versalhes, além de se encontrar abalada pela crise econômica mundial; e garantir a soberania da raça ariana em detrimento de outras, consideradas inferiores sob o ponto de vista hitleriano e de seus seguidores.

Um homem ambicioso, cheio de sonhos de grandeza e de desejo de poder, que outrora fora ignorado e menosprezado, passa a comandar uma história escrita com sangue, como fizeram os colonizadores espanhóis e portugueses em “suas” colônias, por exemplo. A partir dessa aproximação, apresentamos o diálogo entre as imagens a seguir, que colaboram nessa exposição:

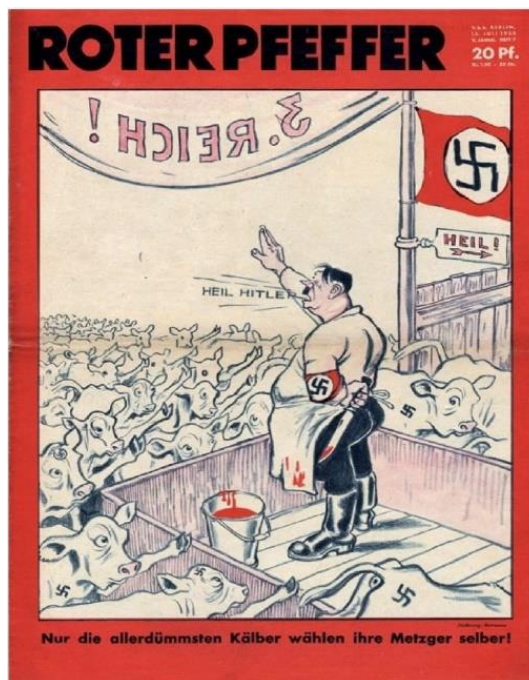
⁴ Este é um termo central para nosso trabalho, contudo, há uma aporia considerável com relação à nomenclatura adequada como referência ao terrível episódio de extermínio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Algumas das possibilidades de explicação existentes são apresentadas pela Profa. Leila Danziger, no artigo intitulado “Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes”, no qual a autora discorre um pouco acerca de cada um dos significados dos seguintes termos: Holocausto (um dos termos mais utilizados, mesmo que evitado por teóricos como Giorgio Agamben), Churban (que em hebraico significa “destruição” e carrega conotações religiosas), Shoah (“devastação” ou “catástrofe” em hebraico e também está relacionada a uma sentença divina), Aniquilação, Solução final (termos que evocam todo o processo idealizado e implementado para o extermínio judeu na Europa; “Solução Final da questão judaica europeia” era como se referiam os nazistas ao plano discutido em reuniões de governo), Auschwitz (de nome de uma cidade normal para uma referência de morte e extermínio), Acontecimento, Reino da Noite (esses dois últimos utilizados pelo sobrevivente deste episódio, Elie Wiesel, apresentando um teor místico relacionado à sua memória). Nós concordamos com Danziger (2007, p.1) quando diz que “todos os termos são parciais e insatisfatórios, impregnados de concepções históricas, políticas, filosóficas, ideológicas e teológicas”. Para este estudo, optamos por fazer uso do termo Holocausto, conforme indicam La Capra e Danziger, no referido artigo, embora essa escolha traga a concepção de algo voluntário, passivo, cuja história semântica é cristã.

Figura 1 – Colonizador escreve a História com sangue indígena



Fonte: CREAM MEME, 2021.

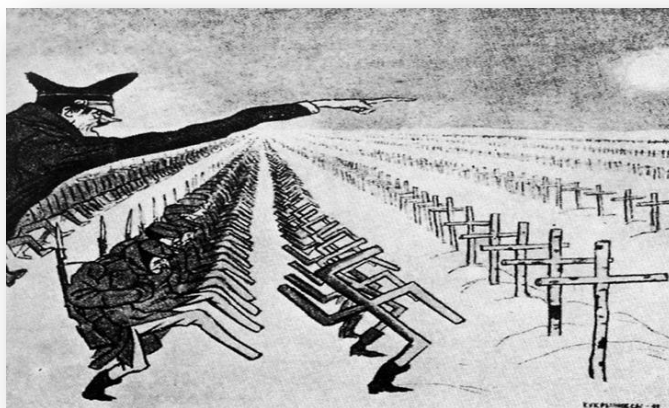
Figura 2 – Só o gado mais tonto vota em seu próprio açougueiro⁵



Fonte: HERMMANN, Rudold, 1932.

⁵ Esta charge, de autoria de Rudolf Hermann (1886-1965), veiculada no periódico satírico *Roter Pfeffer*, em 1932, foi ressignificada em 2020, na plataforma de rede social Twitter, pelo jornalista Ariel Palacios, devido às eleições presidenciais do referido ano no Brasil, demonstrando o que trataremos mais adiante sobre os perigos do passado se repetirem.

Figura 3 – Hitler envia seus soldados à morte⁶



Fonte: CHARGE SOVIÉTICA, [19--].

Na primeira imagem, um colonizador espanhol, identificado pela língua transcrita no texto, escreve literalmente a história da tomada das terras americanas com o sangue do indígena morto, como uma metáfora dramática da colonização. Pela força, em prol da exploração das riquezas presentes nos territórios *encontrados* – e não descobertos –, colonizadores dominaram os habitantes locais tiranicamente, julgando-os inferiores, sem modos ou cultura, o que, certamente, não procedia no plano factual. Diferença cultural e religiosa não deve ser examinada pelo prisma da hierarquia superioridade/inferioridade. Trata-se de uma visão preconceituosa que sempre pretende se impor.

A motivação para a construção de um “novo mundo”, comandado por Hitler, também se presentifica, simbolicamente, na segunda imagem. A população que o apoiava é comparada a um gado que acompanha cegamente seu futuro abatedor. Havia uma questão de interesse específico e de aliança instável entre as posições de aliado e inimigo para que a Alemanha pudesse alcançar seu apogeu. Em igual modo, a terceira imagem explicita uma transformação a partir de símbolos: os soldados de Hitler, representados pela suástica, tornam-se cruzes, ou seja, metaforizam a morte iminente na Batalha de Stalingrado, na qual as baixas alemãs superariam os 700.000 homens.

O estabelecimento de um dialogismo entre as duas primeiras imagens nos permite refletir sobre a possibilidade segundo a qual, de alguma forma, os massacres realizados

⁶ Charge soviética que ironiza as ações de Adolf Hitler, fazendo referência à Batalha de Stalingrado, na qual as chances de vitória alemã eram praticamente nulas.

durante a época da colonização das Américas⁷ tenham regressado ao continente dos colonizadores, séculos depois, assolando sua população direta ou indiretamente, pelo viés bélico: cidades devastadas, mortes, fome, sofrimento, expatriação, fuga em massa, intolerância perante diferentes culturas, racismo...

De acordo com essa interpretação, as imagens apresentadas são passíveis de denunciar uma história que se repete há séculos, protagonizada pelos opressores, enfatizando a necessidade de prosseguirmos com a desconstrução de paradigmas preconceituosos. Com o avanço dos “Estudos Decoloniais”, em variadas áreas do conhecimento, muito se tem repensado e difundido a esse respeito, desde a impugnação do uso de expressões linguísticas inadequadas até a revisão do lugar reservado a escritores e obras considerados de “menor prestígio” devido à raça, à etnia ou à classe social à que pertencem.

Para além de uma reparação histórica, é urgente olhar o passado para evitar a reedição de episódios como os vistos durante a escravidão negra e indígena, as perseguições e execuções devido à xenofobia, ao preconceito racial ou à intolerância religiosa. Assim sendo, a crítica chargística é capaz de contribuir para a construção de um mundo melhor, apoiado no espírito crítico, na valorização dos direitos humanos, graças à propagação em massa do reexame desses valores.

Muitas foram as publicações de imagens, charges e pôsteres referentes à Segunda Guerra Mundial e, até os dias atuais, é possível encontrarmos novos materiais que comparam essa época à de hoje, assim como propusemos a hipótese analógica entre as invasões coloniais e o período da Grande Guerra. Cumpre ressaltar que há diversos estudos que exploram essa temática no Brasil e no mundo, alguns deles consultados para a confecção desta pesquisa⁸.

Como um *phármakon*, que em grego pode significar veneno ou remédio, todavia, há um componente ambíguo no processo de circulação da informação – imagística ou verbal – que pode ser manipulada, a exemplo do que ocorria na propaganda nazista. Uma série de

⁷ À medida que avançamos nos estudos sobre as atrocidades cometidas contra o homem pelo regime nazista, mais semelhanças identificamos com os capítulos da História referentes à Colonização das Américas e à Escravidão. Veremos mais à frente que a categorização de indivíduos como animais na época nazista se mostrava presente no tratamento dos colonizadores europeus perante indígenas e negros. Ainda observamos a expulsão dos indivíduos de sua terra e do convívio familiar, bem como a renúncia obrigatória à sua cultura e religião. De modo geral, a terra, a cultura e a religião de judeus, indígenas e negros são encaradas como uma preciosa herança ancestral e/ou divina.

⁸ A esse respeito, sugerimos os seguintes trabalhos: PEREIRA, Wagner. O JULGAMENTO DE NUREMBERG E O DE EICHMANN EM JERUSALÉM: O CINEMA COMO FONTE, PROVA DOCUMENTAL E ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA, 2009. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022. BOVO, André Luiz. “Os pôsteres alemães da Primeira Guerra Mundial: uma análise do discurso nacionalista e o uso imaginário no período. Temporalidades” – Revista de História. UFMG. Ed. 28, v. 11, n. 1 (set./dez. 2018).

materiais foram produzidos e difundidos, nos primeiros anos do século XX, expressando uma das preocupações nazistas quanto ao conteúdo dessas publicações, produzindo uma guerra subterrânea de contrainformações.

Alguns detalhes eram velados, como a própria nacionalidade de Hitler. Embora austríaco, considerava-se alemão e era isso que importava, afinal, seus decretos eram taxativos sobre quem podia ou não ser algo – profissão, nacionalidade, representatividade política –, sobre quem era irrelevante, inferior, perigoso, inimigo ou não, indiferentemente de se havia sido amigo ou aliado em algum momento.

Podemos pressupor ainda que fazia parte do esquecimento proposital de Hitler a respeito de suas origens em Linz e Viena o fato de que ele nunca mencionou Edward Bloch, o médico judeu de seus pais, nem tampouco o advogado Joseph Feingold e o fabricante de molduras, que, ao comprar suas aquarelas, o [incentivou e auxiliou] nos tempos difíceis de Viena, ou ainda Neumann, fiel companheiro de albergue, todos eles judeus. (OLIVEIRA, 2015, p. 27)

Os sacrifícios necessários para a construção de um amanhã glorioso seriam realizados sem distinções, como descobriram Hanisch e Ernest Röhm⁹, no passado, amigos e aliados de Hitler, tanto quanto a massa que o apoiava, os soldados nazistas e, obviamente, os indivíduos que estavam na mira do ditador.

Com o iminente fim do III Reich¹⁰ sob seu comando, ele não pôde presenciar a queda total de tudo pelo que havia trabalhado e cometeu suicídio em Berlim, no *bunker* da Chancelaria onde estava confinado, em 30 de abril de 1945, com um tiro na têmpora.

Todavia, não poderia deixar o mundo e seu legado totalmente à deriva, “o testamento político de Hitler, escrito em 29 de abril no *bunker*, declara que ele preferia morrer a ser feito prisioneiro e deposto, e traz o pedido a seus sucessores para fazer o possível para fortalecer o espírito de resistência e continuar a guerra” (GELLATELY, 2011, p. 386).

⁹ Oliveira (2015) compartilha a ligação entre o Führer e Hanisch (2015, p. 31) e Ernest Röhm (2015, p. 43-44), que passaram de companheiros de ideais e de governo de Hitler a suas vítimas. Hanisch foi colega de quarto dele em um albergue de Viena. Juntos, tinham uma oficina onde confeccionavam cartazes publicitários (Hitler era um bom desenhista publicitário), porém, em 1938, foi assassinado por tentar colocar-se em posição de igualdade ao antigo amigo. Röhm, por sua vez, prestou a Hitler um inestimável serviço, pois era “o cérebro do regime militar secreto da Baviera”. Apresentou ao amigo contatos políticos, forneceu armas e dinheiro, ajudou a ganhar a simpatia dos militares e organizou uma tropa de choque contra investidas de partidos rivais. Röhm era tão competente que, assim que possível, foi eliminado por ser um potencial rival.

¹⁰ Do alemão, *Drittes Reich*, é um termo utilizado para referir-se à Alemanha Nazista, proferido pela primeira vez por Dietrich Eckart, grande amigo de Hitler de 1919 a 1923, ano de sua morte devido a um ataque cardíaco. Eckart, redator do jornal do partido nazista era “dotado do hábito da leitura, conhecedor dos homens, e influenciado pelos mesmos preconceitos que Hitler” (OLIVEIRA, 2015, p.44), abriu portas de conhecimento letrado e da “boa sociedade” de Munique. Ele ficou espantado como Hitler, seu aprendiz, o havia superado em genialidade e pela sua mania de grandeza.

1.2 A justificativa nazista e suas consequências

No dicionário *Aurélio* (2008, p. 278), uma das definições do verbete “homem” refere-se a “qualquer indivíduo de uma espécie animal de mamíferos bípedes, simiiiformes, mas com grande desenvolvimento cerebral, capacidade de fala e raciocínio”. Chamamos a atenção para alguns constituintes desta definição: “qualquer indivíduo” não exclui quem quer que seja devido à raça, etnia, classe ou profissão; o homem possui a capacidade de falar, raciocinar, pois apresenta um “grande desenvolvimento cerebral”, diferentemente de outras espécies.

A comunicação bem desenvolvida e o poder da argumentação exemplificam as vantagens da fala e do raciocínio, as quais podem tornar o homem criativo, persuasivo, industrioso e/ou destrutivo. Essas características do *Homo Sapiens*, em diversos capítulos da existência humana, converteram-se em desvantagens para a Terra e para o próprio homem, como as guerras e as grandes calamidades confirmam (HARARI, 2017, p. 19-20).

O chamado *homem sábio* constituía grupos que não eram homogêneos. Mesmo que seus membros tivessem muito em comum (cérebros mais desenvolvidos, linguagem capaz de comunicar ilimitadas mensagens, braços mais curtos, habilidades variadas), dividiam-se em categorias com determinadas funções. Em consequência, passaram a instituir relações de poder dentro de sua própria espécie. Passada a hegemonia teocentrista, o antropocentrismo rouba a cena, dando ao homem cada vez mais força, só que não mais por “vontade” divina, propagação do medo do inferno nem por cruzadas que visavam o lucro e o poder político sob a falsa prerrogativa de luta pela moral cristã.

As relações de poder fixadas, muitas vezes arbitrariamente, estabeleciam que grupo seria subjugado por outro: quem poderia ou não ser sacrificado para satisfazer e/ou aplacar a ira dos deuses; os escravos trabalhariam duro diariamente, enquanto os seus superiores, em diferentes épocas da história, gozariam de uma vida de luxo e de riqueza; a cor da pele ou a diferença cultural poderiam ser indicadores de justificável uso de violência e das mais terríveis tiranias; os escolhidos divinos impunham penitências, obrigações e regras que lhes agradavam – na verdade, um exercício de controle – ditados pela autoridade que professavam possuir.

A forma de governo instaurada por Adolf Hitler ao assumir o poder, em 1933, é o Totalitarismo. Hannah Arendt, uma das mais influentes filósofas políticas alemã, de origem judaica, em sua obra *As Origens do Totalitarismo* (1979, p. 375) define essa nova forma de governo, baseada na subjugação das massas, ao alegar que

graças à sua ideologia peculiar e ao papel dessa ideologia no aparelho de coação, o totalitarismo descobriu um meio de subjugar e aterrorizar os seres humanos internamente. Neste sentido, elimina a distância entre governantes e governados e estabelece uma situação na qual o poder e o desejo de poder, tal como os entendemos, não representam papel algum ou, na melhor das hipóteses, têm um papel secundário.

Há todo um mecanismo coeso em uma hierarquia determinada, mas a liderança desse governo é substituível. Uma interdependência entre a massa e o líder totalitário faz-se presente: ele representa o desejo do povo (desejo ou desejos sabiamente orquestrados e destilados segundo os interesses do líder) e o povo vislumbra no seu líder o caminho de concretização de seus intentos.

Dentro das relações de poder instituídas pela hierarquia do III Reich, havia o forte apelo à obediência dos soldados nazistas em cada frente e, em especial, os que atuavam nos campos de concentração ouviam sobre seu vital papel de seguir ordens duras, “demonstrando firmeza inabalável” ao “educar os prisioneiros” (GELLATELY, 2011, p. 312). Eram verdadeiros heróis que lutavam pela pátria, pela nação alemã, acreditando que “representar uma cultura prévia como monstruosa justifica seu deslocamento ou extermínio, fazendo com que o ato de extermínio apareça como heroico” (COHEN, 2000, p. 33).

Tudo quanto fosse necessário deveria ser realizado; os nazistas exerceriam o papel da natureza (seleção natural) ao efetuar a triagem dos indivíduos mais aptos a sobreviver, segundo suas ideologias. Assim, compreendendo sua função no paranoico plano de Hitler, em prol da grandiosa Alemanha, os SS (sigla para *Schutzstaffel*, – “esquadrilha de proteção”, uma organização nazi policial e paramilitar) acreditavam estar protegendo o *front* interno, o que justificaria e atenuaria a crueldade de toda e qualquer prática adotada nos *Lager* com relação ao tratamento dos inimigos do governo. Estavam a serviço da Nação, apenas cumpriam seu dever de modo mecanizado, sem comoção ou empatia.

Segundo Enzo Traverso, as câmaras de gás e os fornos foram o ponto culminante de um longo processo de desumanização e de industrialização da morte, entre cujas características originais estava integrar a racionalidade instrumental com a racionalidade produtiva e administrativa do mundo ocidental moderno (a fábrica, a burocracia, a prisão, o exército). Mecanizada, a execução em série transformou-se

em um procedimento puramente técnico, impessoal, silencioso e rápido. (MBEMBE, 2016, p. 129)

Hitler também estava envolvido diretamente “no processo de brutalização” no quesito sabotagem (GELLATELY, 2011, p. 343). Com a resistência da Rússia e da França em algumas frentes, mentiu sobre o tratamento dos inimigos, dizendo que prisão perpétua seria pouco perante o que era infligido aos soldados nazistas quando capturados, aumentando o nível de frieza e crueldade de seus soldados para com os inimigos. A promessa de uma suposta arma mágica, que concederia a vitória à Alemanha, esse esperado milagre, também tornou os soldados e os cidadãos ainda mais cruéis no trato dos inimigos, fossem estrangeiros ou os próprios alemães, uns estavam contra os outros em um terror sem fim (2011, p. 354), delatando, prendendo, caçando suspeitos.

Por fim, a mentalidade do já desesperado *Führer* ditava que se a Alemanha perdesse a guerra, tudo estaria perdido, inclusive o povo; e os fracos, os inferiores, estariam vivos, uma vez que “os bons já [teriam] sido mortos” (2011, p. 366). Ele desejava, na verdade, explodir os campos e eliminar o mal que neles ainda resistia para encobrir as atrocidades executadas.

Contudo, antes de terem que responder por cada um dos terríveis crimes cometidos, visto que os soviéticos¹¹, em 1944, aproximavam-se de seus territórios, os nazistas resolveram destruir todas as provas possíveis do modo mais discreto: primeiramente, intensificaram os homicídios nos campos, depois, desmantelaram “o processo industrializado de extermínio” (2011, p. 370) e evacuaram aqueles locais, obrigando os prisioneiros restantes, cuja saúde estava severamente debilitada, a uma marcha de fuga em inverno rigoroso. A “Marcha da morte”, como ficou conhecida pelos sobreviventes.

É inegável que toda a ideologia hitleriana, por mais que tivesse sólidos argumentos e justificativas fundamentadas na ciência – segundo Hitler –, não teria sido tão difundida sem a forte propaganda nazista. Filmes, livros, programas de rádio, folhetos, cartazes educativos [sic] e antissemitas espalhados por todo o território eram disponíveis para todos os cidadãos, assim como comícios, treinamentos civis e militares. Grupos estudantis também fizeram parte das medidas da propaganda em massa de Hitler, sob o comando de Joseph Goebbels, grande orador e ministro da propaganda nazista.

¹¹ Infelizmente, a perversidade nazista foi paga na mesma moeda por soldados soviéticos que aterrorizaram vilas e cidades alemãs. Como vingança, estupros das mais jovens às mulheres mais velhas – a escapatória para algumas alemãs foi o suicídio –, roubos – diversas vezes incentivados pelos superiores – e muita destruição (GELLATELY, 2011, p. 385-386).

1.3 O Poder do Discurso e a relação entre Nação e Discurso

Conforme se acredita, as leituras foram fundamentais para a articulação dos ideais que Hitler defenderia por toda sua vida – veremos um pouco mais a respeito do poder e dos impactos da leitura mais à frente, durante a análise dos *corpora*. Adquirir conhecimento e saber como aplicá-lo pode mudar o rumo da história. Hitler sabia disso e sua poderosa oratória o evidencia.

A oratória era uma faculdade extremamente valorizada na democracia grega, pois conferia distinção e reconhecimento a quem a dominava. Górgias de Leontino, um dos mais famosos e influentes professores de Retórica na Grécia Antiga, durante uma visita a Atenas, demonstrou o poder da linguagem ao defender a polêmica Helena de Troia, personagem mítica responsabilizada pela destruição de reinos e de homens.

A respeito da persuasão como forma de encantamento, o que também dialoga com o *modus operandi* discursivo de Hitler, Górgias alega, em defesa de Helena:

Mas se aquele que a persuadiu, que construiu uma ilusão em sua alma, foi o discurso, também não será difícil defendê-la contra esta acusação, e destruir a inculpação da seguinte forma: o discurso é um grande soberano que, por meio do menor e do mais inaparente dos corpos, realiza os atos mais divinos, pois ele tem o poder de dar fim ao medo, afastar a dor, produzir a alegria, aumentar a piedade. [...] As encantações que os deuses inspiram vêm, através das palavras do discurso, provocar o prazer, afastar a dor, pois a força de um sortilégio, na medida em que penetra a opinião da alma, a atrai, a persuade e a transforma como que por magia. (CASSIN, 2005, p. 296-297)

Desse modo, Helena é isenta de culpa em cada uma das quatro possibilidades apresentadas por Górgias¹², demonstrando que um bom argumentador – cuja maior exemplaridade está nos sofistas – de tudo é capaz, e, por outro lado, que tal poder discursivo atribui ao discursante a responsabilidade pelos atos de seus ouvintes, segundo esse filósofo e professor grego.

¹² A título de curiosidade e melhor contextualização da explanação desse personagem grego, Górgias aponta as quatro verossímeis possibilidades que fizeram com que Helena fosse a Troia: por desígnio divino, sedução amorosa, rapto ou persuasão discursiva (CASSIN, 2005, p. 295). Caso fossem a primeira ou segunda hipóteses, a vontade dos deuses que estaria em ação, era o destino agindo e nada poderia ter sido feito para impedir, sendo a personagem absolvida de culpa. Se havia sido um rapto, Helena era a vítima e a culpa recairia sobre o agressor. As três primeiras possibilidades seguiam a lógica de que o ser mais forte governa o mais fraco: deuses e o destino governam os humanos e os humanos mais fortes ou mais poderosos, os mais fracos. Górgias argumenta que a quarta e última possibilidade é equivalente a ser vítima dos deuses, do destino e de homens mais fortes, pois entra em cena a potência do *logos*, veiculada ao discurso poético ou não; um encantamento, uma magia das palavras.

Quando nos voltamos para Hitler, situado a séculos de distância de Górgias, podemos notar esse encantamento, essa ilusão envolvente, um arrebatamento semelhante à magia que acompanhava as palavras do líder nazista, porém adornada de técnica (pausas e entonação planejadas, por exemplo) em seus apelos à massa: magia e manipulação do discurso hitleriano em ação.

Oliveira (2015, p. 39-40) esclarece que, diferentemente dos outros oradores de Munique contemporâneos de Hitler, este apresentava com persistência suas ideias sem se importar com seu caráter ideológico, mas com sua utilidade para alcançar o desejo de chegar ao poder.

Que a persuasão, que adentra o discurso, imprime também na alma as marcas do que bem quiser, é necessário tornar-se consciente, a princípio, com o discurso daqueles que falam do céu, daqueles que, opinião contra opinião, eliminando uma, desenvolvendo outra, fazem com que coisas incríveis e invisíveis brilhem aos olhos da opinião; em segundo lugar, com os combates constrangedores por meio de discursos, quando um único discurso encanta e persuade uma massa considerável, e quando é a arte que engendra a sua redação e não a verdade que determina o seu pronunciamento... (CASSIN, 2005, p. 299)

Meios de comunicação como o rádio tornaram-se muito populares, nesse contexto, e sua utilização para transmissão de discursos políticos do Führer revelou-se uma peça-chave para a cooptação das massas que viam em tal líder uma figura “redentora”, “messiânica”.

A popular frase de que uma mentira muitas vezes repetida se torna uma verdade poderia ocupar o lugar de uma máxima no que tange à técnica de Hitler, afinal, essa frase foi proferida pelo eficiente ministro da propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels.

Hitler reiterava constantemente suas opiniões ou algumas inverdades dando-lhes o peso de verdade para seus ouvintes através de um discurso persuasivo, sedutor e enganador, eivado de palavras cheias de promessas, racismo, antissemitismo, visto que a experiência originária do nazismo, numa abordagem histórica, é fruto da crise por que passava o mundo capitalista. Desde os seus primeiros discursos, proferidos durante seu serviço no exército alemão, Adolf Hitler já percebia seu talento com as palavras:

Posso dizer que a minha atuação foi coroada de êxito: centenas, talvez milhares de camaradas foram por mim reconduzidos, no decorrer das minhas lições, ao seu povo e à sua Pátria. Eu "nacionalizava" a tropa e podia, por esse meio, auxiliar a fortalecer a disciplina geral. (HITLER, 1925, p. 206)

Como a história registrou, ele seguiu desenvolvendo este dom em meio à oportunidade, aproveitando o fracasso dos políticos alemães da República de Weimar, a sede do povo por mudanças radicais e sua popularidade em constante crescimento:

Hitler pôde fazer a transição de contagiante orador político para profundamente amado Führer do povo alemão em um notável curto período de tempo. Ele percebeu que a maioria de homens e mulheres queria a adoção de medidas radicais para lidar com a ampla crise do país e [...] que poderia reconectá-los com o que sentiam ser os sentimentos mais sólidos das tradições alemães. Hitler teve condições de tramar nos bastidores e de manobrar para ocupar essa posição de confiança e compreensão. (GELLATELY, 2011, p. 34)

A Nação Alemã, como qualquer outra, sob ponto de vista de teóricos importantes da atualidade, como Homi Bhabha e Craig Calhoun, também pode ser vista como consequência de uma construção discursiva. Bhabha (1997, p. 55), concebe a Nação como uma elaboração cultural, uma criação narrativa que se mostra ambivalente: “Porque a nação, como forma de *elaboração* cultural [...], é um agente de narração *ambivalente* que detém a cultura em sua posição mais produtiva, como uma força tanto para ‘subordinar, fraturar, difundir, reproduzir – tanto quanto para produzir – criar, forçar, guiar’”. (grifos do autor)

Sob a forma de narrativa, o conceito de Nação assume um poder amplo, já que emerge do intercâmbio entre estudos literários e políticos. Trata-se de uma narrativa performativa, no sentido que existe como efeito discursivo de si mesma, pautada em seu cotidiano, no presente. O autor privilegia este caráter performático em detrimento de uma busca pedagógica (datar, catalogar traços das nações) que remonte às origens das nações (BHABHA, 2005, p. 209).

Bhabha toca na questão da heterogeneidade da Nação, uma vez que, como discurso, é formada por uma multiplicidade de vozes (BAKHTIN, 2013, p. 5):

O problema não é simplesmente a ‘individualidade’ da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação [...] torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, 2005, p. 209-120, grifo do autor)

Para Bhabha, portanto, a Nação, heterogênea e múltipla em sua constituição, é um processo, uma narração contínua. Calhoun (2008, p. 54) concorda com o outro autor quanto à perspectiva de nação, contudo, inverte a equação: Nação → Nacionalismo, de modo que a Nação, tal como ele defende, é construída a partir do Nacionalismo, sendo este melhor entendido como uma formação discursiva.

Portanto, o nacionalismo é, ao mesmo tempo, um modo de construir grupos e uma reivindicação normativa. Os dois lados unem-se em ideias sobre quem de fato está irmanado numa determinada sociedade e em argumentos de que os membros têm obrigações morais para com a nação como um todo – talvez mesmo a de matar em seu nome ou de morrer por ela numa guerra. (CALHOUN, 2008, p. 53)

Para esse autor, o nacionalismo cria a Nação, não o contrário, e serve para “organizar percepções de identidades humanas básicas, agrupando pessoas com outras da mesma nacionalidade e as distinguindo de membros de outras nações” (2008, p. 53). Dentro dessas organizações, atitudes diversas podem surgir, prejudicando, consideravelmente, essa unidade, segundo os interesses de um determinado grupo, como Hitler e seus apoiadores fizeram.

O nacionalismo é muito disseminado no mundo moderno por ser amplamente *utilizado*, não meramente encontrado, mas usado em projetos diferentes – para reivindicar ou contestar a legitimidade de governos, exigir a reorganização de currículos escolares, promover a eliminação de minorias étnicas na busca da pureza racial ou cultural. Seu significado está nas interconexões entre vários usos, não em qualquer um deles isoladamente. (CALHOUN, 2008, p. 39, grifo do autor)

Seguindo o raciocínio apresentado por Bhabha e Calhoun, haja vista Nação ser uma formação discursiva, a imagem da diversidade constituída em seu interior estará presente também em forma de discurso. Nesta polifonia, o discurso hitleriano é parte integrante da grande formação discursiva chamada Nação Alemã, porém com a distinta característica de destoar completamente do aspecto pacífico presente em outros discursos.

O pensamento do pesquisador Luiz Sérgio Krausz (2010, p. 194) dialoga com essa perspectiva ao esclarecer que: “a gradativa entrega ao fanatismo que se observa na Alemanha dos anos 1933-1945 revela-se como o triunfo de uma retórica e de uma língua cujo objetivo é conduzir à criação de hordas e não de um corpo de consciências individuais”.

Nesse sentido, o fanatismo erige-se como “um traço muito comum dos líderes nazistas e seus seguidores, em tudo que dizia respeito à ideologia nacional-socialista.” (DRUMOND, 2017, p. 143). Essa característica foi um dos sustentáculos do nazismo, que contribuiu para que o movimento fosse não somente político, mas doutrinário, dogmático, tendo reunido uma legião de adoradores fanáticos.

1.4 Um processo de desumanização

Quando nos tornamos ‘um povo’? Quando deixamos de sê-lo? Ou estamos no processo de nos tornarmos um povo? Como essas perguntas fundamentais têm que ver com as relações entre nós e com os outros?

(Edward Said, 2007)

Diferentemente dos animais, o *Homo Sapiens* possui um grande desenvolvimento cerebral e uma capacidade de raciocinar e de se comunicar verbalmente. Um dos primeiros estágios de desumanização nazista consistia em apresentar o indivíduo como inferior devido a diversas características físicas, à etnia, à raça, à orientação sexual, entre outras. Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) demonstram como a regressão do progresso da razão à ideologia é capaz de alicerçar um discurso fascista.

A respeito do homem e do animal, os referidos autores atribuem a crueldade ao homem e o instinto ao animal (1985, p. 115): “O homem possui a razão, que procede impiedosamente; o animal, do qual ele tira a conclusão sanguinolenta, só tem o pavor irracional, o instinto da fuga que lhe é vedada” e, acrescentam que a “falta de razão não tem palavras. Eloquente é a sua posse, que estende seu domínio através de toda a história manifesta. A terra inteira dá testemunho da glória do homem”.

De fato, inibir o pensamento e a reflexão do homem é deixá-lo desarmado perante os estratégias dos eloquentes, cujo poder provém da palavra de convencimento e de comando. As massas obedecem e os subordinados executam as ordens de seus líderes com igual disciplina contra seus outrora semelhantes que, por exclusão, foram rebaixados à categoria animalesca.

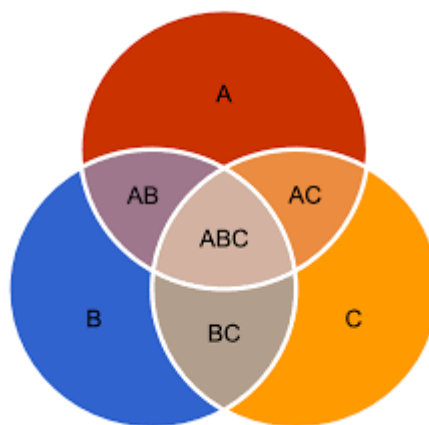
Contudo, o homem-animal pode ser foco de ódio exacerbado e o ser-humano, em constante busca pelo seu lugar no mundo, pode ter sua visão sobre a humanidade deturpada, terminando por se debruçar sobre a distinção apresentada pelos poderosos indivíduos constituintes de uma organização social, política etc. Segundo Kappler (1993, p. 13-15), nessa sociedade nascem os “monstros”, isto é, as ameaças ao “homem”. Os indivíduos diferentes são muitas vezes encarados, na sua alteridade, como tipos de monstros.

De acordo com Cohen (2000, p. 32), o monstro “é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio”, origina-se no Dentro, mas é uma incorporação do Fora, do Além. No interior da sociedade nasce, segundo o autor, a distinção entre o “eu”, o “outro” e o “outro além”. Assim, passam a existir diferenças de ordem cultural, política, racial, econômica e sexual. Tais diferenças geram categorias separadas que, contudo, permitiam intersecções, como em um diagrama de Venn (2000, p. 39).

Encaixar-se em uma categoria ou mais garantiria, no mínimo, expulsão ou extermínio justificados. Como exemplo, poderíamos ter A = Judeu, B = Comunista ou não nazista e C =

Pessoas com deficiência. As intersecções significam pertencimento a mais de um grupo: AB = Judeu Comunista ou não nazista e assim por diante.

Figura 4 – Diagrama de Venn



Fonte: WOLFRAM LANGUAGE, [19--].

O contraste do homem *versus* os outros se intensifica sob este pensamento: o animal pode ser maltratado, mas o monstro deve ser destruído. Esta linha tênue entre o indivíduo que era considerado como um “animal” e o que era veiculado como um “monstro” praticamente não existia. Na ideologia nazista, ambos figuravam no mesmo patamar – “animal” e “monstro” estavam na fila para a destruição, o extermínio ou, caso existisse alguma ínfima oportunidade, prontos para a fuga devido à rejeição ao redor. Uma vez que a raça ariana era considerada superior, “judeus, ciganos, homossexuais e doentes mentais, tinham de ser colocados em quarentena e até mesmo exterminados”, ratificando “distinções claras entre “nós” e “eles”” (HARARI, 2017, p. 241-243).

O “nós” é composto por indivíduos cuja cultura, língua e religião são partilhadas e o “eles” (HARARI, 2017, p. 203) pode ser compreendido, logicamente, como pessoas que não se enquadram nos padrões do “nós”. O “eles” deve, portanto, ser mantido à margem, não podendo se misturar. O “Eu” e o “Outro” de Cohen podem equivaler ao “nós” de Harari, da mesma forma que, respectivamente, o “Outro Além” poderia ser o “eles”, a alteridade alheia, a vida do grupo social dominante ou dominador.

Com efeito, Homi Bhabha (1997, p. 58) afirma que o “‘outro’ nunca está fora ou além de nós; ele força sua emergência dentro do discurso cultural, quando *achamos* que estamos falando ‘entre nós’ da maneira mais íntima e mais regional” (grifo do autor). Na verdade, segundo Bhabha, quando fazemos referência ao “nós”, o “outro” faz-se presente, pois há uma oposição intrínseca entre essas, digamos, categorias de indivíduos na sociedade.

O discurso nazista não apenas fazia essa distinção natural, mas a elevava, como vimos, ao paroxismo do preconceito. Aqueles que eram diferentes e, conseqüentemente, excluídos, por vezes uniam-se para sobreviver e resistir em guetos¹³ ou migravam para outros territórios. Verifica-se, então, um deslocamento da monstruosidade, dadas as circunstâncias registradas não por uma ou outra voz, mas por tantas quantas tiveram força e meios para denunciar ou registrar tais acontecimentos – como Walter Benjamin, Paul Celan, Elie Wiesel, Anne Frank. Dito de outro modo, ocorre uma degeneração da humanidade na prática de tratar o semelhante como o “eles”, isto é, na qualidade daqueles que não compartilhavam da mesma cultura¹⁴.

Ao definir uma raça como superior, revela-se o maior medo: encontrar semelhanças e não diferenças, sendo o objetivo principal descrito por Cohen aludindo a Girard (1986, p.21-22):

René Girard tem escrito sobre a real violência exercida por essas degradantes representações, vinculando as descrições que transformam as pessoas e grupos em monstros com o fenômeno do bode expiatório. [...] O potencial do sistema para diferir de sua própria diferença; em outras palavras, não ser diferente de forma alguma, deixar de existir como um sistema... A diferença que existe fora do sistema é aterradora porque ela revela a verdade do sistema, sua relatividade, sua fragilidade e sua mortalidade... Apesar do que é dito ao nosso redor, os perseguidores não estão nunca obcecados com a diferença, mas, antes, com seu impronunciável contrário: a falta de diferença. (COHEN, 2000, p. 39-40)

O ódio semita advinha de uma diferença cultural se considerarmos uma esfera mais ampla, mas encontrava-se também ligado a fatores econômicos, políticos e ideológicos.

¹³ Cujá recorrência primeira remete ao ano de 1516, em Veneza, quando os judeus foram reunidos, por ordem do Senado em uma ilha remota, um local chamado *Ghetto Nuovo* (derivação italiana de *borghetto*, que pode significar bairro, vila, aldeia etc.). Inicialmente, segundo Wacquant (2008, p.78), esse termo significava “consignação forçada de judeus a distritos especiais por parte de autoridades políticas e religiosas da cidade” e servia como uma “instituição de duas faces”, não judeus e judeus. Aqueles confinavam e controlavam os moradores do gueto dentro de um território geograficamente delimitado; estes, subordinados ao grupo dominante, tinham à disposição um local relativamente seguro, no qual poderiam seguir seus ditames religiosos e culturais de modo integrado à sua comunidade. Com o advento dos guetos nazistas houve a significativa mudança de que esses territórios estariam destinados como depósito de uma raça inferior (WACQUANT, 2008, p. 91).

¹⁴ Hobsbawn (1995, p. 121) comenta acerca da diáspora judaica para locais do mundo mais tolerantes, implicando a saída de quase um terço dos professores das universidades alemãs e o êxodo de muitos intelectuais judeus e esquerdistas. Outro aspecto apontado pelo autor insiste ainda na distinção “eu” *versus* “eles”, postura adotada pelo povo, de um modo geral: “Além disso, embora os cidadãos comuns pudessem desaprovar as barbaridades mais brutais do sistema — os campos de concentração e a redução dos judeus alemães (que incluía todos aqueles com pelo menos um avô judeu) a uma segregada subclasse sem direitos —, um número surpreendentemente grande via tais barbaridades, na pior das hipóteses, como “aberrações limitadas” e “os que liam livros, incluindo o *Mein Kampf* do próprio Führer, tinham mais probabilidade de reconhecer, na sanguinária retórica dos agitadores racistas e na tortura e assassinato concentrados em Dachau ou Buchenwald, a ameaça de todo um mundo construído no deliberado reverso da civilização”.

Figura 5 – “Por trás das forças inimigas: O Judeu”



Fonte: HONICH, 1942.

Cartazes de judeus como demônios e discursos inflamados empoderavam e difundiam a luta contra aqueles “monstros”, intrusos e conspiradores: “Numa sociedade cheia de descontentamentos, o nazismo oferece um ideal revolucionário que tem por base a comunidade racial germânica. Num mundo incerto, ele busca certezas no passado, a revolução promete a criação do Homem Novo – ariano – contra seus corruptores: judeus e outros. (CAPELATO, 1995, p. 86)

Figura 6 – “O Judeu Eterno”



Fonte: HIPPLER, Flitz, 1942.

O pôster acima é do filme “O Judeu Eterno” (1940), do diretor alemão Fritz Hippler, apresentado em forma de documentário educacional, abordando como o judaísmo poderia configurar um problema internacional. O objetivo principal era revelar a “verdadeira essência” dos judeus (PEREIRA, 2009, p. 12), que permanecia mascarada.

Dispersados pela Europa pela diáspora e recusando-se a serem assimilados à sociedade cristã, os judeus têm sido, desde sempre, os alvos preferidos da representação xenófoba, pois aqui estava uma cultura alienígena que vivia, trabalhava e, em certas épocas, até mesmo prosperava no interior de imensas comunidades dispostas a se tornar homogêneas e monolíticas. Na Idade Média, os judeus foram acusados de crimes que iam desde trazer a peste até sangrar as crianças cristãs para fazer as comidas do *Pessach*. Os nazistas alemães simplesmente levaram essas antigas tradições de ódio ao extremo, inventando uma Solução Final que diferia das perseguições anteriores apenas por sua eficiência tecnológica (COHEN, 2000, p. 34).

Uma sociedade ressentida pelas condições humilhantes impostas pelo Tratado de Versalhes, corolário da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, indignava-se ao perceber os lucros continuamente existentes entre os judeus, onde a moeda circulava internamente como numa rede de autoproteção.

A profunda crise social, a necessidade de reconstruir uma nação em ruínas e o espírito fragilizado conduziram o povo, o partido dos Trabalhadores Alemães, que era nacionalista, e a juventude, ansiosa por se aventurar em uma causa, a sucumbir diante do eloquente sequestro ideológico promovido por Adolf Hitler e de sua subvertida visão de seleção natural darwiniana: “Eles combatiam o humanismo liberal, os direitos humanos e o comunismo precisamente porque admiravam a humanidade e acreditavam no grande potencial da espécie humana” (HARARI, 2017, p. 243), portanto, para que a humanidade não fosse extinta, era necessário que se promovesse a seleção.

“O corpo monstruoso é pura cultura. [...] O *monstrum* é, etimologicamente, ‘aquele que revela’, ‘aquele que adverte’” (COHEN, 2000, p. 27). Revela o receio de não haver diferença entre os homens que permita a um determinado grupo se considerar superior. Revela até onde os homens podem ser capazes de chegar para alcançar seus objetivos. Adverte sobre os perigos e os riscos de extremismos já vistos em capítulos anteriores da História, os quais, às vezes, ameaçam as relações humanas que são, naturalmente, problemáticas e conturbadas.

Eis o “monstro” judeu subjugado pelo “herói” nazista. Nitidamente uma questão de relativização de um ponto de vista. Em síntese, o olhar categorizador se torna um instrumento de relativização por parte dos nazistas, que traduzimos sob uma outra

perspectiva – a não compactuante com o nazismo: o “monstro” semita foi prisioneiro da monstruosidade do opressor nazista. Afinal, quem é o monstro mesmo?

2 OS CORPORA

Há uma enorme quantidade de materiais sobre diversos aspectos da Segunda Guerra Mundial, de livros ficcionais e gibis a biografias, de matérias em revistas e sites populares a estudos e pesquisas acadêmicas, de documentários a filmes e séries baseados em fatos ou ambientados naquela época. Sobre este período histórico marcado por governos totalitários, Maurício Parada (2008, contracapa) reflete que “sua historicidade foi incorporada ao universo da produção cultural de massa, tornando-se um fenômeno que alimenta uma impressionante produção ficcional para o cinema, a televisão e a literatura”.

A partir dessa reflexão, torna-se crucial atentarmos para a dupla face dessa intrincada moeda. Por um lado, o Holocausto pode servir como uma metáfora para as mais diversas tragédias e histórias humanas, subtraindo a singularidade de cada acontecimento e suas consequentes explicações e denúncias, como bem salienta José Arbex Jr. (2018, p. 263-4).

Dessa forma, torna-se apenas pretexto e a “memória apresenta-se, então, como um espetáculo, um show sem densidade, uma sequência de slides que descrevem situações e provocam catarses, mas sem nenhuma outra consequência. O ato de recordar se esgota nele mesmo” (ARBEX JR., 2018, p. 264). Conforme Huyssen (2004, p. 13) conclui, o global e o local da memória do Holocausto precisam ser cuidadosamente analisados caso a caso, para que este fatídico momento não se torne apenas um “lugar-comum universal”. Arbex Jr. (2018, p. 270) adverte, ainda, que:

a memória de Auschwitz é cada vez menos memória e cada vez mais imagens que passam como num filme, na tela do computador, no visor do smartphone do tablet, e nada mais do que isso. E se a memória de Auschwitz é, por excelência, o ponto máximo de construção cultural em termos de cultivo do passado, então estamos diante do fenômeno do próprio aniquilamento da memória. Ela não diz mais respeito ao conhecimento, à aquisição de experiência ou sequer a lições de sabedoria que poderiam ser extraídas da tradição. Ela se transformou em puro vazio espetacular.

Analogamente, Rosana Kohl Bines (2005, p. 120-121) chama atenção para a necessidade dessa lente comparativa incidir, inclusive, sobre o sofrimento: “cotejar a dor em suas diversas manifestações e contextos é também uma forma de a disseminar, de torná-la patrimônio de todos”, quebrando o monopólio do sofrimento, mas há o risco de descartar dramas específicos e importantes que se perdem em um terreno de certa indiferença.

A partir dessas considerações a respeito do Holocausto, realizamos um estudo cuidadoso ao selecionarmos as obras e o recorte que daríamos para traçar os limites dessa

pesquisa, uma vez que as possibilidades de temas transversais são inúmeras e promissoras, dificultando consideravelmente tal seleção. Atentamos para a seriedade da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos, como o Holocausto.

Pesquisamos obras de períodos anteriores aos dos *corpora* escolhidos, obras diversas as quais atravessavam a história do êxodo judaico e caminhavam até distopias, tecendo padrões convergentes a alguns observados nas literaturas do Pós-Guerra. Acrescentamos, quase como um prefácio, à apresentação das obras *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*, alguns de nossos afortunados aprendizados e descobertas. A *Bíblia Sagrada*, livro de escrituras religiosas e, até mesmo, *Admirável Mundo Novo* (1932), o célebre romance distópico, de Aldous Huxley, podem ser exemplos de profecias de fatos relacionados a esta Guerra.

Quanto à *Bíblia*, no livro de Zacarias, encontrado no Velho Testamento, nos capítulos de 9 a 11, vemos uma das menções à profecia da rejeição dos judeus perante Cristo, o Messias, e sua dispersão por toda a face da terra como uma das consequências dessa rejeição. A dispersão judaica ou a diáspora é um fenômeno que ocorria desde a época das invasões babilônicas, em Israel, fazendo também parte da Segunda Guerra Mundial, na qual judeus de vários países foram enviados para campos de concentração ou obrigados a fugir.

Admirável Mundo Novo, um romance ambientado na Londres de 2540, escrito antes da eclosão do conflito em questão, mas inspirado nas agitações da época, antecipa realidades do totalitarismo nazista como a falta de liberdade em todas as suas formas, o controle dos indivíduos através da repressão e da lavagem cerebral, “valores espirituais [...] reduzidos a nada” (CANTON, 2015, p. 243). Esta obra ainda toca na questão da engenharia genética, porquanto uma série de experimentos com humanos eram realizados durante o império do III Reich.

Nesta breve exposição, constatamos a diversidade de *corpora* à disposição dos estudos intertextuais que visam às produções relacionadas à Segunda Guerra Mundial, as quais são repletas de significado. Essa multiplicidade de possibilidades permite ampliar pesquisas tendo a temática da guerra como fio condutor, concernindo trabalhos e estudos futuros, com especial interesse na literatura do Pós-Guerra¹⁵.

¹⁵ A Literatura do Pós-Guerra mostrou-se vasta e multifacetada. Canton (2015, p. 248-258) elenca autores com diferentes perspectivas e propostas: relatos de sobreviventes como de Paul Celan e Primo Levi, ainda de Edgar Hilsenrath e de Günter Grass (que foi soldado alemão aos 16 anos); publicações de registros de não sobreviventes, como Anne Frank; romances relatando novos temores, como a Guerra Fria e a contínua ameaça do totalitarismo, como George Orwell; técnicas de escrita novas, podendo ser fragmentadas, paradoxais, não cronológicas e com múltiplas perspectivas, como desenvolveram Jean-Paul Sartre e Günter Grass, que inspiraram Julio Cortázar e Gabriel García Márquez. A este elenco, acrescentamos obras escritas por filhos de

Adentraremos nas obras selecionadas, portanto, fazendo um recorte na literatura do Pós-Guerra e destacando alguns aspectos que nos chamaram a atenção para a posterior análise.

2.1 *A menina que roubava livros*

“Quando a Morte conta uma história, você deve parar para ler”, alerta a chamada presente na contracapa que encanta e atrai o leitor, exatamente como fez com milhões de pessoas ao redor do mundo, tornando esta obra um *bestseller* traduzido em mais de 40 idiomas, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos.

Publicado em 2005, chega ao Brasil em 2007, *A menina que roubava livros*, pela Editora Intrínseca e, até 2009, figurava entre os 12 livros mais vendidos no Brasil, jamais ficando abaixo do quinto lugar, nos seus primeiros anos. Para este trabalho, utilizaremos a 3ª edição do romance, datada de 2013, publicada pela Editora Intrínseca, cuja tradução é de Vera Ribeiro e ilustração de capa, de Trudy White.

A primeira capa original, na edição brasileira, é significativa: a sua quase totalidade branca remete-nos à neve, ao vazio e à morte – elementos que se emaranham na narrativa à medida que marcam inícios e encerramentos de ciclos. Abordaremos, no capítulo 3, uma breve análise simbólica baseada nas cores predominantes nas obras em questão, pois muito acrescentam e enriquecem os jogos e possibilidades interpretativas. Composta por prólogo, 10 partes ou capítulos formados por mini capítulos e epílogo, trata-se de quase 500 páginas escritas com extrema sensibilidade, numa linguagem poética que, ao mesmo tempo em que narra horrores indizíveis, exalta a beleza e a simplicidade potente de pequenas atitudes. Através da referida obra, Markus Zusak, escritor australiano, nascido em 1975, em Sydney, local onde ainda vive, tornou-se internacionalmente conhecido.

Para escrever esta obra, o escritor inspirou-se na história de um casal que viveu a infância durante a Segunda Guerra Mundial (39-45), seus pais, Helmut, austríaco, que era pintor e Elisabeth, alemã, que na infância gostava muito de ler; ambos, em 1950, foram para a Austrália. O autor buscou ser o mais verossímil e fiel aos fatos históricos possível, pesquisando, conhecendo o campo de concentração em Dachau, viajando para a Alemanha

sobreviventes do Holocausto, como é o caso de Art Spiegelman, Georges Perec e Noemi Jaffe, herdeiros da memória traumática da geração de seus pais.

para conhecer os hábitos alemães e proceder à recolha de histórias de amigos judeus, de seus pais etc.

Como podemos ver nas palavras do autor, em fragmento que constitui parte integrante dos elementos pós-textuais de *A menina que roubava livros* (2013, p. 480):

Ao falar de suas razões para escrever *A menina que roubava livros* [...], ele explica: “Eu queria escrever algo muito diferente do que tinha escrito antes. A ideia de um ladrão de livros estava em minha cabeça quando escrevi *Eu sou o mensageiro*, mas não estava pronta para ser escrita. A ideia original ambientava-se no presente, em Sydney, e isso não parecia muito certo. Depois, pensei em escrever sobre as coisas que meus pais tinham visto, ao crescerem na Alemanha nazista e na Áustria, e quando juntei as duas ideias, pareceu funcionar, especialmente quando pensei na importância das palavras naquela época, e naquilo que elas conseguiram levar as pessoas a acreditar, assim como levá-las a fazer”.

A menina que roubava livros conta a história de Liesel Meminger, que encontrou a Morte por 3 vezes e realizou a proeza de chamar a atenção deste ser sobrenatural, o qual decidiu contar as aventuras da menina cuja vida e identidade foram salvas graças às palavras. Essa é uma dentre as extraordinárias histórias que a Morte carrega, que servem como indícios do valor da humanidade perante tantas atrocidades por ela testemunhadas ao longo das eras.

A história da ladra de livros nos é apresentada pela narradora, a Morte, que elege interessantes escolhas lexicais com o intuito de pintar um quadro sinestésico para o leitor, misturando cores, paisagens, cheiros e sabores. Sua narração é bem-humorada, sincera e, por vezes, irônica. Logo no início do romance, a Morte esboça uma apresentação de si mesma como uma espécie de resultado comum, uma certeza para cada um dos viventes:

Eu poderia me apresentar apropriadamente, mas, na verdade, isso não é necessário. Você me conhecerá o suficiente e bem depressa, dependendo de uma gama diversificada de variáveis. Basta dizer que, em algum ponto do tempo, eu me erguerei sobre você, com toda a cordialidade possível. Sua alma estará em meus braços. Haverá uma cor pousada em meu ombro. E levarei você embora gentilmente. Nesse momento, você estará deitado(a). (Raras vezes encontro pessoas de pé.) Estará solidificado(a) em seu corpo. Talvez haja uma descoberta; um grito pingará pelo ar. O único som que ouvirei depois disso será minha própria respiração, além do som do cheiro de meus passos.

A pergunta é: qual será a cor de tudo nesse momento em que eu chegar para buscar você? Que dirá o céu?

Pessoalmente, gosto do céu cor de chocolate. Chocolate escuro, bem escuro. As pessoas dizem que ele condiz comigo. Mas procuro gostar de todas as cores que vejo o espectro inteiro. Um bilhão de sabores, mais ou menos, nenhum deles exatamente igual, e um céu para chupar devagarinho. Tira a contundência da tensão. Ajuda-me a relaxar. (ZUSAK, 2013, 9-10)

Certamente, a Morte precisa de um escape, de momentos de relaxamento, de alguma distração (ZUSAK, 2013, p. 10), uma vez que seu trabalho é exaustivo e ininterrupto,

intensificado, principalmente, em períodos de pestilências e de guerras, como a própria relata ao longo do romance. Há subcapítulos intitulados “Diários da Morte”, nos quais a nossa insólita narradora conta alguns eventos pré, durante e pós Segunda Guerra Mundial, tendo a desolação e o desespero ao seu redor, a exemplo do ano 1942:

Certamente houve muitas rondas a fazer naquele ano, da Polônia à Rússia à África, ida e volta. Talvez você argumente que eu faço a ronda em qualquer ano, mas às vezes a raça humana gosta de acelerar um pouquinho as coisas. Aumenta a produção de corpos e das almas que escapam. Umas tantas bombas costumam resolver a questão. Ou umas câmaras de gás ou a conversinha de canhões distantes. Quando nada disso conclui os procedimentos, pelo menos despoja as pessoas de seus meios de subsistência, e passo a ver gente sem teto por toda parte. É comum eles virem atrás de mim quando vago pelas ruas das cidades violentadas. Imploram que eu os leve, sem perceber que já estou atarefada demais. “A sua hora chegará”, eu os convenço, e procuro não olhar para trás. Vez por outra, gostaria de dizer algo como “Não vê que já estou com as mãos cheias?”, mas nunca o faço. Reclamo internamente enquanto vou fazendo meu trabalho, e há anos em que as almas e os corpos não se somam, multiplicam-se. (ZUSAK, 2013, p. 271-272)

Inicialmente idealizada pelo escritor australiano como cruel, a Morte figura como um ser que tem sentimentos e é gentil ao executar seus labores. Ela reflete que ninguém pode substituí-la em seu trabalho executado diuturnamente, desde tempos imemoriais. Contrariamente ao que imaginamos, a guerra não é amiga da narradora, que a compara com um chefe ganancioso e explorador:

Com toda a franqueza (e sei que agora estou reclamando demais), eu ainda estava me refazendo de Stalin, na Rússia. Da chamada segunda revolução — o assassinato de seu próprio povo.
E então veio Hitler.
Dizem que a guerra é a melhor amiga da morte, mas devo oferecer-lhe um ponto de vista diferente a esse respeito. Para mim, a guerra é como aquele novo chefe que espera o impossível. Olha por cima do ombro da gente e repete sem parar a mesma coisa: “Apronte logo isso, apronte logo isso.” E aí a gente aumenta o trabalho. Faz o que tem que ser feito. Mas o chefe não agradece. Pede mais. (ZUSAK, 2013, p. 272)

Não há tempo para se recuperar, o ser humano está sempre inovando formas de destruir seus semelhantes e o planeta onde habita. Como mencionamos precedentemente, belezas improváveis e ocultas a olhares superficiais tocam a narradora-personagem que relata muitas vezes tentar “[lembrar-se] dos retalhos de beleza que também [viu] naqueles tempos” (2013, p. 273). Assim, ensina-nos que há, possivelmente, na oposição entre o belo e o feio, o bom e o mau, contrastes para quem souber enxergar os dois lados.

Franca e Souza (2020, p. 110) apontam para uma das “mais intrigantes” características da literatura, “a capacidade de convergência”, “construir um espaço diegético no qual são agrupados variados aspectos dos produtos da realidade material ou espiritual/cultural das

civilizações”. A narradora Morte pode, nesse sentido, ser comparável aos heróis gregos e cavaleirescos: acompanhamos sua jornada de descoberta de si e da humanidade, ela também é governada pelo destino e age de acordo com o que é necessário realizar; acumula o papel de divulgar, como aedos e bardos, os feitos da incrível roubadora de livros.

Após nos contar um pouco sobre si, elenca, no início da narrativa, palavras que resumem toda a história que virá a seguir (ZUSAK, 2013, p. 11):

É só uma pequena história, na verdade, sobre, entre outras coisas:

- * Uma menina
- * Algumas palavras
- * Um acordeonista
- * Uns alemães fanáticos
- * Um lutador judeu
- * E uma porção de roubos.

A menina é Liesel Meminger, a protagonista que acompanharemos desde a infância ao fim de sua vida, com uma idade já avançada. A Morte a descreve da seguinte maneira:

Quando de sua chegada, ainda se podiam ver as marcas das mordidas da neve em suas mãos e o sangue enregelado em seus dedos. Tudo nela era subnutrido. Canelas que pareciam arame. Braços de cabide. A menina não o produzia com frequência, mas, quando ele surgia, seu sorriso era faminto. Seu cabelo era um tipo bem próximo do louro alemão, mas seus olhos eram perigosos. Castanho-escuros. Ninguém gostaria realmente de ter os olhos castanho-escuros na Alemanha daquela época. Talvez ela os tivesse herdado do pai, mas não havia como saber, já que não se lembrava dele. (ZUSAK, 2013, p. 31-32)

Aos poucos, vamos descobrindo que os motivos que levaram a mãe de Liesel, — na época, em 1939, com 9 anos, a deixá-la em Molching, uma cidade nos arredores de Munique, com uma família adotiva — foram a extrema pobreza e a fuga porque era esposa de um homem considerado inimigo comunista. O irmãozinho de Liesel morreu durante a viagem e foi enterrado na neve, com a ajuda de um coveiro. A pobreza também foi o que fez com que o casal adotivo aceitasse cuidar das crianças, pois receberiam um pequeno auxílio financeiro, em troca.

Aquela foi uma ocasião terrível e triste para a menina, mas também o início de sua salvação pelas palavras, propiciada pelo livro carregado de lembranças de sua família biológica e dos bons momentos e ensinamentos recebidos do seu pai adotivo, Hans Hubermann. Seu primeiro livro roubado intitula-se *O Manual do coveiro*, que havia caído das vestes deste trabalhador enquanto sepultava o caçula da desesperada mulher, seu irmãozinho que tinha 6 anos, Werner.

Após a despedida forçada da mãe, a menina tinha pesadelos com o irmão morto, acordava berrando e chorando, mas era consolada por Hans, que começou a ensinar-lhe a ler e a escrever, mesmo não sendo muito proficiente nessa área. Ele gostava de enrolar cigarros, era pintor e um excelente acordeonista, amoroso, calmo, paciente e gentil. Já havia, inclusive, escapado da Morte: “Ele já me havia tapeado numa guerra mundial, mas depois seria posto em outra (como uma espécie perversa de recompensa), na qual daria um jeito de conseguir me evitar outra vez” (ZUSAK, 2013, p 33).

Outro importante dado sobre Hans: não achava justo o que o governo de Hitler estava fazendo com os judeus e se negou a tornar-se membro do Partido Nazista. Essa decisão acarretou ainda menos trabalhos, pois muitos de seus clientes eram judeus e, os que não eram, rejeitariam os serviços de um simpatizante da causa judaica. Diferentemente do marido, Rosa Hubermann era uma mulher que “possuía a habilidade singular de irritar quase todas as pessoas que encontrava” (2013, p. 34). Xingava bastante, falava alto, lavava e passava para fora, para as classes mais afortunadas, como forma de complementar a pouca renda familiar. De um jeito um tanto peculiar, demonstrava que também amava Liesel. Aos poucos, a menina ia se adaptando à nova vida, fazendo amigos, frequentando a escola e, claro, roubando mais livros. A respeito destes, a Morte nos conta:

Devo apressar-me a admitir, no entanto, que houve um hiato considerável entre o primeiro livro roubado e o segundo. Outro aspecto digno de nota é que o primeiro foi roubado da neve e o segundo, do fogo. Sem omitir que outros também lhe foram dados. No cômputo final, ela possuía quatorze livros, mas via sua história como predominantemente composta por dez deles. Desses dez, seis foram roubados, um apareceu na mesa da cozinha, dois foram feitos para ela por um judeu escondido, e um foi entregue por uma tarde suave, vestida de amarelo.

Quando viesse a escrever sua história, ela se perguntaria exatamente quando os livros e as palavras haviam começado a significar não apenas alguma coisa, mas tudo. (ZUSAK, 2013, p. 31)

As incontáveis leituras desses 14 livros foram basilares para despertar na menina a vontade, a necessidade de escrever sua história também, registrada em um livrinho preto que foi encontrado nos escombros de onde havia sido a rua ironicamente chamada de céu, em alemão, local em que morava a ladra de livros e muitos personagens cativantes — Rua Himmel.

Devido a uma antiga dívida de vida, Hans Hubermann abrigou sob seu teto, mais especificamente em seu frio, porém seguro porão, o filho do homem que, pelo acaso ou pelo destino, salvara sua vida quando soldados, durante a Primeira Guerra Mundial. O judeu Max Vandenburg, lutador por profissão e pela vida – volta e meia lutava contra Hitler também em

sua imaginação –, tendo se tornado um grande e querido amigo de Liesel. Ela cuidou, leu e trouxe presentes para o amigo quando se encontrava à beira da morte, devido às precárias condições em que vivia no porão: sem luz solar, no frio úmido, pouca comida...

O judeu Max escreveu sobre as páginas pintadas do *Mein Kampf*, uma história para a menina e, antes de fugir de seu abrigo na casa dos Hubermann, como retribuição à fiel amizade, deixou outro livro por ele escrito, como presente de aniversário para ela. Foi capturado pelos nazistas, mas sobreviveu e pôde reencontrar a sacudidora de palavras, como a havia chamado, algum tempo após o terrível bombardeio surpresa que assolou Molching e destruiu o que um dia fora a Rua Himmel.

Os Hubermann e as palavras haviam unido duas miseráveis vítimas do nazismo: a menina filha de comunistas e o jovem miserável judeu. Outro personagem deveras importante é o jovem alemão Rudy Steiner, companheiro de aventuras, de roubos de comida e de livros por quem Liesel nutria um amor secreto. Em contrapartida, Rudy era apaixonado por Liesel também, fato que sempre deixou bem evidente. Ele é descrito como coetâneo da protagonista, filho de pais bondosos, atleta esforçado e irreverente de cabelos quase brancos, cheio de irmãos e de convicções fortes, chegando a desafiar a jovem liderança nazista sem medo das possíveis consequências.

Ele admirava um atleta famoso, o personagem histórico Jesse Owens — atleta negro americano, campeão nas Olimpíadas em plena Alemanha nazista — tendo até brincado na rua, coberto de lama, fingindo ser seu ídolo. Tal admiração motivou o jovem atleta a tentar repetir o feito do velocista real, obtendo 4 medalhas em uma competição esportiva. Por fim, encerrando o elenco de personagens mais importantes, cabe mencionar a esposa do prefeito, Ilsa Hermann, que foi por um bom tempo cliente de sua mãe adotiva e desempenhou um papel fundamental na vida de Liesel. Ilsa compartilhou com a menina sua imensa biblioteca, emprestou-lhe títulos e deu-lhe um livrinho em branco, no qual a protagonista escreveria sua própria história.

São as descobertas que movem a narrativa. A descoberta da morte, do abandono, da dor, do amor, do comunismo, do nazismo, das palavras, da resistência, da leitura, da escrita, das amizades, dos perigos, da guerra. Assim sendo, nossa história é composta de fragmentos de pensamentos, de devaneios e notas da Morte, de acontecimentos relacionados à protagonista, de pequenas listas, de cartas e bilhetes, de verbetes do dicionário (mais um dos roubos da menina) e da transcrição integral dos livros escritos para Liesel, com direito a ilustrações.

Todos esses componentes apresentam-se em ordem não linear, embora a narrativa siga um fluxo consideravelmente cronológico de 1939 a 1943, pois salta para o futuro e retoma episódios em flashback. A Morte antecipa fatos do clímax não para mitigar o prazer do texto do leitor, mas visando a prepará-lo para a tragédia do porvir.

Zusak alicerçou sua obra ficcional em uma ambientação real — a Segunda Guerra Mundial — inspirado por relatos de amigos, de conhecidos, por seus pais, especialmente por sua mãe, que presenciou a marcha para Dachau, na qual a tentativa de Hans dar pão a um dos prisioneiros judeus resultou em uma forte represália. Esta e outras recordações estão registradas e eternizadas na obra australiana. Como menciona Santana (2012), na página do site Infoescola, a respeito desta obra de Zusak, o “autor propõe aqui uma valorização do percurso, dos recursos narrativos, da apropriação da linguagem como o próprio núcleo do enredo”.

A Morte é testemunha ocular de alguns episódios por ela narrados, de outros, como revela ao leitor, apenas tomou ciência através da leitura dos escritos do livro de Liesel. Portanto, não se trata de uma narradora integralmente onisciente, já que não poderia acompanhar a completa jornada da menina por estar sobrecarregada de trabalho, durante o caos da guerra.

A singular ideia de tornar a Morte narradora de eventos ocorridos em um período historicamente bastante bem mapeado corrobora a criatividade do autor e pode ser uma das chaves do sucesso da obra, segundo o artigo de 2010, de Cristiano Jutgla e Solineide Maria de Oliveira, publicado pela UFSCar, intitulado “Do narrador no romance *A menina que roubava livros* e de como este teria raptado o leitor contemporâneo”.

Andréa de Paula e Luana Borges (2018) realizaram uma investigação para entender como o texto dessa obra de Zusak conseguia atrair tantos leitores e ser um sucesso de vendas. Foi confirmada a hipótese das autoras através de uma pesquisa qualitativa: a organização do conteúdo de forma poética (recursos poéticos como paradoxo, antítese, metonímia, metáfora, personificação, pleonismo, eufemismo, hipérbole e ironia), abundantes na obra, potencializa a sedução e o encantamento.

Assim, acreditou-se que o diferencial da obra em estudo estivesse na atenciosa escolha e combinação das palavras de forma a “fisgar” a atenção do leitor não só para a mensagem em si (ênfatizando o poder transformador da leitura), mas também pela maneira como ela lhe é apresentada (mostrando ao leitor, na prática, como isso acontece). Verificou-se que o narrador lança mão da metalinguagem, uma das seis funções da linguagem teorizadas por Jakobson (1957), no momento em que, ainda que indiretamente, utiliza-se da palavra imbuída de poesia para demonstrar a sua força propulsora para o crescimento humano.

Assim, as palavras tomam a forma da narrativa que apresenta Liesel, que roubava livros para preencher, também com palavras, o vazio de sua solidão, fruto da morte de seu irmão e da ausência da mãe biológica, além de encontrar no universo da leitura combustível para enfrentar as humilhações e intolerâncias nazistas (PAULA; BORGES, 2018, p.163)

De um modo geral, a obra traz uma série de metáforas inteligentes e inesperadas acerca da vida, dos sentimentos e pensamentos, também na construção dos personagens, assim como neologismos e estrangeirismos (sobre os quais discorreremos mais à frente) que giram em torno da língua alemã. Apresenta, ainda, uma perspectiva singular, vinda de um ser sobrenatural, mais humano, todavia, do que muitos dos indivíduos relatados na obra e dos que existem realmente mundo afora.

A Morte narra o estado do irmãozinho de Liesel quando foi buscá-lo de modo inusitado: “... o espírito estava mole e frio, feito sorvete. Começou a derreter em meus braços (2013, p.24). Causou-nos instantes de inquietação ao imaginar, por exemplo, um céu “pesado e fundo feito areia movediça” (2013, p.133). Há inúmeros outros exemplos no decorrer do romance, acerca da interessante articulação das palavras e das ideias de modo a construir um sentido diferenciado no que tange à recepção do leitor. Percebemos que não apenas o público em geral demonstrou interesse pela obra, visto que tem sido foco de um número crescente de estudos acadêmicos.

Com maestria, Zusak transporta o leitor para a Alemanha nazista, emociona, encanta e entristece, com sutileza, em cada suspensão de palavras ou pela descrição detalhada, em determinados episódios. Consequentemente, a recepção de *A menina que roubava livros*, uma obra voltada para o público juvenil e adulto, foi um enorme sucesso, tendo culminado em uma adaptação cinematográfica homônima (2013), dirigida por Brian Percival, cujo roteiro é assinado por Michael Petroni e pelo próprio autor da obra.

Markus Zusak detém alguns prêmios de literatura e elogios da crítica; também escreveu as obras *The Underdog* (1999), *Fighting Ruben Wolf* (2000), *When Dogs Cry/Getting the Girl* (2001), *The Messenger* (2002), *The Book Thief* (2005), *Bridge of Clay* (2018), cujos títulos, em português, são, respectivamente, *O Azarão*, *Bom de Briga*, *A Garota que eu quero*, *Eu Sou o Mensageiro*, *A Menina que Roubava Livros* e *O Construtor de Pontes*.

Porque o público-alvo é definido entre jovens e adolescentes, percebe-se o forte apelo sentimental e emocional, tão afeito a essa faixa etária, como afirma Zusak: “Eles desejam

coisas com mais vontade do que se imagina. Eles querem coisas com uma profundidade maior do que se imagina.”¹⁶

Durante uma entrevista em 2014 concedida à jornalista Angela Carstensen, o autor revelou acreditar que “o papel de um escritor [é] procurar a realidade e sacudi-la”. Que realidade ele pretendia trazer e sacudir com *A menina que roubava livros*? Como? Tentar responder a essas indagações talvez constitua mais uma chave de leitura desta celebrada obra. Zusak é pedagogo e discorre sobre o poder das palavras, da leitura, da literatura na compreensão de si, da vida e do mundo.

Na mesma entrevista, o autor prossegue: “Há violência em todos nós, e beleza e força e fraqueza. Qual é meu dever? Escrever apenas sobre a beleza e a força, ou escrever sobre tudo o que existe?”. Encerra a entrevista esclarecendo que sua maior responsabilidade é codificar em palavras a forma “como [vê] as coisas e como são de fato”.

2.2 *É isto um homem?*

Se questo è un uomo, título original, em italiano, da obra que, em português do Brasil, é conhecida como *É isto um homem?*, é um clássico da literatura contemporânea. Trata-se de um testemunho pioneiro dos campos de concentração, cuja 1ª edição data de 1947, na Itália, ou seja, apenas dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Contudo, apenas no final das décadas de 1950 - 1960, o texto ganha maior evidência, devido à prisão de Adolf Eichmann, um dos grandes promotores do Holocausto.

A edição em português utilizada para este trabalho é da Editora Einaudi, publicada em 1988, traduzida por Luigi Del Re, composta por um prefácio, 17 capítulos, um apêndice, um posfácio assinado por Cesare Segre e uma cronologia da vida e das obras de Primo Levi. Todo esse conjunto oferece ao leitor uma experiência guiada, contextualizada e com bases teórico-críticas.

O título desta obra apresenta, com exceção da letra inicial, todas as palavras minúsculas. Estamos falando de um homem cuja situação é análoga à de um animal, sendo, portanto, desprovido, à força, de sua humanidade. O termo “isto”, utilizado no lugar de “este”,

¹⁶ Cf. Entrevista de 2014, disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/blog/2014/07/entrevista-markus-zusak/>
Acesso em: 18 fev. 2022.

por exemplo, dá ênfase à condição daquele que, em algum momento, havia sido um homem, mas não é mais. Veremos mais à frente como esse processo ocorre na narrativa.

Primo Levi é, ao mesmo tempo, o narrador e o protagonista do acontecimento traumático durante o holocausto. O autor é o primogênito de pais primogênitos, donde a origem de seu nome, Primo, que em italiano significa “primeiro”, tendo nascido em Turim, em 1919, e falecido em 1987, na mesma cidade.

Na época de seu falecimento, quando foi encontrado no poço da escadaria do apartamento no qual vivera durante a vida toda, tudo indicava que havia sido suicídio. A hipótese era que, embora tivesse exteriorizado os horrores vivenciados nos campos de concentração, não havia mais conseguido suportar todas aquelas recordações traumáticas, aquele peso. Contudo, atualmente, alguns de seus biógrafos acreditam ter-se tratado de um acidente, devido a uma série de medicamentos de que o escritor fazia uso.

Químico por profissão, relata, neste seu primeiro livro, de modo objetivo, preciso, detalhado, mas ao mesmo tempo poético, sua chegada ao inferno, também conhecido por Auschwitz, e o momento de sua liberação. Suas outras obras, de modo geral, tratam de sua captura até seu retorno à casa, mesclando outros acontecimentos, reflexões sobre a guerra e a natureza humana.

Aos 24 anos, unido a um grupo de *partigiani*, membros da resistência antifascista, foi preso em 13 de dezembro de 1943 pela milícia fascista e transportado para um campo de concentração perto de Modena. Dois meses depois, em 22 de fevereiro de 1944, foi transferido com outros 650 judeus para o campo de concentração de Monowitz, pertencente ao complexo de Auschwitz. Dentre estes, apenas 29 sobreviveriam. Em Auschwitz, na Polônia, permaneceu até sua libertação, em 1945, com a chegada dos soldados soviéticos.

Sua sobrevivência deveu-se ao fato de sua formação profissional ser necessária no campo, bem como a uma combinação entre sorte, força mental e adaptabilidade. Desde os primeiros momentos, filas formadas ao sair dos trens já decidiam se o indivíduo viveria ou morreria. Não há tempo para adaptação, para aprender o idioma dos algozes, a maior certeza é a da morte.

Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do Campo. Desse modo, a experiência demonstra que não se agüenta quase nunca mais do que três meses. [...] Uma vez dentro do Campo, ou por causa da sua intrínseca incapacidade, ou por azar, ou por um banal acidente qualquer, eles foram esmagados antes de conseguir adaptar-se; ficaram para trás, nem começaram a aprender o alemão e a perceber alguma coisa no emaranhado infernal de leis e proibições, a não ser quando seu corpo já desmoronara e nada mais poderia salvá-los da seleção ou da morte por esgotamento. (LEVI, 1988, p. 91).

Seleções aleatórias, de tempos em tempos, determinavam quem continuaria “vivo” por mais alguns dias e quem, junto a outros prisioneiros, tomaria uma “ducha” mortal. A escapatória era conseguir entrar em um Comando, devido a uma habilidade ou *métier* ou ser reconhecido como um homem cruel, disposto a tudo para sobreviver, inclusive prejudicar os outros prisioneiros, ou, ainda, ter algum conhecido influente na hierarquia do campo como protetor. Levi sabia qual era sua alternativa:

Bem sabemos que vamos acabar "em seleção", em gás, embora a gente quase não pense nisso, a não ser umas poucas vezes por dia e, ainda assim, de uma estranha maneira distante, como se não se tratasse de nós. Bem sei que não sou do estofo dos que agüentam, sou civilizado demais, ainda penso demais, esgoto-me trabalhando. Agora sei também que vou me salvar se me tornar Especialista, e que me tornarei Especialista só se passar na prova de Química. (LEVI, 1988, p. 105).

Após serem destituídos de qualquer esperança e despedidos de tudo o que lhes era mais caro, soubessem disso na época ou não, tornavam-se uma multidão que existia e tentava sobreviver como podia, um dia de cada vez. Sobreviver, seguindo o fluxo do campo, significava durar, aproximadamente, três meses.

Havia todo um processo de desumanização, de reificação a que o título da obra se refere, produtor de uma metamorfose que percorria do alto da cabeça a ponta dos pés. Estes, por sua vez, prenunciavam a proximidade da morte:

E não é de crer que os sapatos signifiquem pouco, na vida do Campo. A morte começa pelos sapatos. Eles se revelaram, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após umas horas de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas a infecção na certa. A gente, então caminha como se tivesse uma bola de ferro amarrada no pé (daí, a estranha andadura do exército de fantasmas que a cada noite volta em formação de marcha); sempre chega por último, e sempre apanha; se perseguido, não consegue fugir; seus pés incham e, quanto mais incham, mais insuportável torna-se o atrito com a madeira e a lona dos sapatos. (LEVI, 1988, p. 33)

Era praticamente impossível reconhecer-se como um homem quando não se aparentava ser um, e o tratamento ofertado tinha um nível inferior ao dedicado a um animal. Seus nomes eram substituídos por números gravados na pele – o que era ainda mais terrível para os judeus ortodoxos, que consideravam a tatuagem uma profanação do corpo, o Templo de Deus –, que identificavam a data da chegada, a proveniência, a origem, exatamente como ocorre com produtos ou objetos em série “como se todos tivessem compreendido que só os homens têm direito a um nome...” (LEVI, 1988, p. 41).

Sem as roupas que normalmente usavam, com cabelos raspados, sem escolhas, sem direitos eram “submetidos a um trabalho exaustivo e exploratório, em um local cuja irônica inscrição em alemão era parte da fachada do portão de entrada: “ARBEIT MACHT FREI” – “o trabalho liberta” (LEVI, 1988, p. 20).

Na verdade, havia ali a “destruição pelo trabalho” (GELLATELY, 2011, p. 317). Em péssimas condições de alimentação e de higiene, forma-se uma torre de babel na fusão com outros homens que não se compreendiam, caso lhes restasse alguma energia para falar, impossibilitando a interação de uns com os outros.

Não faltava também o uso da violência em castigos, torturas e mortes cruéis – fornos e câmaras de gás –, como o autor e sobrevivente daquele *Lager* relata: “Lá recebemos as primeiras pancadas, o que foi tão novo e absurdo que não chegamos a sentir dor, nem no corpo nem na alma. Apenas um profundo assombro: como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana?” (LEVI, 1988, p. 15). Eis uma indagação da alma de tantos ainda hoje: Como foi possível o ser humano chegar a tal ponto contra seu semelhante? Como?

Expoente da literatura de testemunho que se tornou célebre no mundo literário, *É isto um homem?* narra exatamente a experiência de Levi no campo de concentração. O relato foi para ele uma forma de “liberação interior” (1988, p. 8) desse horror vivido. Sua obra é, portanto, uma autobiografia, uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Contudo, não somente vigora em uma esfera individual – a transcende. Transcendendo a própria singularidade por trazer no seu relato também dados da alteridade, Levi nos apresenta, ao mesmo tempo, uma história de si, isto é, uma autobiografia, na qual ele próprio figura como testemunha de um trauma, de uma situação extrema, acumulando a função de porta-voz acidental, por viver uma experiência-limite, que o legitima a representar todos os ausentes.

Para Anna Basevi (2020, p. 76), a “testemunha é já um tradutor” quando inicia o processo de transmissão pós-catástrofe culminando no “ato de *translatio*” (INSANA, 2009, p. 198). A testemunha sobrevivente organiza seus pensamentos, busca suas memórias e empreende a difícil tarefa de traduzi-los em narração ou em relato a experiência vivida:

O sobrevivente, portanto, já permaneceu imerso na incomunicabilidade e dela saiu. O passo seguinte para a testemunha seria traduzir sua experiência numa narração ou relato capaz de gerar uma transmissão real para o leitor ou quem escuta. Todavia, é

preciso que este público sinta a responsabilidade da escuta como parte da realização do testemunho. (BASEVI, 2020, p. 75)

Consideramos que o trabalho de Primo Levi se torne ainda mais incrível pelo esforço por ele realizado de narrar uma experiência traumática ao mesmo tempo individual, coletiva e histórico-social. É nesse sentido que o autor narra o indizível, traduz o intraduzível visto que, como bem lembra o filósofo italiano Giorgio Agamben, “as ‘verdadeiras testemunhas’, as ‘testemunhas integrais’ são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo” (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Na apresentação de *O que resta de Auschwitz* (2008, p. 16), de Giorgio Agamben, Jeanne Marie Gagnebin, tenta explicar o significado deste título e apresenta a grande lacuna dos testemunhos dos sobreviventes, uma marca, um *resto* que significa muito:

O testemunho do sobrevivente somente repousa sobre essa impossibilidade de autenticidade e sobre o reconhecimento dessa impossibilidade, sobre a consciência aguda de que aquilo que pode – e deve – ser narrado não é essencial, pois o essencial não pode ser dito. [...] No paradoxo de Primo Levi, a testemunha não pode dizer isso que mereceria ser dito, por que “isso” pertence à morte. Essa falta, essa lacuna, esse deslocamento, essa não-coincidência (todos termos de Agamben) *resta* de Auschwitz, essa marca dolorida que desmancha qualquer plenitude discursiva e ameaça o *logos* de desmoronamento. (grifo do autor).

Seligmann-Silva utiliza o termo *double bind* (2005, p. 71), para explicar a existência de uma ligação dupla e contraditória entre a vontade e a necessidade de esquecer unida com a de lembrar o sofrimento de modo repentino. Condição compartilhada por muitos sobreviventes, esta dualidade incongruente implica uma oscilação perturbadora.

No capítulo “A história como um trauma”, Seligmann-Silva (2000, p. 89) afirma que o próprio testemunho, não apenas o *double bind* que acomete o sobrevivente, é dicotômico, já que “por um lado, tanto o testemunho deve ser visto como uma forma de esquecimento, uma ‘fuga para frente’, em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também, por outro lado, busca-se igualmente através do testemunho, a libertação da cena traumática”.

Um impasse difícil de se resolver, afinal, estamos falando de trauma. Todorov (2002, p. 199) relembra-nos que, na verdade, os sobreviventes não devem ser cobrados sobre o que viveram, eles têm o direito de lembrar e de esquecer, embora este último possa parecer ainda mais difícil.

Sobre *double bind*, Agamben (2008, p. 44) reflete que é um acontecimento no duplo sentido devido à impossibilidade de se testemunhar de dentro e de fora do acontecimento. É

nesta limitação que emerge a personagem-narradora Morte, em MRL¹⁷, embora no terreno ficcional, justamente para complementar as lacunas dos registros das testemunhas integrais, servindo-lhes como mediadora. Ademais, sobreviver não se concretiza plenamente após tal experiência nos campos:

Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir rumo ao nada nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, apagados na alma antes que pela morte anônima. Não voltaremos. Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem (LEVI, 1988, p. 55).

Depreende-se que, antes mesmo da morte física, morre algo no interior do homem, como uma alma despedaçada. A “morte anônima” tem início logo no começo da jornada, culminando no confinamento desumanizador. A serialização numérica reduplica o anonimato pois, a supressão onomástica implica igualmente uma desindividualização. Trata-se agora apenas de números despidos de nomes. Todos são apenas mais um no meio da multidão, daquela massa de semivivos.

A temporalidade é outro aspecto fundamental na obra de Levi pois relaciona-se com o trauma. O evento traumático cria um ferimento psicológico profundo que afeta diretamente o modo como o indivíduo passa a viver. O tempo ao redor continua em linha cronológica, mas o tempo psicológico, isto é, o tempo individual percebido e sentido pelo indivíduo, é alterado.

Segundo Seligmann-Silva (2008, p.69), o trauma é uma “memória de um passado que não passa”, e, conseqüentemente, “o tempo passado é tempo presente”. O presente torna-se estanque perante um passado que parece não ter ficado para trás. Não impera a ordem cronológica natural, mas uma sucessão de presentes constituídos pelo passado, pelo momento que se destaca: o do trauma.

Durante a obra de Levi estudada neste trabalho, não gratuitamente, o autor deixa pistas de seu trauma, produzindo uma temporalidade achatada em passagens como:

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e *nada acontece*, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. *O tempo passa, gota a gota* (LEVI, 1988, p.20, grifos nossos)

O tempo vai se tornando essa gota que cai constantemente, cuja repetição encerra a possibilidade de progresso, de avanço para o futuro. A gota cai, caiu, é passado, mas continua

¹⁷ Doravante, a obra *A menina que roubava livros* será indicada pela abreviação MRL e *É isto um homem*, EIH.

a cair, transformando o tempo em um local de tormento eterno, como o inferno. Nada parece acontecer, nada parece mudar. Como numa *epoché*, isto é, na suspensão do mundo, colocado entre parênteses, não se sai daquele momento psicologicamente marcado.

Na página seguinte à da citação acima, dentre os objetos confiscados dos prisioneiros, Levi cita sapatos, documentos, dinheiro e relógios. Objetos para locomoção, movimentação física, provisão financeira, identificação e para não perder a noção do tempo. São retiradas todas as possibilidades de fuga, dando espaço à perda de si, do tempo e da esperança.

Levi prossegue demonstrando como um ato simples relacionado à noção do tempo reaviva o trauma: “E durante muitos dias, quando o hábito da vida em liberdade me levava a olhar a hora no relógio, no pulso aparecia-me, ironicamente, meu novo nome, esse número tatuado em marcas azuladas sob a pele” (LEVI, 1988, p. 26).

No posfácio de Cesare Segre, parte integrante da edição de *Se questo è un Uomo*, de 2005, um dos tópicos abordados pelo teórico é sobre a morte do tempo. O presente iminente assola o prisioneiro que se preocupa se vai comer ou nevar, por exemplo, e não faz sentido pensar em um futuro naquelas condições. Levi se refere a essa temporalidade constituída de um tempo “estéril e estagnado para o qual já não [consequia] imaginar um fim” (1988, p.119).

Como última exemplificação concernindo à temporalidade, compartilhamos o trecho a seguir e prosseguiremos com nossa apresentação da obra de Levi: “Parecia impossível que existisse realmente um mundo e um tempo, a não ser nosso mundo de lama e nosso tempo estéril e estagnado, para o qual já não conseguíamos imaginar um fim” (LEVI, 1988, p.119).

Através de uma escrita sóbria, sem exageros, um tanto imparcial, Levi faz uma série de reflexões acerca do que significa ser humano. Seu relato não segue uma ordem cronológica, mas de urgência. Ainda, em seu prólogo, diz que seu livro poderá “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspetos da alma humana” e que a “história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo” (1988, p. 7), como um alerta, para que não se repita.

Interessa-nos a advertência de Levi ao pedir que cada homem tenha, saiba, receba, relembre constantemente seu valor: “Se, do interior do Campo, uma mensagem tivesse podido filtrar até os homens livres, deveria ter sido esta: procurem não aceitar em seus lares o que aqui nos é imposto” (1988, p. 54). Conquanto a liberdade possa ser corriqueira, fazendo parte do dia a dia, sua ausência tem consequências avassaladoras.

Tamanha era a necessidade de compartilhar seu depoimento que se tornava equiparável às necessidades de ordem básica. A sobrevivência naquelas condições era motivada pelo desejo de contar, de compartilhar. Há quem defenda que o holocausto, o

genocídio de cerca de 6 milhões de judeus, não ocorreu e, por incrível que pareça, até mesmo Levi confidencia que “hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo –, hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido” (LEVI, 1988, p. 105). Contudo, sabe de seu compromisso como testemunha e reforça para seus leitores e, por que não, para si mesmo em seu prefácio: “Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação” (1988, p. 8).

Refletir a respeito desse capítulo da história escrito com sangue gera tamanha sensação de incredulidade que é plausível a alusão feita à sombra da dúvida. Como foi possível sustentar, mascarar, propagar um sistema tão grandioso e tão perverso por tanto tempo? Caso não tivesse registrado, enquanto cenas e imagens estavam frescas em sua mente, Primo Levi também poderia desacreditar a própria verdade factual que vivera na qualidade de testemunha.

Este clássico da literatura mundial, representante famoso da literatura da *Shoá* (outro possível termo para holocausto), já foi citado, estudado, pesquisado sob diversas perspectivas e áreas. Todavia, a profundidade e a atualidade da obra de Levi evocam, constantemente, novos olhares e discussões. Feliz ou infelizmente, a humanidade, seus comportamentos e julgamentos ainda continuam em xeque.

É isto um homem? faz referência a muitos personagens de diversas nacionalidades, cujas vidas foram atravessadas pelo juízo nazista. Alguns são mais próximos do protagonista deste relato de experiências vividas em Auschwitz, a exemplo do francês Jean Pícolo, que figura num dos mais belos capítulos da obra; bem como Henri, Elias e outros que possuíam táticas próprias de sobrevivência; como, ainda, o grande amigo de Levi, Alberto, presente nas palavras do escritor por sua determinação aguerrida de resistir à infâmia, à reificação e à morte:

Alberto é o meu melhor amigo. Tem apenas vinte e dois anos (dois a menos que eu), mas nenhum de nós, italianos, revelou capacidade de adaptação semelhante a dele. Alberto entrou no Campo de cabeça erguida e vive no Campo ileso, íntegro. Foi o primeiro a compreender que esta vida é uma guerra; não fez concessões a si mesmo, não perdeu tempo com recriminações ou compadecendo-se de si próprio e dos outros; foi à luta desde o primeiro dia. Ajuda-me no sua inteligência e sua intuição; raciocina e acerta; às vezes não raciocina, e acerta também. Percebe tudo num instante; fala apenas um pouco de francês, mas compreende o que lhe dizem alemães e poloneses. Responde em italiano e, com gestos, se faz compreender e se torna simpático a todos. Luta pela vida, mas é amigo de todos. "Sabe" quem subornar, quem evitar, quem poderá mover-se à compaixão, a quem se deve resistir. Apesar de tudo, ele não mudou, e é por isso que, ainda hoje, a sua cara lembrança continua tão perto de mim. Sempre vi nele, e ainda vejo, o símbolo raro do homem forte e bom, contra o qual nada podem as armas da noite. (LEVI, 1988, p. 57)

Cada escolha lexical desta obra de Levi é realizada com primor e potência, escancarando pensamentos e sentimentos sem impor comoção e piedade, sob a forma de um sentimentalismo exagerado. Trata-se, sem dúvida, de uma obra-prima que se destaca no universo de produções que retratam o período da Segunda Guerra Mundial.

Os escritos de Levi não findaram com *É isto um homem?*. O autor, também tradutor e traduzido em vários países, narra o seu retorno para casa e outras reflexões sobre a Segunda Guerra e o Holocausto com a escritura de *La tregua* (1963), que em português do Brasil¹⁸ foi traduzido como *A trégua*. Os livros de contos *Storie naturali* (1966), publicados sob o pseudônimo Damiano Malabaila, *Vizio di forma* (1971), *Il sistema periodico* (1975), *Lilìt e altri racconti* (1981), contudo, dentre estes, em português brasileiro, temos apenas *A tabela periódica*.

A esses títulos, acrescem-se a antologia *La ricerca delle radici* (1981), novelas como *La chiave a stella* (1978), *A chave estrela*, *Se non ora, quando?* (1982), *Se não agora, quando?* em português do Brasil; livros de poesia como *L'osteria di Brema* (1975), *Ad ora incerta* (1984); os livros de ensaios *L'altrui mestiere* (1985), *I sommersi e i salvati* (1985), respectivamente, *O ofício alheio* e *Os afogados e os sobreviventes*, ainda *Racconti e Saggi* (1986). Postumamente, foi publicado *Conversazioni e interviste 1963 - 1987* (1997). Um dos seus últimos escritos foi *L'ultimo natale di guerra* (2000), no qual Levi retoma memórias do campo de concentração e outras recordações. Primo Levi ainda possui obras escritas em colaboração com outros autores.

Ainda a respeito das obras de Levi, interessa-nos acrescentar o relevante trabalho de Macieira e Wataghin (2020) ao mapear os itinerários das primeiras obras de Primo Levi que foram publicadas no Brasil como forma de afirmar o “valor universal de sua literatura” (2020, p. 98). Tal estudo traz contribuições sobre a relação de trocas constantes entre Levi e seus tradutores¹⁹; o reforço de características do autor nos quesitos clareza e objetividade de seus

¹⁸ Fazemos essa distinção apenas pelo fato de que diversas obras de Levi, quando traduzidas para o Português de Portugal, apresentam títulos diferentes.

¹⁹ Scarpa (2015, p. 49) afirma assertivamente que a atividade tradutória é “um trabalho humanístico e humanitário”, totalmente oposto ao *Lager*. Isso fica evidente principalmente com a tradução de *É isto um homem?* para a língua alemã. A preocupação de Levi era que o leitor alemão pudesse compreender o que ele havia passado na condição de prisioneiro dos nazistas. Finalmente sua experiência chegaria aos omissos, aos coniventes e até mesmo aos seus algozes (BASEVI, 2020, p. 81). Como o próprio autor relata (LEVI, 2016, p.137), suas palavras chegarem ao leitor alemão era comparável ao que se sente ao vencer uma batalha e também servia como uma espécie de reparação, uma indenização por todo o dano causado a ele. Portanto, acompanhou e verificou a tradução para o alemão detalhadamente, já que conhecia essa língua o suficiente para fazê-lo. Como resultado de sua satisfação, solicitou à editora Einaudi, sem sucesso, que Heinz Riedt traduzisse todos os seus livros para o alemão. Com relação à tradução de *Se questo è un uomo* para o português do Brasil, o tradutor Luigi Del Re também se correspondeu com Primo Levi. Del Re demonstrou grande interesse na tradução desse livro que o marcou pessoalmente (MACIEIRA; WATAGHIN, 2020, p. 105). Após a morte do escritor, sua

escritos em outras línguas para que trouxessem sua essência original (2020, p. 100); o histórico de recepção de suas obras na Itália, em diferentes fases, sendo uma das mais importantes a terceira, cujo objetivo é

manter vivo o ‘efeito-Levi’ (...) evidenciando um intelectual engajado que, mediante suas múltiplas faces – químico, testemunha, escritor – ainda tem muita coisa a dizer ao leitor do século XXI: a iminência dos perigos causados pela guerra; a desumanização do indivíduo por meio da mecanização da sociedade; os danos ao meio ambiente e os riscos à espécie humana; a sobrevivência de regimes que reproduzem faces do nazifascismo, entre outras questões presentes em seus ensaios, contos e entrevistas. (MACIEIRA; WATAGHIN, 2020, p. 101)

Citamos dois fenômenos que impulsionaram a difusão internacional da obra leviana (MACIEIRA; WATAGHIN, 2020, p. 102): o aumento da importância concedida aos direitos humanos, fenômeno de ordem cultural, dos fins da década de 1980, e o falecimento do autor, gerando grande impacto e sendo notícia em jornais por todo o mundo. Acrescentamos a esses dois fenômenos trazidos à luz por Macieira e Wataghin, uma maior ocorrência e divulgação das escritas de si, das narrativas autobiográficas.

Suas obras continuam em voga na academia²⁰ e despertam cada vez mais o interesse do público em geral e um fato que respalda essa afirmação é a grande quantidade de pessoas, em variadas línguas, que recentemente postaram vídeos na plataforma YouTube contendo resenhas a respeito de *É isto um homem?* e de outras obras do escritor italiano.

Concluiremos esta seção retomando o *incipit* da autobiografia de Levi, que desencadeia muitas reflexões. *É isto um homem?* começa com um poema homônimo que resume a experiência do autor nos campos de concentração e cujo objetivo principal é: “fazer um alerta para que nada do que vivenciou se repita” (LEVI, 1988, p. 9).

esposa, Lucia Levi, continuou o trabalho de acompanhar as traduções de suas obras, inclusive da adaptação cinematográfica de *A trégua* (1997), e chegou a consultar alguns parentes de Levi, que se refugiaram no Brasil em 1938, a respeito da fidelidade da tradução. Para fins de aprofundamento na temática de Levi e suas traduções, também indicamos o artigo de Anna Basevi, disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n3p75>. Acesso em: 17 jun. 2022.

²⁰ Recomendamos fortemente o evento on-line, ocorrido em 27 de janeiro (Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto) deste ano de 2022: “Primo Levi em diálogo”, organizado por Valentina Cantori, com a colaboração do Istituto Italiano di Cultura (IIC San Paolo) e do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo (CEJ - USP), o qual reuniu ricas contribuições nas vozes de alguns dos pesquisadores de Levi da atualidade. Canal com os vídeos do evento disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6wXIDDFs1kTsuCerN3gU4w/videos>. Acesso: 15 maio 2022.

É ISTO UM HOMEM?

Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas,
vocês que, voltando à noite,
encontram comida quente e rostos amigos,
 pensem bem se isto é um homem
 que trabalha no meio do barro,
 que não conhece paz,
 que luta por um pedaço de pão,
 que morre por um sim ou por um não.
Pensem bem se isto é uma mulher,
sem cabelos e sem nome,
sem mais força para lembrar,
vazios os olhos, frio o ventre,
como um sapo no inverno.

Pensem que isto aconteceu:
eu lhes mando estas palavras.
Gravem-nas em seus corações,
estando em casa, andando na rua,
ao deitar, ao levantar;
repitam-nas a seus filhos.

 Ou, senão, desmorone-se a sua casa,
 a doença os torne inválidos,
 os seus filhos virem o rosto para não vê-los.

3 ANÁLISE INTERTEXTUAL

3.1 Trabalhando com diferentes gêneros

Internamente, a obra do escritor australiano, Markus Zusak, organiza-se como um *patchwork* de gêneros diversos, dotado de incrível flexibilidade atrelada ao gênero romance. Este romance, por sua vez, amalgama elementos ficcionais, ou seja, frutos da imaginação do escritor, e outros baseados em memórias de acontecimentos reais. Outro traço constituinte altamente relevante nessa obra são as imagens que aparecem acompanhadas de textos curtos, em forma de diário, assemelhando-se a um livro infantil.

Nas palavras de Regina Zilberman (1990, p. 18):

Assim, o texto concilia a racionalidade da linguagem, de que é testemunha sua estrutura gramatical, com a invenção nascida da intimidade de um indivíduo, e pode lidar com a ficção mais exacerbada, sem perder o contato com a realidade, pois precisa condicionar a imaginação à ordem sintática da língua. Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas mostra-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas.

No artigo “Os diferentes gêneros textuais em *A menina que roubava livros* e suas funções no construto do romance”, Letícia Raiane dos Santos e Simone Vieira Nunes (2013, p. 134) discorrem a respeito da confluência dos variados gêneros textuais presentes na narrativa como uma tendência contemporânea do romance.

Ponderando a respeito deste tema, Caroline Silva (2016, p. 21), em sua dissertação intitulada “*A menina que roubava livros*: Liesel e a aprendizagem da leitura”, conclui que “o uso da intergenericidade pelo autor [funciona] como uma forma de aproximar o leitor ao sentido do texto e contexto histórico respectivo. Em suma, Zusak recorreu a diversos recursos para tratar do leitor, inclusive nos aspectos formais de seu texto”. Tal deslocamento de função de determinados gêneros para a de outros confere ao romance uma “originalidade linguística e estilística” (NUNES & SANTOS, 2013, p. 134), o que resulta em plurilinguismo e em dialogismo constante entre a Morte-narradora e o leitor.

Como vimos na seção sobre *É isto um homem?*, encontramos no relato do escritor italiano uma autobiografia que, todavia, também representa um registro coletivo, o

depoimento de uma testemunha do Holocausto, tornando a obra um dos mais importantes expoentes no âmbito da “Literatura de Testemunho”.

Podemos encontrar no final da edição de 1988, da Editora italiana Einaudi, a seção “Vita e opere di Primo Levi”, onde o próprio autor revela o caráter até mesmo documental da obra:

In *Se questo è un uomo* ho cercato di scrivere le cose più grosse, più pesanti, e più importanti. Mi sembrava che il tema dell’indignazione dovesse prevalere: era una testimonianza di taglio quasi giuridico, nella mia intenzione doveva essere un atto d’accusa – non a scopo di provocare una rappresaglia, una vendetta, una punizione –, ma sempre una testimonianza. (1988, p. 204)²¹

Levi carrega sobre si o peso da representatividade de todos os prisioneiros dos campos de concentração, assim como dos outros sobreviventes de diversos campos, espalhados ao redor do mundo. A responsabilidade da sobrevivência é mais um agravante para seu relato. Ele já não expurga todo o ocorrido apenas por si, sua história torna-se a história de muitos, de uma raça, de uma época atroz da existência humana.

Este fardo é grande e tão intenso que começa a fazer parte do próprio sobrevivente, sua identidade está impregnada do passado traumático, como comenta Shoshana Felman (2000, p. 64): “O sobrevivente sente que ele é o seu testemunho. O testemunho é uma forma de assinatura”.

A proposta desta dissertação de trabalhar com *corpora* que podem ser identificados como pertencentes a gêneros distintos não passa despercebida. Não vemos, contudo, implicações negativas ao relacionar as duas obras em questão, com vistas a analisá-las, já que a diferença genérica é mais profícua do que impeditiva, no processo analítico.

O que está, de fato, em jogo não é o enquadramento de *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*, respectivamente, nos contornos da literatura de ficção e literatura de testemunho – embora a obra de Zusak flerte com a realidade e com os testemunhos coletados durante a pesquisa deste autor para escrever seu romance, aproximando ainda mais as duas obras – e sim o impacto do processo de recepção da leitura e da escrita. A relação leitura-escrita-indivíduo, este último personagem, fictício ou não, funde-se num bloco consistente até encontrar o leitor de ambas as obras.

²¹ “Em *Se questo è un uomo* procurei escrever as coisas mais densas, mais pesadas, e mais importantes. Parecia-me que o tema da indignação deveria prevalecer: era um testemunho de teor quase jurídico, na minha intenção deveria ser um ato de acusação – não com o escopo de provocar uma represália, uma vingança, uma punição –, mas sempre um testemunho” (Tradução nossa).

Interessante acrescentar que cada um dos *corpus* dialoga com outros textos, literaturas de outros gêneros que não os seus próprios, lançando luz sobre a intertextualidade que as conecta intrinsecamente. De acordo com Sandra Nitrini (1997, p. 163) quando cita Laurent Jenny (1976, p. 262), o dialogismo se dá como fruto de um “trabalho de transformação e assimilação de vários textos operado por um texto centralizador que mantém o comando do sentido”.

Desta forma, entender o terreno no qual a obra do escritor australiano foi alicerçada revigora seu potencial estético e estilístico, que incide na influência causada no leitor, em sua experiência de um modo geral, em seus sentidos, percepção e fruição. O mesmo podemos afirmar em relação à obra italiana: saber sua procedência quanto ao gênero textual é um acréscimo relevante para o receptor daquele relato, podendo intensificar a experiência leitora, a tomada de consciência de sua imersão histórica — saber o que, de fato, ocorreu com o narrador e autor, Primo Levi, um dentre tantos prisioneiros do *Lager*, um dentre os pouquíssimos sobreviventes do Holocausto.

3.2 Uma poética da finitude: reflexão sobre a condição humana

O prazo de validade está presente nas relações humanas e em aspectos ao redor dessas relações. Ao trazer a ideia de uma poética da finitude à nossa análise, falamos de uma relação que orbita em torno do fim. Vislumbramos, portanto, engendrar novas teias de reflexão ao cotejar relevantes contrastes em ambas as obras.

A pertinência dos pontos demonstrados a seguir reside na proximidade, na iminência da morte que deixa profundas marcas nos personagens (fictícios ou não) e no leitor, que está de fora de todo e qualquer acontecimento narrado nas páginas, distante no tempo e no espaço tanto em *A menina que roubava livros* quanto em *É isto um homem?*. Estamos diante de uma poética que incita a reflexão: o que estão fazendo com a vida?

Nesta parte da análise, selecionamos dois pontos separados em subtópicos, intitulados: “As cores e as palavras: Simbologia e Imagologia” e “Narradores paradoxais, semelhanças e uma constatação”. No primeiro, evidenciamos que as cores representam a vida e a sua ausência, ao se fundirem nos ambientes, nas vestimentas e, até mesmo, nos próprios personagens, revelam além do que as palavras são capazes de dizer.

No tópico seguinte, e último, percebemos que a fronteira entre vida e morte é mais tênue do que se pode imaginar. Os narradores se aproximam e se afastam criando oscilações em uma escala que vai do mais ao menos humano/vivo.

3.2.1 As cores e as palavras: Simbologia e Imagologia

Neste subcapítulo, articularemos interessantes aspectos presentes tanto em MRL quanto em EIH: as cores e a utilização de palavras e frases em línguas estrangeiras. Predominantes nas duas narrativas, as cores imbricam-se numa sutura que revela muito da chamada *humanidade*, bem como sua ausência, sob distintas perspectivas, denota a precariedade da vida no período histórico no qual se encontra inserida.

As cores são fundamentais para a construção do cenário, bem como para a ambientação de ambas as histórias. Cores comumente atreladas a bons sentimentos, à alegria e à esperança, como o verde, são pouquíssimas vezes citadas nessas obras. O clima era pesado, a vida era mais incerta que de costume e a esperança, como a cor verde da capa de um dos livros de Liesel Meminger, pegara fogo e, depois, fora destruído pelas bombas.

Um olhar apurado para a simbologia das cores reconhece que elas não são apenas um retrato espaço-temporal de um contexto chamado Segunda Guerra Mundial, marcado pelo frio europeu, mas uma estratégia utilizada por Zusak e Levi para intensificar o poder das palavras empregadas e carregar a atmosfera dos horrores das circunstâncias.

Outro traço que notamos como escolha consciente e significativa é a utilização, em ambas as obras, de termos e frases completas em alemão, muitas vezes sem tradução, causando um estranhamento quando nos deparamos com a fala do Outro. Levi ainda traz trechos em outras línguas para ilustrar, com propriedade, a Babel dos *Lager*. Veremos como cada autor trabalhou esse traço e qual foi o impacto gerado a partir de tal ato discursivo.

Nossa visão interpreta as diversas associações, comparações e metáforas envolvendo as cores como elementos cruciais de construção narrativa que servem como trampolim de imersão leitora ao que é apresentado ao público das obras.

A Morte possui, como podemos ver em diversas partes de MRL, uma profunda conexão com as cores. Além dos sons e sabores, ela é uma personagem que carrega uma condição sinestésica – também no sentido patológico do termo: sentidos emaranhados, despertados e percebidos integradamente.

Não era uma coincidência que tudo no interior dos campos de concentração e muito ao redor exalasse ausência, vazio, tristeza, morte. Que paleta de cores estaria implicada numa condição tão hostil à humanidade e à vida? A que seria capaz de reforçar cada um desses sentimentos e condições tão agônicos.

Explicitaremos alguns fragmentos que ilustram significativamente a inserção das cores amarelo, branco, cinza e marrom na espacialidade ocupada pelos personagens das narrativas em questão: As mortes em Colônia, uma cidade alemã, são pintadas sob um céu amarelo, segundo a Morte em MRL: “O céu de Colônia estava amarelo e pútrido, descascando nas bordas” (ZUSAK, 2013, p. 151).

Carreguei-as nos dedos, feito malas. Ou então as jogava por cima do ombro. Só as crianças foi que levei no colo. Quando terminei, o céu estava amarelo como jornal em chamas. olhasse de perto, eu podia ver as palavras, as manchetes das notícias comentando o progresso da guerra e assim por diante. (ZUSAK, 2013, p. 295)

O mesmo amarelo pútrido estava estampado nos corpos e nos rostos dos prisioneiros dos campos de concentração, como citado por Levi em EIH: “Outros espectros esfomeados andavam como nós, explorando: barbudos, olhos encovados; seus membros apareciam esqueléticos, amarelos entre os farrapos” (LEVI, 1988, p. 163) e “Alguns de nós têm a pele amarelada, outras cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos” (LEVI, 1988, p. 35).

Nas duas obras, o branco está constantemente presente na forma da neve.

Um exemplo da recorrência desta cor em MRL, ocorre quando o irmãozinho de Liesel descansa, morto, nos braços da mãe: “Primeiro aparece uma coisa branca. Do tipo ofuscante. [...] Sim, era branco. Era como se o globo inteiro estivesse vestido de neve. [...] Como você poderia supor, alguém tinha morrido. [...] Havia dois guardas. Havia uma mãe com sua filha. Um cadáver” (ZUSAK, 2013, p. 13). Temos a perspectiva da morte sobre a ausência da vida: há um apagão de consciência, o cadáver está branco; a neve é sinônimo de frio e de morte.

A Morte relata o terrível dia cinzento em que o histórico primeiro trem, saído de Paris, levava judeus para Auschwitz, em 23 de junho de 1942: “A todos levei embora, e se houvesse um momento em que precisei de distração, foi esse. Em completa desolação, olhei para o mundo lá de cima. Vi o céu transformar-se de prata em cinza e em cor de chuva. Até as nuvens tentavam fugir” (ZUSAK, 2013, p. 306). Um prelúdio do substantivo cinza, combinando com a fumaça do trem e das câmaras de gás...

No fragmento do relato de Levi, a seguir, podemos identificar a integração destas três cores: branco, cinza e marrom.

Hoje, e aqui, o nosso objetivo é aguentarmos até a *primavera*. No momento, não pensamos em outra coisa. Depois desse objetivo não há, por enquanto, outro. De manhã, quando, formados na Praça da Chamada, esperamos longamente pela hora de irmos ao trabalho, e cada sopro de vento penetra por baixo da roupa e corre em arrepios por nossos corpos indefesos, e *tudo ao redor é-de cor cinza, e nós também somos cinzentos...* [...] hoje, pela primeira vez, o sol nasceu vivo e nítido por cima do *horizonte de lama*. É um *sol polonês, frio, branco e longínquo...* (LEVI, 1988, p. 71, grifos nossos).

Assim como a neve, o sol é branco. Cinza na cor da fábrica, na cor da pele, na existência sem vida dos prisioneiros. Uma neve corrompida pela lama, homens igualmente corrompidos pelos ideais nazistas corrompem a condição humana dos outros. Vemos a seguir os homens sendo comparados aos prédios da Buna, a fábrica de borracha, onde Levi trabalhou.

[...] a *fábrica é desesperadamente, essencialmente cinzenta e opaca. Este emaranhado sem fim de ferro, cimento, fumaça e lama é a negação da beleza*. Suas ruas, seus edifícios chamam-se como nós, com letras ou números, ou com nomes inumanos e sinistros. Dentro da sua cerca não cresce um fio de grama, a terra está saturada dos resíduos tóxicos de carvão e petróleo, não há nada vivo, a não ser as máquinas e os escravos; mais vivas aquelas do que estes. (LEVI, 1988, p. 72, grifos nossos)

Nos fragmentos acima, há uma sequência de outros adjetivos e locuções adjetivas lado a lado ao emprego das cores, ambos se complementam e compõem a cena: a fábrica é “cinzenta”, “opaca”, “um emaranhado sem fim de ferro, cimento, fumaça e lama”, “negação da beleza”.

Segundo a professora e pesquisadora Lucíola Macêdo (2014, p.130-131), o significante “cinzento” pode ser encontrado, bem como suas variações, desde os primeiros escritos de Levi, originando-se poeticamente no poema “Buna”, datado de 28 de dezembro de 1945, no qual as manhãs são cinzentas, da mesma forma que a fumaça da fábrica, a própria fábrica e os semblantes dos prisioneiros.

Na obra sob nossa análise, Levi tece a comparação entre a fábrica e os prisioneiros de modo a enfatizar suas semelhanças: são cinzentos, opacos, não há beleza, estão nomeados com números ou nomes sinistros. Contudo, o grau de superioridade estabelece que as máquinas estão mais vivas que os escravos. O solo acompanha esta falta de vitalidade, a grama verde (esperança!) não cresce devido ao excesso de resíduos tóxicos provenientes do

carvão e do petróleo. Ao mencionar esta interação entre adjetivos e locuções adjetivas, vem-nos à mente a imagologia como uma perspectiva interessante de análise para dizer o Outro, isto é, destacar a alteridade.

Segundo Hugo Dyserinck, citado por Celeste Ribeiro de Sousa (2005, p. 22), “essa teoria repousa igualmente sobre uma imagem e, também neste caso, não se deve pesquisar a verdade do seu conteúdo, mas sim investigar os bastidores da formação dessa imagem, o mecanismo de seu desenvolvimento” para encontrar o que a imagologia literária chamaria de “*autoimagem* (isto é, um retrato do próprio país, da própria coletividade, da própria cultura)”. Neste caso, estaria centrada na própria cultura nazista do extermínio em massa, mais especificamente, nas cenas apresentadas nos parágrafos anteriores, nos quais se destacam o trabalho precário, insalubre e incessante.

O mecanismo do desenvolvimento dessa imagem vem retratado em três diferentes níveis, como expõe Daniel-Henri Pageaux (2011, p. 112-3): o da palavra, o da hierarquização e o do cenário. O da palavra abrange a observação do campo lexical, das comparações, equivalências e aproximações para dizer a alteridade, demonstrando julgamento de valor e hierarquização (2011, p. 112), como em “... e tudo ao redor é de cor cinza, e nós também somos cinzentos [...] Este emaranhado sem fim de ferro, cimento, fumaça e lama é a negação da beleza” (LEVI, 1988, p. 71-72, grifos nossos).

Vemos, no exemplo acima, a relação existente entre os prisioneiros cinzentos com a fábrica, o cimento, o ferro e tudo mais ao redor, num ciclo de negação de qualquer coisa que poderia ser chamada de bela. No nível da hierarquização, “*não há nada vivo, a não ser as máquinas e os escravos; mais vivas aquelas do que estes*” (LEVI, 1988, p. 72, grifos nossos), vemos que a condição daqueles trabalhadores da Buna era inferior à das máquinas, estando estas, de alguma forma, mais vivas, ativas, com mais energia para funcionar e trabalhar que aqueles. Esta sequência narrativa apresenta uma hierarquia a partir de uma “qualificação diferencial” (PAGEAUX, 2011, p. 113).

Por fim, no nível do cenário, afirma Pageaux (2011, p. 113), podemos ver “o texto como o resultado de um conjunto de escolhas possíveis para dizer o Outro” e, desta forma, “revelar o funcionamento de uma ideologia, seguir e definir a lógica de um imaginário”, sendo que “essas escolhas dependem amplamente do contexto histórico, social, cultural, político – e teremos razão, se reconhecermos que é a partir desses dados que o texto é escrito, e não por causa deles”. (Grifo do autor)

Assim, a motivação dos textos e de cada uma das escolhas adjetivas realizadas entra em evidência, substituindo o elemento causa. Poderíamos transcrever novamente os

fragmentos acima de modo integral, pois desenham um cenário motriz, como no exemplo da visão de Levi do território polonês no qual se encontrava o Complexo de Auschwitz: “Hoje, pela primeira vez, o sol nasceu vivo e nítido por cima do *horizonte de lama*. É um *sol polonês, frio, branco e longínquo...*” (LEVI, 1988, p. 71, grifos nossos). Prossigamos com a explanação do emprego das cores cinza e marrom também em MRL.

Os dias eram cinzentos no romance de Zusak, a neve branca estava suja, conseqüentemente, uma mescla de marrom e de cinza: “Era um dia *cinza, a cor da Europa*. (...) Havia *uma neve suja*, estendida feito um tapete. Havia *concreto, árvores nuas que pareciam porta-chapéus, e um ar cinzento*” (ZUSAK, 2013, p. 28, grifos nossos). As árvores praticamente mortas, desprovidas de folhas, transformam-se em acessório, praticamente sem vida, numa paisagem inóspita. A cor de identificação da Morte é o marrom escuro, tom de chocolate, a lama e as árvores também figuram como parte do cenário da pequena e pobre cidade de Molching.

Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 41), a cor amarela por um lado representa a eternidade, a luz do sol, a fertilidade, por outro, também é “anunciadora do declínio, da velhice, da aproximação da morte”. Em diversas culturas essa cor aparece como ambivalente, contrastando virtudes e vícios, vida e morte. Ela também está ligada ao adultério e é atribuída, originalmente, ao enganador, de acordo com muitos costumes,

A porta dos traidores era pintada de amarelo a fim de atrair para ela a atenção dos transeuntes nos sécs. XVI e XVII. Desde o Concílio de Latrão IV (1215) os judeus foram obrigados a levar uma rodela amarela costurada à roupa. [...] quando os sindicalistas chamam de “amarelo” o operário que se dessolidariza da sua classe, então, sem saber, recorrendo às mesmas fontes simbólicas em que os nazistas foram buscar a ideia de aplicar a estrela amarela aos judeus. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 41)

De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2001, p. 141), a cor branca é absoluta e significa ora a ausência, ora a soma das cores. Pode colocar-se no início e no “fim da vida diurna e do mundo manifesto”. Pode representar ademais o término da vida, mas de modo transitório, como um rito de passagem, um “ponto de junção do visível e do invisível e, portanto, é um outro início”. Também conota a cor do silêncio.

Em determinado momento havia vida, esperança, um emaranhado de cores, mas a guerra “fabricou” muitas ausências, mortes... e seria esse rito de passagem — se pensamos em um dos significados da cor branca, o de um estado transitório — um limbo entre o

esquecimento e a lembrança das experiências vividas e relatadas pelos narradores? Essa seria a cor do impasse do *double bind*?

A cor cinzenta ou *gris* é composta por partes iguais de preto e de branco e na simbologia cristã é a cor da ressurreição dos mortos. Os judeus se cobriam dessa cor para externar uma intensa dor. É, também, a cor da bruma. “O gris-cinza é uma cor de luto aliviado” (2001 p. 248), podendo dar a impressão de tristeza, de melancolia ou de enfado.

Os prisioneiros, as construções, o próprio Sol representados nesta tonalidade que equilibra vida e morte, nas mesmas proporções, refletem tais sentimentos vinculados ao cinza. Inseridos estão esses personagens e elementos em um meio termo — nem vivos, nem mortos. Talvez a cor desperte, por um lado, a rememoração dos destroços e, por outro, a possibilidade de recomeço no pós-guerra. Onde havia apenas ruínas, pode haver vida novamente, um renascer do cinza e das cinzas, como a mitológica figura da fênix²², algo que o próprio *Führer* objetivava para a Alemanha.

O marrom não está listado com essa nomenclatura no *Dicionário de Símbolos* (2001 p. 198-199), mas há a ocorrência do castanho-escuro, a qual é igualmente reveladora se pensarmos em uma simbologia das cores. É a cor, em primeira instância, do solo terrestre, mas faz “lembrar também a folha morta, o outono, a tristeza. É uma degradação, uma espécie de casamento rebaixador das cores puras. [...] Na Irlanda, entretanto, a cor castanho-escuro (*donn*) é um substituto do negro, de que contém todo o simbolismo, infernal ou militar”. Faz-se desnecessário esclarecer a interessante relação entre “morte”, “infernal” e “militar” — Levi enfatiza que essa é a cor do uniforme dos soldados nazistas — perante o contexto histórico da Segunda Grande Guerra.

Um olhar para estas cores reincidentes em ambas as obras revela uma potencialização intertextual de significados imagísticos, intensificando o contexto espacial e temporal da Europa durante a Segunda Guerra Mundial, corroborando a inexorabilidade da finitude humana.

No que tange à utilização de palavras e frases em alemão, como ocorre em MRL e, ainda, em outras línguas, como em EIH, percebemos algumas diferenças principalmente quanto ao efeito de sentido que causa no texto e no leitor. Tal recurso linguístico é interessante para um estudo da alteridade.

²² Segundo Sales (2018, p. 95), foi através das “ideias de morte-ressurreição, e de longa vida que lhe estavam associadas, que a ave egípcia se tornou o protótipo para a fênix dos Gregos (*phoinix*) e dos Romanos (*phoenix*), a ave fabulosa que simbolizava o renascimento e a autorregeneração, geração após geração, identificada com a hoje extinta garça-real *Ardea bennuides*”. Também chamada como *ave-benu*.

Zusak apresenta ao leitor uma série de ocorrências em língua alemã sob um perfil mais didático. Nesse romance, cada palavra ou frase capaz de criar um estranhamento devido à diferença de língua é codificada, seguida por sua tradução, acompanhada de pistas fornecidas pelo contexto ou, ainda, explicada pela narradora – a Morte.

Em “*Dein neues Heim*. Sua nova casa” (ZUSAK, 2013, p. 28) e “– *Was ist los mit dem Kind?* – perguntou Rosa Hubermann. Repetiu a pergunta. – Qual é o problema da menina?” (2013, p. 29), a tradução nos é dada logo em seguida. Como continuação da pergunta anterior de Rosa Hubermann, compreendemos pelo contexto que estamos diante de uma negativa. A cena nos revela isso: Liesel não quer aceitar toda aquela mudança, ter novos pais, ficar sem sua mãe: “Enfiou a cabeça dentro do carro e disse: – *Na, komm. Komm*. O banco da frente foi abaixado. Um corredor de luz fria a convidava a sair. Ela não se mexeu” (2013, p.29).

Em forma de notas ou verbetes de dicionário, a narradora de MRL também traz algumas novas palavras alemãs e sua tradução para nosso conhecimento:

SIGNIFICADO Nº 1 DO DICIONÁRIO DUDEN
Zufriedenheit — Felicidade:
 Proveniente de feliz — que goza
 de prazer e contentamento.
 Vocábulo correlato: júbilo, alegria,
 sentir-se afortunado ou próspero (ZUSAK, 2013, p.313)

Temos, na citação abaixo, uma explicação mais detalhada da narradora sobre alguns termos que se repetirão bastante no decorrer do romance e que vão adquirindo um caráter mais afetivo conforme nos afeiçoamos à desbocada personagem, Sra. Rosa Hubermann. Fica evidente, portanto, a ocorrência do primeiro nível dos estudos imagológicos, segundo Pageaux (2011, p.112). A Morte ainda nos orienta com relação à pronúncia de *saukerl*, reforçando a preocupação pedagógica do autor. A palavra *Saumensch*, então, pode ser traduzida como porca, uma forma de xingar uma menina/mulher.

No começo, foi a linguagem desbocada que causou impacto imediato. Era muito veemente e prolixa. A cada duas palavras vinham *Saumensch*, ou *Saukerl*, ou *Arschloch*. Para quem não está familiarizado com esses termos, convém eu explicar. Sal, é claro, refere-se a porcos. No caso de *Saumensch*, serve para descompor, espinafrar ou simplesmente humilhar uma pessoa do sexo feminino. *Saukerl* (que se pronuncia “zaukerl”) é para os homens. *Arschloch* pode ser diretamente traduzido por “babaca”. Mas essa palavra não diferencia os sexos. E só assim (ZUSAK, 2013, p. 32-33)

A criatividade de Zusak reflete-se igualmente, portanto, em suas inovações linguísticas, como no neologismo a seguir. De *schmunzel*, que está relacionado a sorrir e

alegrar-se, nasce um novo verbo em português, *schmunzelou*²³: “– Que falar um pouquinho mais alto, não quer? – Rudy *schmunzelou*. – Está vendo no que dá roubar? Você está toda preocupada” (ZUSAK, 2013, p. 304).

Notamos que MRL também pretende compartilhar com o leitor elementos culturais provenientes da língua alemã. Na língua portuguesa, quando desejamos sorte a uma pessoa em uma apresentação, uma competição, podemos, ironicamente, proferir a expressão “quebra a perna!”. Aprendemos que os alemães podem ir um pouco além: “Quando o grupo da faixa etária de Rudy foi chamado para os 1.500 metros, Liesel lhe desejou boa sorte em estilo tipicamente alemão. — *Hals und Beinbruch, Saukerl*. Mandou-o quebrar o pescoço e a perna”²⁴ (ZUSAK, 2013, p. 316).

Tais expressões lembram ao leitor que existem diferenças entre sua cultura e a dos personagens, mas também há a questão da alteridade entre os personagens. Rudy vai aprendendo sobre isso com seu pai, após ser advertido por brincar cheio de lama, imaginando ser o corredor Jesse Owens. O Sr. Steiner esclarece o menino sobre o perigo de não se enquadrar no grupo “nós” alemães e nazistas: “... você não deve querer ser como os negros, nem como os judeus, nem como qualquer um que... que não seja *nós*” (2013, p. 56). Manifesta-se o segundo nível de estudo imagológico (2011, p. 116), o da hierarquia. Grupos distintos são evidenciados sob um juízo de valor: *Nós* somos superiores a *eles*.

Uma passagem do romance de Zusak nos chamou a atenção pela intertextualidade com a autobiografia de Levi: “Foi na Rússia, em 5 de janeiro de 1943, apenas mais um dia gelado. Em meio à cidade e à neve, havia russos e alemães mortos por toda parte. Os que tinham sobrado disparavam contra as páginas em branco à sua frente. *Três línguas se entrelaçaram. O russo, as balas e o alemão*” (2013, p. 408, grifo nosso).

A presença apenas da língua alemã poderia prenunciar tragédias, em MRL, mas nem sempre, conforme os exemplos citados. Contudo, a adição de mais uma língua, a russa, atraiu a língua da violência, da bala, da morte. Na Babel existente nos *Lager*, o turbilhão de idiomas, somado aos comandos em alemão, na maioria das vezes, incompreensíveis, se traduzia em morte. A confusão mental era generalizada, a mente permanecia abalada, confusa. De modo a salientar o plurilinguismo nos *Lager*, Primo Levi lança mão da metalinguagem e faz alusão a

²³ Não podemos deixar de dar crédito à excelente tradução de Vera Ribeiro e de toda a equipe de profissionais envolvida no árduo e importante trabalho de tradução.

²⁴ Na verdade, acredita-se que a expressão tenha se originado na cena teatral americana, no início do século XX. Alguns creem que foi adaptada do ditado alemão “Hals-und Beinbruch”, que significa “pescoço e perna quebrada”. Essa frase também pode ser derivada da bênção hebraica “hatzlakha u-brakha”, que significa “sucesso e bênção”.

dois episódios bíblicos usando palavras em diversas línguas: a confusão na Torre de Babel e a construção das pirâmides do Egito pelos hebreus.

A Torre do Carburto, que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos. Seus tijolos foram chamados *Ziegel, briques, tegula, cegli, kamenny, bricks, téglak*, e foi o ódio que os cimentou; o ódio e a discórdia, como a Torre de Babel, e assim a chamamos: *Babelturm, Babelturm*, e odiamos nela o sonho demente de grandeza dos nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós homens. (LEVI, 1988, p.73)

Em EIH o estranhamento não que se converte, simplesmente, em uma forma de conhecer um pouco mais sobre as diferentes línguas transcritas por Levi. Esse estranhamento não é sempre traduzido, mas em alguns momentos, o contexto ajuda a ter uma ideia do sentido: “De vez em quando, o Kapo passa entre nós e chama: – *Wer hat noch zu fressen?*”²⁵ (1988, p.76), em seguida Levi reflete sobre como comem os homens – “*essen*” e como o fazem os animais/as bestas – “*fressen*” (sem modos, sem mal respirar), assim conseguimos ter uma noção do significado da frase em alemão.

Tais ocorrências específicas de diferença vocabular que qualificam uma grande diferença social e comportamental são exemplos do primeiro nível dos estudos da imagologia – o da palavra. Toda dificuldade de compreensão e expressão da linguagem ratifica a potência do indizível nos campos de concentração: não pode haver comunicação devido à repressão do sistema e à incapacidade de trocas por desconhecimento linguístico.

Os soldados e seus superiores nazistas possuíam uma identidade nacional e compreendê-la também era saber que os prisioneiros não eram parte desta identidade, constituindo uma alteridade, nas palavras de Daniel-Henri Pageaux (2011, p. 111): “A imagem do estrangeiro pode igualmente dizer certas coisas sobre a cultura de origem (observante). Toda alteridade revela uma identidade – ou vice-versa”. Um é caracterizado por ser o que o outro não é.

Cesare Segre (LEVI, 2005, p.198) esclarece que não compreender a língua, de modo atroz, significava compreender a violência à qual estavam submetidos os prisioneiros. Os comandos, geralmente, aparecem sem tradução e podemos imaginar o desnorteamento dos prisioneiros: “Por fim (já escureceu, mas o Campo é intensamente iluminado por faróis e holofotes), ouve-se gritar: — Absperre! — e todos os grupos se desmancham num vaivém

²⁵ Consideramos interessante o fato de que, ao compararmos a versão italiana, original, e a brasileira de EIH, na original, temos menos traduções das expressões estrangeiras, diferentemente do que ocorre com a edição em português do Brasil (1988) que utilizamos. Esse trecho é um exemplo disso, pois logo após a sentença em alemão, há a tradução para o português entre parênteses: “(Quem deve comer ainda?)” (LEVI, 1988, p.76).

confuso e turbulento” (1988, p. 26). Gradativamente, vão aprendendo como é o funcionamento do campo de concentração: “Outras coisas aprendemos ainda, uns mais, outros menos rapidamente, conforme o temperamento de cada um. A responder: “*Jawohl!*”, a não fazer nunca perguntas, a fingir ter compreendido sempre” (1988, p. 31).

Nos momentos em que Levi divide a rotina dos prisioneiros conosco, explica os termos estrangeiros (LEVI, 1988, p. 34): “Esta será, então, a nossa vida. Cada dia, conforme o ritmo. fixada, *Ausrücken e Einrücken*, sair e voltar; trabalhar, dormir e comer; adoecer, sarar ou morrer”. Quando está tentando conversar com prisioneiros em línguas diferentes da italiana, também nos ajuda a compreender o que está sendo dito:

— Me mostra teu número. Tu és 174.517. Esta numeração começou há dezoito meses e vale para Auschwitz e os Campos que dele dependem. Nós somos, agora, dez mil aqui em Buna-Monowitz; uns trinta mil, talvez, entre Auschwitz e Birkenau. *Wo sind die Andere?* Onde estão os outros?
 — Talvez transferidos para outros Campos ...
 Schmulek abana a cabeça, diz a Walter:
 — Er will nix versteyen — ele não quer compreender (LEVI, 1988, p.52)

A vivência de Levi e dos outros prisioneiros dos campos de concentração não tinha legendas nem tradução. Somos transportados para aquela realidade também devido ao recurso de manutenção de palavras e expressões estrangeiras que nos causam estranhamento à primeira vista. Compreendemos intimamente um pouco daquela experiência graças à confusão linguística.

Em suma, podemos concluir que em ambas as obras esse recurso linguístico causa estranhamento. Zusak e Levi tecem um imaginário para representar o Outro e o estrangeiro:

A imagem, no sentido comparatista, a imagem ou representação do estrangeiro é um conjunto de ideias recolhidas no âmbito de um processo de literarização, mas também de socialização. Essa perspectiva obriga o comparatista a levar em consideração os textos literários, sua condição de produção, de difusão, de recepção, e também de todo material cultural com o qual se escreveu, mas também viveu, pensou, e, sem dúvida, sonhou. A imagem conduz a cruzamentos problemáticos, nos quais aparece como elemento revelador, particularmente esclarecedor do funcionamento de uma sociedade em sua ideologia, em seu sistema literário (quem escreve, o que e como se escreve sobre o Outro) e em seu imaginário (que não pode ser outro senão o imaginário social). (PAGEAUX, 2011, p. 110)

Todavia, o contexto de cada obra difere radicalmente. Em MRL, um romance ficcional, os personagens falam em alemão – afinal, vivem na Alemanha – e o leitor tem acesso a algumas das falas nesta língua, enquanto a maior parte do texto se encontra estruturada na língua do exemplar adquirido (inglês, português etc.).

Por outro lado, em EIH, lemos o relato de uma experiência-limite do autor Primo Levi em Auschwitz. A confusão linguística era real e a compreensão ou a não compreensão de algo, fato extremamente comum, tinha implicações sérias e até mesmo mortais. Sendo assim, Zusak recorreria ao uso da língua alemã por questões estéticas e estilísticas, enquanto Levi o fazia para retratar essas implicações decorrentes da barreira linguística durante sua experiência.

Assim, em maior ou menor grau, a inserção de palavras e expressões estrangeiras pode ser encarada como ampliação vocabular do leitor, inserção de elementos e aspectos culturais de uma época ou de um povo, expressão de criatividade do autor (Zusak) e/ou de sua incrível memória de eventos vivenciados (Levi). A linguagem torna-se instrumento para reflexão e estudo acerca da complexidade humana, bem como uma possibilidade de compreender a si e o Outro, também pelo viés imagológico, analisado em cada contexto.

3.2.2 Narradores paradoxais, semelhanças e uma constatação

De um lado, MRL, um romance que interpola o ficcional com o real; do outro, EIH, um expoente da literatura de testemunho, o qual se debruça totalmente sobre a experiência vivida pelo escritor italiano. Para além da diferença entre os gêneros textuais caracterizadores das obras, são vastas as relações intertextuais que se tecem e entretecem entre ambas. Neste tópico, salientaremos uma diferença e uma semelhança que nos chamaram a atenção: os narradores, se individuados, são paradoxais e, curiosamente, compartilham uma mesma perspectiva para com a humanidade.

No capítulo anterior, apresentamos a narradora Morte que nos brinda com a sua visão sobre a vida das pessoas, lança um olhar crítico sobre a perspectiva dos seres humanos, nós, leitores. A eterna certeza, a morte, personificada em narradora, alude, assim, à efemeridade e à contingência da vida humana e o faz com tamanha humanidade e compaixão que destoa de muitos dos cruéis personagens, como o líder supremo da Alemanha nazista, Adolf Hitler, o homem da guerra.

“A guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar”, afirma Achille Mbembe (2016, p. 123-124) em seu conhecido ensaio de 2003, cujo título expressa um dos termos por ele cunhados: “Necropolítica”. Mbembe articula

o biopoder de Foucault, a soberania e o estado de exceção para demonstrar como ocorre a desvalorização da vida humana perante os interesses políticos e econômicos.

Na posição de *Führer*, o ditador Hitler administrava a necropolítica do III Reich por estar na posição de “ditar quem [poderia] viver e quem [deveria] morrer” (2016, p. 123); sua condição de soberano lhe permitia determinar os limites da vida e da morte (2016, p. 127). Mesmo os vivos estavam subjugados a essa política da morte, como veremos, mais adiante, em EIH, demonstrando a abrangência da necropolítica.

Em MRL, a Morte personificada narra uma história que chamou sua atenção, causando uma mistura de curiosidade e assombro. Por três vezes, uma menina cruzou seu caminho e não foi embora com ela. A menina era Liesel Meminger, cujo hobby de roubar os mais diversos livros foi fundamental para a própria sobrevivência e desenvolvimento humano em meio a um dos períodos mais terríveis da história.

A narradora conta a vida da menina que, por muitos anos, viveu na Rua Himmel, palavra alemã cujo significado em português – como vimos – significa “céu”. Certamente, a Morte tem uma profunda ligação com o céu, embora não seja absolutamente caricata: não se assemelha a uma caveira, nem é simbolizada como portadora de uma foice. Observa tudo ao seu redor e narra diversos episódios relacionados à roubadora de livros. Trata-se de uma narradora que dialoga com o leitor, introduz discussões filosóficas e faz reflexões a respeito da vida.

Temos, assim, a vida apresentada pela perspectiva dessa Morte-personagem. Uma Morte curiosamente viva, que respira, é gentil, é amiga e, até mesmo, irônica, como vemos nos seguintes trechos: “É claro, uma apresentação. Um começo. Onde estão meus bons modos?” (ZUSAK, 2013, p. 9), “Lembro-me claramente de que estava respirando alto nesse dia” (2013, p. 14), “E continuavam a me alimentar. Minuto após minuto. Chuveiro após chuveiro. Nunca me esquecerei do primeiro dia em Auschwitz” (ZUSAK, 2013, p. 305).

Ela transita entre os mundos, embora esteja sempre entre os vivos, “vivendo”, acompanhando cada um, pronta para o momento certo de levá-los. Os prisioneiros de Auschwitz e os civis “livres”, trabalham tanto para sobreviver quanto a Morte para dar conta da tarefa de levá-los, o que muitas vezes ocorria de forma prematura, devido à guerra.

O ser humano não tem um coração como o meu. O coração humano é uma linha, ao passo que o meu é um círculo, e tenho a capacidade interminável de estar no lugar certo na hora certa. [...] Mas eles têm uma coisa que eu invejo. Que mais não seja, os humanos têm o bom senso de morrer. (ZUSAK, 2013, p. 426)

A Morte fictícia tem sentimentos, até mesmo um coração, e figura como intermediária, estando ela mesma neste limbo, neste entrelugar, neste umbral, desempenhando sua precípua função mortífera. Primo Levi é protagonista e narrador de sua história, ou melhor, de sua experiência no *Lager*, durante sua estada em Auschwitz, mais especificamente em Buna Monowitz, pertencente ao complexo de campos de concentração de Auschwitz, na Polônia. Como o próprio Levi relata, sua sobrevivência é devida a uma grande dose de sorte, de escolhas aleatórias e de uma série de oportunidades. Viver ou morrer, naquele contexto, era mero fruto da casualidade.

Durante os 11 meses de trabalho, nos campos de concentração, o autor vivenciou a degradação da condição humana e enfrentou as atrocidades que acometem os que se encontram nessas circunstâncias tão adversas. É inegável a potência e a urgência de seu relato. Nos campos de concentração, ocorria o processo para efetivar o apagamento de características que, por consenso, definem um homem. Um narrador representando muitos que não puderam narrar sua história. A proximidade com a finitude da vida diariamente criava uma linha tênue entre o mundo dos vivos e o dos mortos.

A morte é tudo ao seu redor: é o sistema nazista; é o soldado que dá um comando em alemão, não sendo compreendido pelos prisioneiros; é o traje que não protege do frio; é o sapato de numeração e par aleatórios que produz chagas nos pés mortalmente; é a sopa rala que não mata fome nem sede; é a água poluída que sai da torneira que é bebida, a mesma que não limpa durante o banho; é o prisioneiro ao lado que, corrompido, pode subir de categoria ou ficar vivo um pouco mais pisando nos outros; é o frio; é o trabalho escravo, exploratório, exaustivo; é o tempo que não passa; é cada lembrança que pode surgir e destruir a mais ínfima esperança; é o próprio homem que não se reconhece mais como digno de assim ser chamado.

Algumas passagens narradas por Levi²⁶ (1988) traduzem mais claramente o que é “viver” nos campos de concentração, uma vez que mal se está vivo, ao passo que a morte se transforma numa consequência direta daquela subvida, numa morte parcialmente consumada, quer dizer, numa morte-em-vida: “Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar “morte” à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder

²⁶ São abundantes os excertos que exemplificam a condição dos prisioneiros dos Lager. Acrescentamos alguns momentos densos que a definem: “e lá aparecem nossos companheiros, voltando em grupos do trabalho. Marcham em filas de cinco, com um andar estranho, não natural, duro, como rígidos bonecos feitos só de ossos...” (1988, p. 28); “Para os homens vivos, as unidades de tempo sempre têm um valor, tanto maior quanto maiores são os recursos interiores de quem as percorre, mas, para nós, horas, dias, meses fluíam lentos do futuro para o passado, sempre lentos demais, matéria vil e supérflua de que tratávamos de nos livrar depressa” (p. 119); “A notícia de que estava sendo cozida uma sopa espalhou-se rapidamente na multidão dos semivivos” (p. 166); “Os vivos são mais exigentes; os mortos podem esperar. Iniciamos nosso trabalho como sempre” (p. 174).

compreendê-la” (p. 91) e “Como não se apercebem do esforço grotesco, absurdo que exigem de nós, de nós, já não vivos, nós, meio dementes na esqualida espera do nada?” (p. 105).

Uma série de medidas foram implementadas pelos nazistas em prol do “interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de ‘mundos de morte’, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de ‘mortos-vivos’” (MBEMBE, 2016, p. 146), seja na qualidade de prisioneiros dos campos ou, ainda, *lato sensu*, na de prisioneiros dentro do estado de exceção, que tolhe individualidades e liberdade, em quaisquer sentidos.

Levi é o narrador-morte, que dialoga com seu leitor e, assim como Liesel Meminger, é um sobrevivente que, na época da guerra, fora pela Morte deixado inúmeras vezes para trás. Ambos os narradores transitam entre a vida e a morte e trazem, de certa forma, a mensagem de que a vida tem suas virtudes e vícios, belezas e tristezas ampliadas ou encurtadas pela realidade da morte como marca da finitude humana. Eles questionam o valor da vida e comentam sua destruição pelo homem. Há, portanto, o movimento de se pensar sobre a vida a partir da morte.

Trata-se de um exercício reflexivo, de pensar na dualidade humana com o empréstimo ocular da Morte, que relata estar sempre encontrando nos seres humanos o “que eles têm de melhor e pior. Vejo sua feiura e beleza, e me pergunto como uma mesma coisa pode ser as duas” (ZUSAK, 2013, p. 426). Levi busca e luta pela humanização. A Morte é humanizada pelo autor, ela é natural ao mesmo tempo que sobrenatural, como citam Luciano Sousa e Elaine Souza (2015, p. 33) no artigo intitulado “Percorrendo os caminhos da Morte: uma reflexão sobre a personificação da Morte em *A menina que roubava livros*”.

Além do caráter reflexivo sobre a finitude, nossos narradores-morte apresentam outras convergências: “EIS UM PEQUENO FATO: Você vai morrer” (ZUSAK, 2013, p. 9). A morte é uma certeza, principalmente em Auschwitz. Como ocorreu com Levi, alguns fatores combinados podem culminar na sobrevivência, porém nunca por completo, já que não é possível voltar à normalidade após tantos traumas. Uma parte do homem morre lá. “Ninguém deve sair daqui; poderia levar ao mundo, junto com a marca gravada na carne, a má nova daquilo que, em Auschwitz, o homem chegou a fazer do homem” (LEVI, 1988, p. 55).

Nas palavras de Hannah Arendt (2007, p. 167), é um fato que no “Terceiro Reich, o Mal perdera a qualidade pela qual a maior parte das pessoas o reconhecem – a qualidade da tentação”. O mal era real e constante. A degradação do homem que degradava outros homens também pôde ser constatada num dialogismo intertextual. Primo Levi se dá conta do estudo imersivo, intensivo e obrigatório que realizou no *Lager* e chega à mesma conclusão que a

sobrenatural e assustadora, para muitos, Morte: são os seres humanos que assombram. Muitas vezes pela crueldade, pelas ações negativas que infligem a seus semelhantes, mas, felizmente, podem surpreender por bons motivos.

“Lá recebemos as primeiras pancadas, o que foi tão *novo e absurdo* que não chegamos a sentir dor, nem no corpo nem na alma. Apenas um *profundo assombro*: como é que, sem raiva, pode-se bater numa criatura humana?” (LEVI, 1988, p.15, grifos nossos). Percebemos a perplexidade de Levi pelo tratamento injustificável recebido. Nesse sentido, verificamos uma convergência com a antológica conceituação arendtiana de “banalidade do mal”.

Em *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal* (2007), Hannah Arendt tece considerações a respeito do julgamento de muitos nazistas no pós-guerra²⁷ e sua repercussão impactante: cidadãos comuns podem praticar as maiores barbaridades. Arendt (2007, p. 166) analisa o réu Adolf Eichmann e constata que

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que [...] esse era um novo tipo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado.

Comprovadamente participante e culpado pelo extermínio judaico, representado por seu advogado, Eichmann, em seu julgamento em Jerusalém, afirmava que sentia culpa perante Deus, não perante a lei. Desta forma, imputava a si próprio culpa moral, mas não culpa jurídica (AGAMBEN, 2008, p. 32), dificultando a aplicação da sentença e chocando o júri, a imprensa e todos que acompanharam o julgamento.

²⁷ A partir de 18 outubro de 1945, teve início o Tribunal Militar Internacional, em Berlim, e os julgamentos começaram em 20 novembro do mesmo ano, em Nuremberg, mesmo local onde haviam sido instituídas leis raciais. No Tribunal de Nuremberg, foram abertos processos para julgar os vinte e quatro principais criminosos de guerra da Segunda Guerra Mundial. O primeiro, já que os três personagens centrais haviam cometido suicídio – Adolf Hitler, Joseph Goebbels e Heinrich Himmler –, foi Hermann Göring, Ministro da Prússia e responsável pela Política Judaica, que “tentou liderar um movimento para que uma frente única de defesa pudesse ser apresentada, reconhecendo que haviam cometido os atos de que eram acusados, mas negando que se tratasse de ações criminosas” (p. 6). A sentença foi proferida e Göring foi considerado culpado de 1) Conspiração e atos deliberados de agressão, 2) Crimes contra a paz, 3) Crimes de Guerra, 4) Crimes contra a Humanidade. Antes de sua execução por enforcamento, suicidou-se. Para mais informações a respeito do Tribunal de Nuremberg, reiteramos a sugestão do trabalho de Wagner Pinheiro Pereira (2009), disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022. Muitos outros líderes nazistas fugiram e alguns foram encontrados anos depois para serem julgados. Adolf Eichmann foi um dos últimos a ser julgado, em 1961, e os holofotes de todo o mundo se viraram para ele. Hannah Arendt, importante filósofa política alemã de origem judaica, acompanhou, analisou seu julgamento e, como consequência de suas reflexões, publicou em 1963 o aclamado *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal* – que foi visitado durante esse trabalho.

Todorov (1995, p.288-290) ratifica essa surpreendente constatação de Arendt ao reconhecer que muitos dos que praticaram os mais atrozes atos eram, de fato, pessoas comuns, “feitas do mesmo barro” de que somos constituídos. Não há como nos protegemos de um monstro ou um louco que, patologicamente, não se enquadra nessas definições.

Giorgio Agamben (2008, p. 27-28) relembra que Levi disse comparecer aos julgamentos pós-Auschwitz isento da capacidade de julgar, em outras palavras, o sobrevivente e testemunha não reconhecia ter autoridade para tal, apenas contribuiria com o fato, para evitar tornar-se carrasco de seu próprio carrasco. Levi descreve esse lugar ocupado como uma zona cinzenta, na qual vítima e algoz partilhavam da ignobilidade e da abjeção: resquícios de Auschwitz.

Macêdo (2014, p. 129) reflete sobre esta zona cinzenta – *fascia grigia* –, conceito cunhado por Levi, traduzido como “consciências cinzentas”:

Ao problematizar os regimes totalitários, nos quais todo o poder provém do alto e nenhuma crítica poderá jamais vir de baixo, Levi conjectura sobre uma de suas consequências: o enfraquecimento e confusão na capacidade de julgamento, criando-se assim uma ampla camada de ‘consciências cinzentas’, situadas entre os agentes do mal e as vítimas.

Essa problemática condição da zona cinzenta expressa a ruptura maniqueísta bom *versus* mau, pois está relacionada à restrição da liberdade de escolha dos indivíduos a tal ponto que impede a plena faculdade de julgamento diante de ações consideradas dúbias (MACÊDO, 2014, p.130), como o próprio Levi questiona: quem é mais culpado, quem foi convencido pelo regime ou o regime que convenceu o indivíduo?

Com efeito, “o oprimido se torna opressor e o carrasco, por sua vez, aparece como vítima” (AGAMBEN, 2008, p. 30). Esta zona não reside num tempo determinado, tampouco num lugar, ela se propaga e se mantém na lembrança de cenas traumatizantes, como quando Levi, em *Os afogados e os sobreviventes*, narra (2016, p. 29) uma partida de futebol entre a SS e os *Sonderkommando*.²⁸ Será que haviam se esquecido de onde estavam e do que faziam? Como puderam divertir-se naquele contexto? Não parecia haver, da parte de muitos, culpa pelos episódios traumáticos que acompanhariam eternamente os sobreviventes. Aqueles soldados poderiam pensar: qual o problema de fazer uma pausa no trabalho?

Agamben (2008, p. 34-35) discute que aquela partida de futebol nos campos de concentração é assistida por nós cotidianamente quando julgamos normal o que, na realidade, não é. Somos testemunhas de situações deploráveis que podem minar a sensibilidade e a

²⁸ Traduzidas como “comando especial” e formadas por prisioneiros, trata-se das unidades especiais organizadas pelos nazistas.

empatia. Entramos num ciclo vicioso, eterno, *banalizando o mal* após participar, mesmo como espectador, do espetáculo de degradação do homem.

Levi deixa essa questão bem clara após transcrever um trecho da entrevista concedida à jornalista Gitta Sereny por Franz Stangl, que havia sido comandante do campo de concentração de Treblinka. Stangl explicara que as humilhações e as crueldades impostas aos prisioneiros permitiam aos soldados executar o que precisavam: “Noutras palavras, antes de morrer, a vítima deve ser degradada, a fim de que o assassino sinta menos o peso de seu crime. É uma explicação não carente de lógica, mas que brada aos céus: é a única utilidade da violência inútil” (LEVI, 2004, p. 108).

Regressamos à dualidade assombrosa dos seres humanos, segundo a narradora Morte, capaz de praticar atrocidades, como as relatadas por Levi, por Arendt, por Agamben e por Todorov, ao mesmo tempo em que produz criações belíssimas, encantadoras, mesmo nas piores circunstâncias²⁹:

Tive vontade de dizer muitas coisas à roubadora de livros, sobre a beleza e a brutalidade. Mas que poderia dizer-lhe sobre essas coisas que ela já não soubesse? Tive vontade de lhe explicar que constantemente superestimo e subestimo a raça humana — que raras vezes simplesmente a estimo. Tive vontade de lhe perguntar como uma mesma coisa podia ser tão medonha e tão gloriosa, e ter palavras e histórias tão amaldiçoadas e tão brilhantes.
Nenhuma dessas coisas, porém, saiu de minha boca.
Tudo que pude fazer foi virar-me para Liesel Meminger e lhe dizer a única verdade que realmente sei. Eu a disse à menina que roubava livros e a digo a você agora.
• UMA ÚLTIMA NOTA DE SUA NARRADORA •
Os seres humanos me assombram. (ZUSAK, 2013, p. 478)

Em sua dissertação, “A morte na ficção literária” (2002, p. 26), Marilza Carvalho traz uma reflexão interessante a respeito das inquietações e das ideias da figura do pesquisador ao fazer recortes sobre o que discorrerá. Tal ideia permite uma constatação final relativa a nossos dois narradores: eles matam por palavra.

Como vimos, Levi-narrador e a Morte, precisam contar uma história e para tanto, lançam mão das palavras. Ao selecionarem determinados acontecimentos, apagam ou deixam de lado outros e essa ação de lidar com escolhas implica uma ausência seletiva, em outras palavras, esquecimento, apagamento, morte: “Viajamos até aqui nos vagões chumbados; vimos partir *rumo ao nada* nossas mulheres e nossas crianças; nós, feito escravos, marchamos

²⁹ Não poderíamos deixar de mencionar algumas obras-primas produzidas por seus autores em circunstâncias muito extremadas, como a prisão: *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos; *Recordação da casa dos mortos* (1862), de Fiódor Dostoiévski; *Dom Quixote de la Mancha* (1602) de Miguel de Cervantes; *Cancionero y romancero de ausencias* (1958) de Miguel Hernández; *Justine* (1791) do Marquês de Sade. Acrescentamos, ainda, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, que reflete, em seu relato autobiográfico, a miséria na favela, enquanto acompanhamos sua luta para sobreviver e alimentar os filhos.

cem vezes, ida e volta, para a nossa fadiga, *apagados na alma antes que pela morte anônima*” (LEVI, 1988, p. 55, grifos nossos). Pelas ocorrências destacadas, notamos a constatação do esquecimento.

Rumo ao nada é destinar-se a lugar nenhum, um lugar que não existe e, assim, também o homem passa a não existir; *apagados na alma* está relacionado ao intento nazista de destituir de todas as formas a identidade e o valor do homem durante um planejado e cruel processo de desumanização; a *morte anônima* assolou milhões de vítimas do holocausto judeu, cabendo a Instituições sua (re)memoração coletiva, como a *International Holocaust Remembrance Alliance* e a Rede LAES (Rede Latinoamericana para o Ensino da Shoá) – que abrange diversos países da América Latina, incluindo o Brasil.

Refletindo sobre memória e morte, podemos lembrar das tradições de gregos e romanos, de povos indígenas, de nossa cultura atual, na qual os que morrem em combate eram e são vistos como heróis de guerra e recebem homenagens e condecorações por seus grandes feitos de resistência e combate. A morte em batalha pode significar uma das maiores honras ou uma imposição cruel mascarada de patriotismo, como se verifica na obra *Marcha para a Morte!* (2018), um mangá³⁰ baseado em fatos e na experiência de seu escritor, o japonês Shigeru Mizuki³¹, quando serviu no exército.

Em MRL, a Morte relata seus feitos, apaga os indivíduos/personagens da vida, ela é a própria essência, a personificação da finitude. Sua atuação é apresentada quase como que por obra do destino³², enquanto morrer ou até mesmo sobreviver, em EIU, parece, como relata Levi, mera consequência do acaso, um grande caos aleatório.

³⁰ Mangá é uma história em quadrinhos tradicional japonesa, na qual a orientação da leitura, tanto início da leitura quanto da sequência das falas, ocorre da direita para esquerda. Este mangá foi Vencedor do Prêmio de Legado do Festival Internacional de Quadrinhos de Angoulême (2009), e do Prêmio Eisner de Melhor Edição Americana de Material Internacional do Japão e de Melhor Trabalho Baseado em Fatos Reais (2012).

³¹ Shigeru Mizuki, historiador e mangaká (palavra japonesa utilizada para definir quadrinistas e cartunistas japoneses ou estrangeiros), narra as futilidades da guerra em meio a circunstâncias trágicas. Em uma escrita fluida e poderosa, na qualidade de soldado, expõe a absurda mentalidade militar de uma infantaria japonesa no fim da Segunda Guerra Mundial: morrer na guerra em nome do país ou ser executado ao regressar vivo para casa.

³² Segundo a mitologia grega, as Moiras são três deusas irmãs encarregadas de cuidar do destino de cada um dos mortais e dos deuses, a saber: Cloto (presente) Láquesis (futuro) e Átropos (passado), respectivamente, era quem começava a fiar, quem sorteava os acontecimentos durante a vida e quem cortava o fio, dando um à vida. A Morte da obra de Zusak, ao levar as almas dos vivos, encerra a história daquela vida, corta o fio como a moira Átropos, mas revela a possibilidade de eternizar aquela existência em suas memórias para quem sabe um dia contá-la aos mortais. Assim fez com a história da ladra de livros. Quando refletimos sobre a Morte como uma das Moiras e no fio da vida, fizemos uma busca da palavra “fio”, nas obras em análise. Em MRL, as ocorrências estavam vinculadas ao fio de cabelo ou de algum tecido, ao passo que em EIU, o fio mais recorrente era aquele que fazia parte fundamental das cercas elétricas. Na obra de Levi, o fio elétrico ocupa a posição de limiar, pois delimita a abertura para a vida (em caso de fuga) e, ao mesmo tempo, representa, a morte (casos de prisioneiros que cometiam suicídio atirando-se sobre a cerca).

Levi apaga alguns acontecimentos privilegiando outros: vemos o que ele viu e selecionou para compartilhar conosco. Ele relembra fatos para não esquecermos e, fatalmente, oblitera outros para os leitores de seu testemunho, andando numa corda bamba, numa reconfiguração do *double bind* (SELIGMANN-SILVA, 2005). Muito do não escrito, abrangendo todas as suas obras e não somente a que configura parte deste *corpus*, ainda vivia em suas lembranças pessoais. Ambos os narradores apagam e inscrevem, excluem do público e gravam no privado.

Contudo, o que está oculto com a personagem Morte ainda pode vir à tona em outras obras do escritor australiano, o que, dificilmente, ocorrerá com Primo Levi, a menos que novos escritos sejam descobertos. Há intertextualidade no fato de ambos os narradores vislumbrarem a humanidade como assombrosa. A insólita narradora da obra de Markus Zusak desloca-se para um território análogo ao do narrador-testemunha de Levi, onde preservam e/ou matam recordações, *locus* de morte por palavras. A morte é uma certeza universal, mas a lembrança também pode immortalizar, vencer a morte. Outra, não é, aliás, a função dos monumentos aos mortos e da retórica do epitáfio – belo oxímoro!

Defrontamo-nos, portanto, com o paradoxo que amalgama Primo Levi e a Morte, ainda que desempenhem papéis invertidos: Ele sobrevive abraçando as franjas da morte, sendo decomposto por ela parte por parte; ela, sobrenatural, flerta constantemente com a vida. Ambos são transeuntes de um entrelugar, surpreendem-se com a capacidade e criatividade para o bem e para o mal dos seres humanos e, inegavelmente, matam por palavra.

3.3 A expurgação pela escrita contra a degradação do indivíduo e como sinal de resistência: Do externo e do interno do ser

Ora nos debruçaremos sobre a motivação para a escritura de Primo Levi, assim como da protagonista Liesel Meminger, passando brevemente pela personagem Max Vandenburg. De um modo geral, produz-se a escrita por meio da linguagem verbal e esse é, segundo a teórica e escritora María Teresa Andruetto, em seu ensaio “Passageiro em Trânsito” (2012, p. 15), “um caminho que nos levará a nós mesmos”. Primo Levi, Liesel Meminger e Max Vandenburg, buscam a si mesmos. Após tantas perdas, tentam não perder a humanidade, a individualidade que, de várias formas, tentaram lhes subtrair.

Como Levi (1988, p. 25) narra: “quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo”. A luta para encontrar o eu fragmentado, traumatizado não é um caminho simples. Já discorremos a respeito das características de cada uma das obras quanto à classificação em gêneros textuais. No que diz respeito aos elementos formais, perceber seus desvios e amplitudes pode revelar o quão bem construídas estas podem ser e, por certo, indicar algumas pistas sobre informações contidas numa escrita subliminar, para além do que nos parece óbvio.

Primo Levi divide com os leitores que seu livro “não foi escrito para fazer novas denúncias”. A temática dos campos estava presente em outras obras e seu relato visava “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (LEVI, 1988, p. 7). Também deixa bem claro, em seu prefácio, o perigo da xenofobia, cujas consequências são rigorosamente retratadas em EIH.

Externamente, ou seja, para o público que o lê e para o mundo que terá, em algum momento, acesso ao relato de sua experiência de ter vivido num campo de concentração, o escritor italiano tem uma missão: divulgar, alertar e exortar à reflexão e à lembrança, fato identificado pelo crítico literário Cesare Segre (LEVI, 2005, p. 185) como uma forma de homenagear as vítimas do holocausto e de estabelecer um pilar para evitar a reincidência de tamanha atrocidade contra a humanidade.

Levi prepara um apêndice, em 1976, publicado no final da edição de 1988, no qual explica o porquê de utilizar uma linguagem isenta de ódio ao referir-se aos soldados e demais participantes ativos dos campos. Desempenha, ademais, o verdadeiro papel de testemunha que, com seu depoimento sóbrio, “prepara o terreno” (LEVI, 2005, p. 158) para que a justiça realize um julgamento justo. Internamente, contudo, para bem-estar consigo, com sua moral e convicções, ele tem uma responsabilidade: recordar a *Shoah*³³ e expurgá-la.

Ele nos confidencia que: “O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade, em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente”. (LEVI, 1988, p. 8)

Como sobrevivente, ele sente a obrigação de permanecer como uma testemunha do que Segre chama de “un vangelo negativo” (1988, p. 8) marcado na carne, na mente, na alma

³³ A expressão *Shoá*, que significa ‘devastação, catástrofe’ e, na Bíblia, implica muitas vezes a ideia de uma punição divina”, é muito mais adequada que ‘holocausto’, cuja conotação está vinculada a uma “entrega total a causas sagradas e superiores” (AGAMBEN, 2008, p. 40), como foi o caso dos mártires cristãos. Por isso, muitos autores se utilizam desse termo ou de seu correlato gráfico, em hebraico: *Shoah*.

de Levi. O escritor pode amenizar sua experiência ao colocá-la para fora e, assim, talvez, diminuir a culpa pela sobrevivência, sentimento muito afeito a ex-prisioneiros sobreviventes dos campos de extermínio. Trata-se de uma vitória para Levi e para a humanidade o processo de expurgação.

Essa expurgação é fraturada devido ao trauma, mas carece do leitor que se comporta como o ouvinte da vítima, enquanto esta elabora feridas que “se expõem no texto através da configuração de um espaço discursivo compartilhado, comprometido com a transmissão do relato. Daí o caráter eminentemente político e ético da literatura testemunhal”, na criação de uma testemunha para o testemunho. (BINES, 2005, p. 122)

Essa escrita relaciona-se à promessa invisível e empática da parte receptora que lerá o relato e atuará em sua repercussão. Não é possível transplantar a vivência traumática, mas pode ser reconfortante para o sobrevivente saber que é ouvido e não ignorado. A indiferença leva-o novamente para o local de invisibilidade do qual deseja se libertar.

Bines (2005, p. 123) refere-se a dois silêncios contidos na escrita testemunhal: o silêncio existente entre os vivos e os mortos, residindo na própria escrita, no ato de escrever pelos que não sobreviveram e no silêncio que se instaura entre o escritor, isto é, o sujeito do testemunho, e o leitor, o sujeito da leitura. A pesquisadora e professora esclarece que entre esses dois sujeitos há um abismo de experiência. Contudo, estar “diante da narrativa da dor dos outros é tornar-se herdeiro da dor pelo reconhecimento desses abismos”.

Se “Levi tivesse optado pela busca do esquecimento e da refutação da memória”, seria mais uma vitória alemã, pois um dos objetivos nazistas era o “desaparecimento completo de suas vítimas” (SOARES, 2012, p. 913). Por mais angustiante, penoso e solitário que tenha sido o processo experiencial do prisioneiro Levi, com seu testemunho, ainda travava uma batalha contra os algozes dos campos de extermínio e contra todas as medidas implementadas por Hitler para a destruição dos judeus.

A Morte de MRL também se compadece das penas, das dores e da culpa dos sobreviventes de guerra; neles vislumbrando seres inteiramente imersos no trauma.

[...] São os humanos que sobram. Os sobreviventes. É para eles que não suporto olhar, embora ainda falhe em muitas ocasiões. Procuro deliberadamente as cores para tirá-los da cabeça, mas, vez por outra, sou testemunha dos que ficam para trás, desintegrando-se no quebra-cabeça do reconhecimento, do desespero e da surpresa. Eles têm corações vazados. Têm pulmões esgotados. (ZUSAK, 2013, p.10)

Inscrito sob o signo da urgência, o relato de Levi, testemunha de um acontecimento de grande interesse público, apresenta-se, nas palavras do professor Renato Lessa, como uma

“literatura peculiar”, à medida que o trabalho do escritor e químico italiano retrata suas experiências, ao mesmo tempo em que teoriza sobre a condição humana³⁴.

Peculiar pois, diferentemente de outras obras consideradas como literatura de testemunho, que privilegiavam o conteúdo, a necessidade de denunciar, de falar no lugar de quem não poderia fazê-lo, a de Levi prezava também pela forma, pelo estilo poético de sua escrita, sendo altamente elogiada por Italo Calvino, um dos mais importantes escritores italianos do século XX. Na contracapa da edição italiana de EIH, de 1988, Calvino comenta: “Un magnifico libro che non è solo una testimonianza efficacissima, ma ha delle pagine di autentica potenza narrativa”.

Levi tem uma economia factual a serviço da apresentação de espécies de natureza mais geral, sem deixar de ser um relato historicamente referenciado e com interesse mundial. A causa material do texto de Primo Levi é a experiência de Auschwitz, mas a causa formal é o tratamento literário. E os fatos estão a serviço dessa grande construção para qual os recursos da literatura são fundamentais. (LESSA, 2019)

Indagado acerca da utilização espacial do campo de concentração como laboratório de experiência cultural capaz de produzir resultados estéticos, Levi é categórico:

Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo. Desejávamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social. (LEVI, 1988, p. 88)

Ainda segundo Lessa (2019), os campos de concentração representavam “uma espécie de oportunidade de observação”. O professor prossegue afirmando que os textos são: “Um testemunho, mas há o interesse teórico, filosófico e antropológico. Não é só uma denúncia do que Levi sofreu, tem pouco de crueldade no sentido cinematográfico. A intenção é entender qual a natureza daquele experimento. É uma teoria da natureza humana” (LESSA, 2019).

A bela forma de (d)escrever momentos inacreditavelmente dolorosos e sentimentos angustiantes, inseridos num contexto absurdamente cruel, é uma sensível assinatura do elevado grau artístico-estético de Levi. Ao afirmar que há uma “*eccezionale qualità letteraria*” (LEVI, 2005, p. 193) relacionada à lucidez da memória, à perspicácia das reflexões e ao nível moral do escritor, Segre elabora um posfácio riquíssimo em análise e informações sobre Levi.

³⁴ Observação feita pelo professor Lessa, do Departamento de Direito da PUC-Rio, em uma aula aberta ministrada em 2019, intitulada “Os Mundos de Primo Levi”, cujo registro escrito encontra-se disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=10727&sid=29>. Acesso em: 14 maio 2022.

Talvez a beleza e a poética da escrita leviana integrem uma estratégia suplementar para fidelizar seu leitor, parte tão necessária no processo interativo desse tipo de relato. Segundo BINES (2005, p. 122), há “a urgência de uma convocação, solicitando do leitor um engajamento com a história que se narra sob a perspectiva daquele que deve passar adiante o relato e contribuir para a propagação” de questões fundamentais e dos “vazios abertos pelas literaturas testemunhais”.

Sem dúvida, Primo Levi precisava compartilhar com o mundo o que viu, ouviu e viveu durante quase um ano no *Lager*, mas o modo como ele o fez indicou também a necessidade de continuidade de seu *mestiere*. Voltemos à inscrição no frontispício dos portões de entrada do Complexo de Auschwitz, anunciando, ironicamente, que o trabalho liberta. O contundente relato de Levi mostra que o químico conseguiu sobreviver intramuros, de mãos dadas com o escritor, com pretensões filosóficas e antropológicas, tendo desabrochado para o mundo literário por suas reflexões, elaboradas em escritos eivados de cuidado e beleza.

A humanidade do prisioneiro número 174.517 resiste e subsiste no químico que mapeia com seu olhar de químico o experimento social subsumido pelo escritor, uma vez que a literatura se torna a principal ocupação desempenhada na sua vida pós-libertação. Tal atravessamento pela necessidade de escrever constitui mais um ponto de convergência com a menina que roubava livros, Liesel Meminger, pois, em ambas as obras, “[a] escrita converte-se, [então] como a própria vida, num atravessar, narração de viagem para nos *libertarmos das coisas não as evitando, mas atravessando-as*” (ANDRUETTO, 2012, p. 18, grifos nossos).

Zusak nos presenteia um romance poliédrico, repleto de gêneros distintos, como já mencionamos. A miscelânea genérica é tão constante em sua obra que, sob essa perspectiva, parece-nos que denominá-la romance de ficção limite sua representatividade quanto à hibridização dos modelos de romances contemporâneos.

Parte da reflexão sobre a escrita de Zusak está pautada nessas ocorrências de interação de vários gêneros, no interior de um gênero suporte, que no caso, seria o romance. Verificaremos, abaixo, excertos relativos às notas/comentários da narradora Morte e ao livro escrito pela personagem Max, que mistura desenhos sobre imagens alteradas do *Mein Kampf*, em MRL.

Sabemos que a Morte, personagem e narradora, conta a história de uma menina, Liesel Meminger, também conhecida como ladra de livros. Esta registra sua história também na condição de testemunha da Segunda Guerra Mundial, mas, diferentemente de Levi, não como vítima direta ou prisioneira, mas como parte da população pobre que presenciou e sofreu os impactos da guerra em “liberdade”.

Destacamos o termo pois seu pai adotivo não era membro do partido nazista. Pelo contrário, sofreu algumas represálias devido à sua conduta em desacordo com os ditames morais promovidos por Hitler. Pintava casas de judeus, dava-lhes pão durante marchas em direção aos campos de concentração... Hans Hubermann chegou a esconder um deles, arriscando a própria vida e a de sua família para honrar uma dívida existencial com um bom amigo judeu. Discordar do sistema imposto explicitamente levava à punição e, muitas vezes, à execução. Desvirtuar desses ideais sorrateiramente era sinônimo de extrema coragem – ou de loucura.

Trata-se, na verdade, de uma pseudoliberalidade, tão comum sob regimes totalitários. Liesel também caminhava na contramão do ideal de disciplina imposto à juventude hitlerista. Toda sua trajetória relacionava-se à dificuldade de ler e escrever, aos seus traumas não resolvidos e à sua curiosidade implacável, possibilitando grandes mudanças, sobretudo as advindas de sua íntima relação com as palavras, também compreendida como uma forma de resistência ao regime nazista.

Quando deixada com os pais adotivos, mal falava, não tomava banho, não sabia ler nem escrever, era raquítica, pálida. Seu semblante poderia lembrar-nos de um *häftling*, nos campos de concentração. Noite após noite, tinha pesadelos relacionados à morte do irmãozinho, ao fato de nunca mais ver seus pais comunistas. Gritos e choro eram amenizados pela presença de seu pai adotivo. Nesse contexto de dor e tristeza, abre-se uma oportunidade. Hans começou a ensinar à Liesel as letras do livro que ela havia roubado, no dia do enterro de seu irmãozinho.

O manual do coveiro permitiu o encontro com um mundo novo, sob a mediação do pai adotivo. Foram inúmeros treinos de letras e palavras na parede do porão que funcionava como uma lousa, prática de leitura de cada página daquele livro com palavras difíceis... Crescia o desejo de saber mais, a vontade insaciável de alimento textual. Até que transbordou.

A roubadora de livros despendeu tempo para escrever sua história de vida, fez questão de reconhecer a maldade humana, assim como a bondade. No trecho a seguir, observa-se o que a Morte compartilha com o leitor a esse respeito:

Quando chegou a hora de escrever, lembro-me com clareza do que Liesel Meminger teve a dizer sobre esse verão. Muitas palavras desbotaram no correr das décadas. O papel sofreu com o atrito do movimento em meu bolso, mas, apesar disso, muitas de suas frases foram impossíveis de esquecer.

• PEQUENA AMOSTRA DE ALGUMAS
PALAVRAS ESCRITAS POR UMA MENINA •
Aquele verão foi um novo começo, um novo fim.

Quando olho para trás, lembro-me de
 minhas mãos escorregadias de tinta e
 do som dos pés de papai na Rua Munique,
 e sei que um pedacinho do verão de 1942
 pertenceu a um homem só.
 Quem mais pintaria pelo preço de meio cigarro?
 Papai era assim, isso era típico, e eu o adorava. (ZUSAK, 2013, p. 310)

Ao escrever sua história, a menina ratificou ideias, sentimentos na memória³⁵. Ainda temos o registro de como, literalmente, ela foi salva ao revisar o que havia escrito, sentada no porão, no momento em que um bombardeio não avisado pelos alarmes e sirenes da rua destruiu o que havia sido a Rua Himmel, vitimando seus familiares e todos os seus amigos: “Ela sobreviveu porque estava sentada num porão, lendo a história de sua própria vida, verificando os erros”, quando foi milagrosamente resgatada, buscou em meio aos escombros quem lhe era caro e “continuava desesperadamente agarrada às palavras que lhe tinham salvado a vida” (ZUZAK, 2013, p. 432-433).

A escola que lhe obrigava a ler e a escrever pode ser considerada um agente acidental na formação/salvação da menina. Todavia, o exemplo de seu amigo judeu, Max Vandenburg, escondido no porão onde ela e os pais adotivos moravam, que escrevia como forma de passar o tempo, e de resistir, de se rebelar contra seus algozes, foi o elemento essencial a instigar na menina o desejo de lutar usando as palavras como arma. Max escrevia sobre Hitler, sobre esperança, sobre resistência e sobre amizade, em páginas do *Mein Kampf* que, pintadas de branco, eram ressignificadas. Reescrevia a luta, a sua própria luta por si e para ajudar a menina que se colocava como uma boa e fiel amiga.

Em seus momentos mais solitários no porão, as palavras começaram a se amontoar a seu redor. As visões começaram a jorrar e cair e, vez por outra, a sair coxeando de suas mãos. [...] A idéia era escrever sobre tudo que lhe acontecera — tudo que o tinha levado a um porão na Rua Himmel —, mas não foi isso que saiu. O exílio de Max produziu algo inteiramente diverso. Era uma coleção de idéias ao acaso, e ele escolheu abraçá-las. Soavam verdadeiras. Eram mais reais do que as cartas que ele escrevia aos familiares e a seu amigo Walter Kugler, sabendo perfeitamente que nunca poderia enviá-las. As páginas profanadas de *Mein Kampf* foram-se transformando numa série de desenhos, página após página, que resumiam, para ele, os acontecimentos que haviam trocado sua vida anterior por outra. Alguns levaram minutos. Outros, horas. Ele resolveu que, quando terminasse o livro, iria dá-lo a Liesel, quando ela tivesse idade suficiente e quando, ao que Max esperava, todo aquele absurdo houvesse acabado. (ZUSAK, 2013, p. 245)

³⁵ Outra possibilidade de interpretação é a que o livro escrito por Liesel e o escrito por Levi são formas de arquivo, este “compreendido como um lugar em que a história é legitimada” (GUASCH, 2013, p. 237) e a memória tem, decodificada em palavras, a capacidade de ser preservada. Sobre esta temática, indicamos a autora Anna Maria Guasch que trabalha consistentemente sobre como a arte, em suas diversas formas, pode servir como arquivo de recordações.

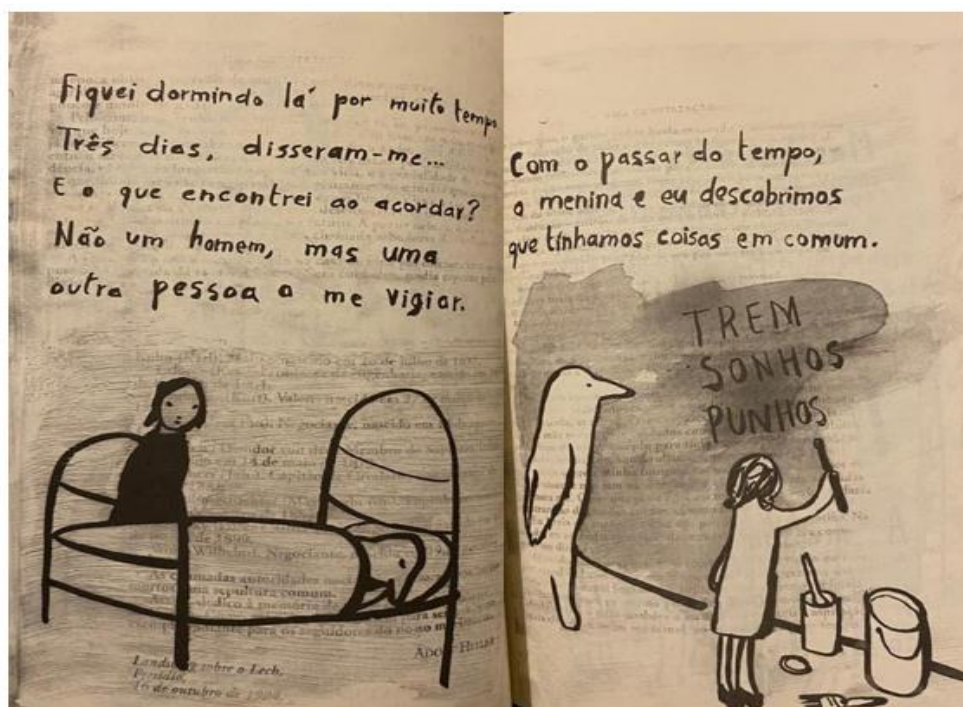
Compartilhamos, a seguir, quatro das treze páginas que compõem a primeira história que Max escreveu para Liesel ressignificando a obra de Hitler (ZUSAK, 2013, p. 204-207):

Figura 7 – O Vigiaador p. 204 e 205



Fonte: ZUSAK, 2013.

Figura 8 – O Vigiaador pp. 206 e 207



Fonte: ZUSAK, 2013.

Nas páginas acima, Max confia à sua leitora e amiga que buscava um homem, que sabia que poderia ajudá-lo, que conseguiu encontrá-lo depois de muito viajar. Ainda conta sobre quando ficou muito doente e teve alguém que cuidasse dele, uma menina com quem partilhava interesses e algumas vivências. Internamente, o ato de escrever talvez fosse uma maneira que Max encontrou de recordar as experiências vividas, de lembrar quem era, de não ser completamente apagado da história caso perdesse a vida e, ainda, um meio de lidar com seus fantasmas, seus medos, seus traumas, em suma, uma espécie de terapia. Seguindo o exemplo do jovem, a menina faria o mesmo mais tarde.

Nessa trilha, Todorov (2009) compartilha sua experiência, na qual as palavras são fundamentais para que ele tenha uma vida melhor (2009, p. 94), pois lhe “permitem dar forma aos sentimentos” experimentados e “ordenar o fluxo de pequenos eventos que constituem [sua] vida” (2009, p. 75-76). Trata-se, portanto, de uma série de deslocamentos e movimentos físicos, espaciais, implicando amadurecimento... um trânsito necessário e, por vezes, obrigatório.

No ensaio “Passageiro em Trânsito”, a teórica e escritora María Teresa Andruetto define o que ocorreu com a protagonista do romance de Zusak, quando as palavras se tornaram amigas, refúgio e cura:

Escrever para que o livro seja abrigo, espera, escuta do outro. Porque a literatura, mesmo assim, é essa metáfora da vida... [...], para fazer que nasça uma história que pelo menos por um momento *nos cure de palavra*, recolha nossos pedaços, junte nossas partes dispersas, transpasse nossas zonas mais inóspitas, para nos dizer que no escuro também está a luz... (ANDRUETTO, 2012, p. 24, grifos nossos)

Tal cura pela palavra pode ser igualmente constatada em EIH. O poder da palavra revigora a luta contra a degradação do indivíduo e de sua humanidade, erigindo-se como símbolo de resistência. A escrita registra motivações externas e internas, dialoga com a singularidade e com a alteridade, à medida que encerra compromissos para com vítimas e sobreviventes, quer dizer, para com os próprios sujeitos do trauma.

3.4 Intertextualidade entre Zusak e Levi

Faz-se necessário comentar o impacto da leitura na vida dos autores dos *corpora* deste estudo. A nossa constatação é a de que Primo Levi, não apenas pela tradição dos liceus

italianos, mas principalmente pelo período histórico em que cursou o ensino básico, leu os clássicos. Comprova-o a intertextualidade existente entre sua autobiografia e a *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, já bastante referenciada em biografias e estudos que corroboram essa constatação, que ora incorporamos à nossa pesquisa.

Tais premissas nos conduzem a uma indagação suplementar: seria Markus Zusak leitor de Primo Levi? Buscamos evidências que respondessem a essa questão em entrevistas, vídeos e artigos sem, contudo, encontrarmos informações explícitas a respeito desse questionamento. Todavia, baseado no paradigma terminológico de *intertextualidade*, – relação de co-presença entre dois ou mais textos – proposto por Julia Kristeva em *Séméiotikè* (1969), o crítico literário Gérard Genette desenvolve, em *Palimpsestos*, 1982 (papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro, mas cuja operação de apagamento incompleto permite a leitura do texto antigo sob o novo), o conceito de *transtextualidade*.

Em linhas gerais, a *transtextualidade*, também conhecida por “transcendência textual do texto”, comportando, grosso modo, “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2010, p. 13), revela-se operacional para o nosso propósito de compreensão da relação existente entre as duas obras de que nos ocupamos. Esse conceito engloba, ademais, cinco articulações específicas entre textos, a saber: *intertextualidade*, *paratextualidade*, *metatextualidade*, *hipertextualidade* e *arquitextualidade*, não devendo, contudo, serem consideradas como classes estanques, sem comunicação recíproca ou sobreposição.

É, portanto, a partir da *transtextualidade* que poderemos refletir sobre o fato de *É isto um homem?* – por extensão, outras obras de Levi e, de modo geral, o próprio autor – funcionar como um palimpsesto, como um texto base sobre o qual um novo é escrito. Com efeito, verifica-se um elo de *intertextualidade*, isto é, “a percepção do leitor das relações existentes entre uma obra e outras que a antecederam ou que a ela se seguiram” (GENETTE, 2010, p. 15) entre MRL – Zusak – figurando como uma atualização original do clássico assinado por Levi – EIH.

Se a exemplo de Genette (p.16-17) vislumbrarmos a *metatextualidade* como o estabelecimento de um “comentário” que une um texto a outro ao qual se refere, é cabível considerar que, no cotejo das duas obras, não seja a *metatextualidade* a relação que melhor se aplique à obra de Levi sendo lida como palimpséstica, na atualização promovida por Zusak do material leviano, visando contemplar, pelo viés da “estética da recepção”, um público mais jovem, que também vive em circunstâncias existenciais caóticas, com a riqueza do material historicamente datado, elaborado por Levi.

Dito de outro modo, a MRL não configura um “comentário” de EIH. A relação que desse cotejo se depreende aproxima-se muito mais da vertente genettiana da *intertextualidade*, não sob a forma de “citação” – com ou sem aspas – tampouco sob a forma de “plágio” – empréstimo não declarado, mas ainda literal. Diríamos que tal relação se instaura sobretudo sob a forma da “alusão”, esclarecida por Genette (p.14) como uma forma ainda menos explícita e literal que as anteriores, de um enunciado cuja plena inteligência do texto pressupõe a percepção de uma relação entre ele e outro ao qual remetem suas inflexões.

De fato, por ocupar-se, entre outras coisas, em articular a dimensão titular da *paratextualidade*: poesias, contos, ensaios etc., ou infratitular: narrativas, poemas, romances etc., que normalmente figuram na capa ou primeira página dos livros, é a tipologia da *arquitectualidade*, por inscrição taxinômica, que nos lembra que MRL é um romance, enquanto EIH apresenta-se como uma autobiografia. O silêncio arquitectual pode indicar uma recusa de confirmação de uma evidência ou a escamoteação de qualquer pertencimento, cabendo ao leitor, ao público, ao crítico o credenciamento ou descredenciamento do *status* fornecido ou negado.

Em síntese, as leituras de Zusak produzem, nesse sentido, material capaz de atualizar obras para nossos dias, para um público mais jovem, adaptando-a a um novo contexto que também apresenta suas especificidades caóticas, mas a tela de fundo histórica, as atrocidades do nazismo, a problematização sobre a finitude e a reflexão sobre os limites da condição humana participam dos dois cenários, havendo um contraponto não intersticial no plano discursivo, em função da singularidade narrativa.

Enquanto Primo Levi respeita as condições de estabelecimento do discurso autobiográfico proposto por Philippe Lejeune – identidade onomástica entre autor e narrador, narrativa em primeira pessoa etc. – A narradora Morte, de Zusak, apresenta-se como uma alegoria paródica que atribui um toque de leveza (e, paradoxalmente, de humor), em meio ao absurdo da guerra, num romance que se permite lançar mão do componente fantástico, mas que não constitui um conjunto de indícios suficientes capazes de nos autorizar a tratar a relação pelo viés da *hipertextualidade* firmada entre o texto B (*hipertexto*) e o texto A (*hipotexto*).

3.5 Jornais e Clássicos em tempos sombrios

Anteriormente, trouxemos algumas informações sobre a relação de Hitler com as artes e o impacto que esta teve em sua vida. Doravante, destacaremos uma das chaves de seu sucesso: a habilidade com a transmissão de mensagens, aptas a envolver multidões e arrastá-las para a concretização de seus objetivos. Como imagens podem ser consideradas textos de representação visual, uma vez mais, nos defrontamos com a retórica intertextual na estratégia adotada pelo Führer.

A arte, de uma forma geral (conforme atesta sua fracassada tentativa de viver da pintura), e a música (como já mencionado a respeito de Wagner), eram muito presentes na vida de Hitler. Suas leituras do jornal antisemita *Deutsche Volksblatt*, das revistas *Ostara* e *Der Scherer*, em português, *O tosquiador*, foram igualmente fundamentais na articulação de seu “grande projeto” para a Nação alemã.

Inserido em um contexto ideológico que tanto acrescentava à sua bagagem cultural, não dava crédito e, ainda, escondia a verdadeira origem de certos *insights* em favor da construção social de sua imagem: um homem reflexivo, questionador e extremamente observador. Segundo Fest (2017, p. 60),

Hitler sempre procurou apresentar sua filosofia de ação como resultante de reflexões pessoais. Suas conclusões, a crer nele, seriam devidas a seus dotes de observação e a seu trabalho pessoal. [...] Mais verossímil, como aliás o afirmaram diversas testemunhas, é que pelo menos seu ponto de partida e a orientação de sua filosofia tenham sido marcados até certo ponto pelo ambiente ideológico da capital da Alta-Áustria.

As ideias e as práticas que defendia, como vemos nos escritos de historiadores, bibliógrafos e demais pesquisadores desse personagem e da Segunda Grande Guerra, não são nem particulares, nem originais. Como estudos indicam, são antes inspiradas em diversas fontes que lhe eram exteriores, como suas leituras, por exemplo. Pesquisadores como Oliveira e Fest, dentre outros, acreditam que o jornal *Deutsche Volksblatt*, a revista *Ostara* e as charges de *O Tosquiador* encontraram na mente deste jovem ambicioso um terreno fértil.

Trazemos, abaixo, imagens das creditadas leituras de Hitler:

Figura 9 – Jornal *Deutsche Volksblatt*

Fonte: DAS KLEINE VOLKSBLATT, 1941.

Figura 10 – Revista *Ostara*

Fonte: REVISTA OSTARA, 1930.

Figura 11 – Página de piadas tirolesas de *O Tosquiador*



Fonte: REVISTA O TOSQUIADOR, [19--].

Dentre os assuntos evocados por esses materiais constam os provenientes da *Ostara*: exaltação dos antigos heróis arianos, rejeição da luta de classes socialistas, uso da educação e do extermínio para promover a existência de uma raça superior (a eugenia), seleção científica e higiene racial, esterilização e deportação de subgrupos considerados inferiores, trabalho forçado realizado por esses grupos; e da *O Tosquiador*: posição contrária ao parlamento, aos judeus, à Igreja Católica e questões que envolviam temas como “emancipação feminina, o relaxamento dos costumes e o alcoolismo” (OLIVEIRA, 2015, p. 27); do jornal *Deutsche Volksblatt*, no qual era propagado o preconceito contra os judeus e incutido o medo nos cristãos.

Dado o poder das palavras e o que percebia, desde muito nova, a jovem Liesel Meminger escreve para os leitores algo que aprendeu a respeito de Hitler: “Um dia, ele dominaria o mundo. [...] o Führer decidiu que dominaria o mundo com palavras³⁶” (ZUSAK, 2013, p. 386).

É prática comum até hoje, em escolas italianas, a memorização de fragmentos, por vezes longos, de clássicos literários. O autor de EIH não revela como foi o tempo de escola, tampouco o que decorou na época e se ainda recordava, mas há uma relação intertextual marcante em seu relato, nos dias de *Lager*, sobretudo com o *Magnum opus* de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*.

³⁶ Enquanto fazíamos uma revisão do conteúdo desta dissertação, foi divulgada a notícia, bem como o vídeo, de um homem disseminando preconceito em relação à população negra e à comunidade LGBTQIA+. Infelizmente, esse não é um episódio raro tampouco típico apenas de um ou outro país. O que nos despertou atenção especial foi que o mencionado homem verbalizou sua discriminação em uma biblioteca do Estado de São Paulo e, em cima de sua mesa de leitura, estava o *Minha luta*, de Hitler. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/08/02/homem-e-detido-apos-fazer-ofensas-racistas-e-homofobicas-na-biblioteca-mario-de-andrade-no-centro-de-sp-veja-video.ghtml>. Acesso em: 03 ago. 2022.

Este clássico narra a trajetória do ilustre escritor florentino, também autor, transformado em personagem, desde o inferno até o paraíso, passando pelo purgatório para encontrar sua musa Beatrice, ideal de pureza. São diversos os trechos de alusões a essa obra, em EIH. A inscrição no portão de entrada do complexo de Auschwitz “*Arbeit Macht Frei*”, “o trabalho liberta” ou torna livre remete, alegoricamente, a um dos mais famosos versos de *A Divina Comédia*, mais exatamente, o nono verso do terceiro Canto do Inferno: “Deixai, ó vós que entraís, toda a esperança!” (ALIGHIERI, 2003, p. 31).

Outro prisioneiro, Jean, também chamado por Levi de Pikolo, é quem permitirá que o italiano revise sua memória. No capítulo “O Canto de Ulisses”, de EIH, Levi narra um simples percurso feito juntamente com outros prisioneiros para buscar sopa. A aparentemente banal reminiscência, todavia, produz uma circunstância duplamente profícua para o escritor prisioneiro: de afirmação da própria identidade em vias de esvanecimento no campo e de estratégia utilizada para compartilhar passagens de *A Divina Comédia*, ensinando um pouco de italiano a seu amigo francês, Pikolo, que:

Esteve um mês na Ligúria, gostou, gostaria de aprender italiano. Eu bem poderia lhe ensinar. Quer? Por que não? Vamos começar agora mesmo, qualquer coisa serve, o importante é não perder tempo, não desperdiçarmos esta hora. [...] ... O canto de Ulisses. Quem sabe como e por que veio-me à memória, mas não temos tempo para escolher, esta hora já não é mais uma hora. Se Jean é inteligente, vai compreender. (LEVI, 1988, p. 114)

Grande herói e protagonista da Odisseia, Ulisses é um dos personagens com quem Dante se depara ao chegar ao oitavo círculo do Inferno onde se reúnem mentirosos, sedutores, trapaceiros, conselheiros de má fé etc. Em companhia de Diomedes, Ulisses está preso num dos abismos, consumidos por chamas, condenados que são pelos feitos fraudulentos da célebre guerra de Troia. Intermediado pelo tradutor Virgílio, Ulisses esclarece ao florentino seu destino.

Fazendo uso de sua liberdade poética, Dante nega que Ulisses tenha retornado a Ítaca, contrariando o preconizado pela tradição antiga. No poema, Ulisses reúne seus companheiros restantes e rumam para o Ocidente, com o intuito de desbravar o que existe além das colunas de Hércules, um tema medieval. Sua viagem é fadada de antemão ao fracasso.

Ulisses é condenado porque decide empreitar a aventura do conhecimento apoiada na razão, sem o concurso da fé. Esta é a diferença entre ele e Dante. Ulisses avança pela superfície do mar, enquanto o poeta vai pelo subterrâneo do Mal (o Inferno), conhecendo-lhe a diversa natureza. Ambos chegarão ao mesmo destino: o sopé da montanha do Purgatório.

Dante empreenderá a subida que o levará ao Paraíso e dali ao Céu, até a visão da Divina Luz, ao passo que Ulisses sucumbirá, arrastando seus companheiros de viagem, mergulhando nas profundezas do reino de Lúcifer, o anjo decaído.

O importante artigo de Claudia Mauro (2012, p. 47) é preciso no cotejo entre a saga de Ulisses e a de Levi:

Ulisses representa o caminho de fuga do campo por algum momento. O escritor se identifica com o herói grego, com a possibilidade de ir além dos limites impostos não por Deus, mas por homens como ele. Para Ulisses, o “ir além” estava ligado a uma possibilidade de adquirir conhecimento, a um desejo de saber; para Levi, ultrapassar os limites é a mensagem que diz respeito a todos os homens. Enquanto Auschwitz representa a punição aplicada pela Alemanha nazista ao povo judeu por sua audácia intelectual (Marx, Freud e outros), o naufrágio de Ulisses é a punição de um Deus que não tolera a audácia do homem. Desta maneira, o sofrimento vivido no campo adquire significado.

Lúcifer está preso na rocha. Apenas suas mandíbulas se movem para castigar os condenados, assim como suas asas, gerando um vento produtor do lago congelado do último círculo infernal. Ele, o Demônio, é a imagem do “movimento que não se movimenta”, metáfora do segredo último do Inferno: a impossibilidade do passo transcendente e redentor. As almas infernais estão para sempre retidas em suas identidades terrenas, condenadas a serem eternamente o que foram em vida.

Assim, o sedutor e trapaceiro Ulisses será para todo sempre o sedutor e trapaceiro Ulisses, ou seja, o presente e o futuro encontram-se eternamente presos ao passado de Ulisses. Uma vez mais, a análise de Claudia Mauro (2012, p. 48) é arguta, no que tange às interrelações entre o herói grego, também conhecido pelo nome de Odisseu, e nosso protagonista autobiográfico, cujo enfrentamento das adversidades da guerra não é menos heroico:

No texto de Primo Levi, Dante representa o fio condutor que percorre a narrativa, do início ao fim. A viagem de Levi, outrora na realidade e, agora, na escritura, é acompanhada por Dante, o mestre que, anteriormente, já tinha representado, na terra, o inferno e com quem o escritor possui muitas características literárias em comum. É exatamente, por meio desta cultura que Levi deseja (e consegue) expor a sua própria experiência, para compreendê-la e, finalmente, dividi-la com todos.

As peripécias de Ulisses para retornar, finalmente, à sua casa após tantos anos é comparável à que Dante empreende e com a qual também Levi, de modo assemelhado, pode identificar-se, apresentando-nos uma metáfora de sua experiência na prisão.

No *Canto di Ulisse* manifesta-se, em toda sua totalidade, a força da literatura, que tem o poder de lembrar ao prisioneiro que este é um homem, um homem que sente fome, não só de pão, mas também, como diz o próprio Levi (1997) em *La ricerca delle radici*, de papel impresso, de conhecimento humano. Neste sentido, o poema se dirige a ele, da mesma forma que Ulisses se dirige aos companheiros, dizendo-lhes que ele não foi feito para viver como um animal (MAURO, 2012, p. 47).

A urgência é grande, cada momento é incerto e pode ser mortal... Dividir com seu amigo um trecho significativo de leituras da obra dantesca concede-lhe, portanto, esperança por alguns momentos e faz um imenso bem, uma vez que os versos dizem que eles devem considerar quem realmente são, sua origem, essência, não existindo para serem tratados como bichos, mas para adquirirem valor e experiência:

Cuidado, Pikolo, abre os ouvidos e a mente, eu preciso que compreendas:

"Considerate la vostra semenza:

Fatti non foste a viver come bruti,

ma per seguir virtude e conoscenza."

É como se eu também ouvisse isso pela primeira vez: como um toque de alvorada, como a voz de Deus. Por um momento, esqueci quem sou e onde estou. Pikolo me pede para repetir esses versos. Como ele é bom: compreendeu que está me ajudando. Ou talvez seja algo mais: talvez (apesar da tradução pobre e do comentário banal e apressado) tenha recebido a mensagem, percebido que se refere a ele também, refere-se a todos os homens que sofrem e, especialmente, a nós: a nós dois, nós que ousamos discutir sobre estas coisas, enquanto levamos nos ombros as alças do rancho. (LEVI, 1988, p. 116)³⁷

Levi não é um animal, deve, então, fazer o possível para manter sua dignidade de e como ser humano. Ele faz uso da racionalidade, da linguagem, para compartilhar conhecimento e vida, algo que um animal não poderia fazer. Portanto, voltemos a Adorno e Horkheimer (1985, p. 115-116), em sua diferenciação entre homens e animais:

O animal não compensa a privação do consolo com a diminuição do medo, a falta da consciência da felicidade com a ausência da tristeza e a dor. Para que a felicidade se torne substancial e confira a morte à existência, *é preciso de uma reminiscência identificadora, de um conhecimento apaziguador, da Ideia religiosa ou filosófica, em suma, do conceito*. [...] Para escapar ao vazio lancinante é necessária uma resistência cuja coluna vertebral é a linguagem. Até mesmo o animal mais forte é infinitamente débil. (grifos nossos)

Livros possibilitam ajuda nos momentos em que realmente necessitamos, podendo servir como um bálsamo para a alma ferida e descrente de dias melhores. Aquela leitura enraizou-se na memória de Levi e lhe possibilitou ver além da engrenagem de degradação à qual estavam submetidos. Ela funcionou como “uma reminiscência identificadora” para que

³⁷ (tradução livre): “Considerais a vossa semente: Não fostes feitos para viver como seres irracionais, mas para seguir virtude e conhecimento”.

Levi lembrasse que era um homem, embora vivesse em circunstâncias que lhe negassem sua identidade. Ali, a resistência residia na força da linguagem e em suas implicações.

Voltemos à condição de Levi e dos demais prisioneiros no campo de concentração: exaustão mental provocada pelo trabalho excessivo, fome crônica e, de uma forma geral, péssimas condições sanitárias e de higiene. Mesmo que por um átimo, um lampejo de consciência, a capacidade de pensar e raciocinar — inerente ao ser humano — é ativada.

Aprender a ler mudou drasticamente a vida da protagonista Liesel Meminger em MRL, produzindo um efeito em cadeia: um indivíduo atingido atingindo muitos outros e assim por diante.

Rosa soltou-a e, para se reconfortar, para isolar a algazarra do porão, Liesel abriu um de seus livros e começou a ler. O livro no topo da pilha era *O Assobiador*, e ela falou em voz alta, para ajudar sua própria concentração. O parágrafo inicial entorpeceu-se em seus ouvidos.

— O que você disse? — rugiu a mãe, mas Liesel a ignorou. Continuou concentrada na primeira página. Quando ela virou a página dois, foi Rudy quem notou. Atentou diretamente para o que Liesel estava lendo e deu um tapinha no irmão e nas irmãs, dizendo-lhes para fazerem o mesmo. Hans Hubermann aproximou-se e convocou a todos e, em pouco tempo, uma quietude começou a escoar pelo porão apinhado. Na página três, todos estavam calados, menos Liesel. A menina não se atreveu a levantar os olhos, mas sentiu os olhares assustados prenderem-se a ela, enquanto ia puxando as palavras e exalando-as. Uma voz tocava as notas dentro dela. Este é o seu acordeão, dizia. O som da página virada cortou-os ao meio. Liesel continuou a ler. (ZUSAK, 2013, p. 332)

A leitura apresenta-se como fonte de paz e calma, fuga da realidade assustadora que grita do lado de fora, porém, não somente. Seus efeitos dominam a menina que lê em voz alta e repercutem até envolver todos ao redor. Segundo Jorge Larrosa (2007), uma das possibilidades da leitura é a formação que começa desde a infância, sendo que a leitura e o contato com histórias, contos, fábulas são fundamentais para a criança aprender a lidar com os problemas (BETTLHEIM, 2002, p. 8).

Percebemos, portanto, que uma ligação especial entre aqueles indivíduos foi *formada* e suas vidas *transformadas* durante uma experiência de *formação* leitora e cidadã de Liesel. Dentro de um porão, encarcerados fisicamente, amontoados em um espaço pequeno, encontram um caminho. As mentes viajam, acompanham uma outra vida, sentem-se tranquilos e acolhidos palavra por palavra:

Durante pelo menos vinte minutos, foi entregando a história. As crianças menores se acalmaram com sua voz, enquanto todos os outros tinham visões do assobiador fugindo da cena do crime. Não Liesel. A menina que roubava livros via apenas a mecânica das palavras — seus corpos presos ao papel, achatados para lhe permitir

caminhar sobre eles. Além disso, em algum lugar, nos hiatos entre uma frase e a maiúscula seguinte, também havia Max. Liesel lembrou-se de ter lido para ele quando o rapaz estivera doente. Será que ele está no porão?, pensou com seus botões. Ou estará roubando de novo um vislumbre do céu? [...]

Todos esperavam o chão estremecer.

Essa ainda era uma realidade imutável, mas agora, ao menos eles estavam distraídos com a menina e o livro. Um dos garotos menores pensou em chorar de novo, mas, nesse momento, Liesel parou e imitou seu papai, ou até Rudy, aliás. Deu-lhe uma piscadela e recomeçou.

Só quando as sirenes tornaram a se infiltrar no porão foi que alguém a interrompeu.

— Estamos salvos — disse o Sr. Jenson.

— Psiu! — fez Frau Holtzapfel. Liesel ergueu os olhos.

— Só faltam dois parágrafos para o fim do capítulo — disse, e continuou a ler, sem fanfarra nem aumento da velocidade. Apenas as palavras.

• SIGNIFICADO Nº 4 DO DICIONÁRIO DUDEN •

Wort — Palavra:

Unidade significativa de linguagem /promessa/ breve comentário, afirmação ou conversa. Vocábulo correlato: termo, nome, expressão.

Por respeito, os adultos permaneceram todos em silêncio e Liesel terminou o capítulo um de *O Assobiador*. (ZUSAK, 2013, p. 332-333)

Durante outro bombardeio, Liesel deu continuidade ao ritual de quando todos os vizinhos designados a se abrigar no porão dos Fiedler estavam ali reunidos. A Morte comenta que “foi uma longa noite de bombas e leitura. Sua boca estava seca, mas a menina que roubava livros batalhou até concluir cinquenta e quatro páginas” (ZUSAK, 2013, p. 424). Entre bombas e livros, a menina fazia o que estava ao seu alcance para que as circunstâncias rotineiras de desespero fossem amenizadas, pelo menos, durante alguns momentos.

Além do ato de ler e participar da leitura (BAKTHIN, 1997, p. 92-97), sua relevância dá-se no poder da linguagem de refletir acerca do próprio homem (FOUCAULT, 2007, p. 467-468). A Morte tece comentários durante todo o romance, impressionada com as atitudes humanas. O compartilhamento da leitura com os vizinhos, certamente, não passou despercebido pela narradora sobrenatural. Ela refletiu sobre atos simples capazes de transformar completamente ambientes e pessoas. As personagens envolvidas nestes episódios de bombardeio e esconderijo foram atingidas pela leitura de modo pungente.

Frau Holtzapfel, uma idosa que sempre “se estranhava” com Rosa Hubermann, mãe adotiva de Liesel, tinha dois filhos. Acompanhamos, durante a narrativa, o retorno de um deles e a lamentável notícia da morte do outro, o que a dilacera e acaba com sua vontade de viver. Contudo, parte do consolo que recebe vem por intermédio de um pedido que faz à protagonista. Contratou a ladra de livros para ler todos os dias para ela. Assim, pôde matar um pouco do tempo que lhe era tão doloroso.

Imperceptivelmente, não apenas a proficiência leitora foi sendo aprimorada pela menina, mas também aguçada a sua consciência cidadã. Ao ler, ela demonstrou que se

importava com o próximo e doava seu tempo e habilidades em prol de um grupo de pessoas. É interessante observar que em uma época em que alguns livros eram queimados e outros proibidos, enquanto outros tantos eram enfiados garganta abaixo com a finalidade de doutrinação, havia aqueles que, clandestinamente, salvavam física, emocional e mentalmente as vítimas da Guerra. Palavras podem tocar a alma e mudar vidas.

Do mesmo modo que o provável impacto da leitura na vida de Hitler aponta para a origem de muitas de suas convicções, o inegável efeito da leitura em MRL e EIH se apresenta como fonte de força e esperança durante tribulações, muitas vezes, difíceis ou até mesmo impossíveis de narrar. Sob a forma de encantamento, de uma ilusão, de uma espécie de magia, o discurso, a palavra (CASSIN, 2005, p. 296-297), como apresentamos anteriormente, contém interessante polissemia expressa pela palavra grega *pharmakon*.

Se por um lado, no caso das proferidas por Hitler, que é citado em ambos os *corpora*, as palavras agem sob a forma de um “veneno”, que corrompe homens e aliena-os de modo a enxergarem seus semelhantes como extremamente inferiores, espalhando, consequentemente, morte e destruição; por outro, na qualidade de “remédio”, elas são igualmente capazes de curar se experimentadas sob a forma da escrita ou da leitura, na dosagem ideal para cada indivíduo. Vemos assim estabelecido o papel essencial da palavra no processo de sobrevivência e resistência tanto em MRL quanto em EIH.

Há palavras que matam, há palavras que salvam e há palavras que ajudam a resistir³⁸.

³⁸ O ato de escrever um diário foi crucial para Anne Frank resistir à reclusão com sua família e outros quatro judeus naquele esconderijo, o “anexo secreto”, um quarto secreto nos fundos do prédio onde ficava a empresa de seu pai, Otto Frank. O *Diário de Anne Frank*, antes de escrito, havia sido um presente dado em comemoração a seu aniversário de 13 anos e, durante o tempo em que nele escreveu, de 12 de junho de 1942 a 01 de agosto de 1944, a menina pôde suportar o confinamento e as privações impostas pela ferrenha perseguição nazista aos judeus. Em 1944, soldados nazistas invadiram o prédio e descobriram o esconderijo. Anne e sua irmã Margot foram enviadas ao campo de concentração de Bergen-Belsen, local onde morreram de tifo, em 1945. A secretária de seu pai, Miep Gies, após aquela invasão, encontrou o diário e entregou-o a Otto Frank. Lemos em uma das páginas, datada de 29 de março de 1944, um pensamento de Anne sobre seu diário que, felizmente, se concretizou: “Ontem o ministro Bolkestein disse na emissora de Orange que, depois da guerra, se havia de publicar uma série de diários e de cartas desta época. Aqui começaram logo a falar no meu diário. E se eu publicasse um romance sobre o anexo?” (FRANK, s/d, p. 149). Ao escrever sobre tenebrosos tempos, Anne Frank também nos deixou seu precioso legado de testemunha da Segunda Guerra Mundial.

4 PAPÉIS DA LITERATURA E METAMORFOSE IDENTITÁRIA

Neste último capítulo, abordaremos o papel da literatura e exemplificaremos com fragmentos de MRL e EIH de que modo(s) a literatura é um dado diferencial, no passado e no presente para os indivíduos na sociedade. As contribuições teóricas fazem-se essenciais por meio de Antoine Compagnon, Antonio Candido, Gustavo Bernardo Krause, Maria Teresa Andruetto e Tzvetan Todorov.

A partir da reflexão dos teóricos selecionados, demonstraremos alguns dos papéis da literatura que nos parecem suscitar ação e mudança de estado, como testemunhar, modificar, ensinar, advertir, convidar, encantar, divertir, libertar, compartilhar, experienciar e analisar. Tais papéis são também investidos de poderes, constituindo, na terminologia de Bourdieu, o “capital cultural”, isto é:

[o] conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 28).

Para cada pessoa a literatura possui significados distintos. Há uma gama de variáveis relacionadas ao momento/tempo, nível de instrução, gosto/preferência e experiências durante a vida. Tais significados devem ser, portanto, encarados como multifacetados, dadas as copiosas possibilidades, aplicações, assimilações e repercussões dos componentes literários.

Concernindo à guerra, Primo Levi (1988, p. 55) compartilha com o leitor o seu esforço limite para sobreviver e preservar, “salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização”, até mesmo no inferno de Dante sobre a terra, na qualidade de testemunha ocular. Em sua obra, *Modernidade e Holocausto*, Zygmunt Bauman (1998, p. 12) ratifica que é essencial aprender e entender o Holocausto, pois se trata de um conhecimento de interesse de toda a humanidade, ultrapassando a esfera individual, afinal, é um problema da sociedade como um todo.

Sobre as fronteiras entre a “linguagem e o real”, Seligmann-Silva (2003, p. 49-50) afirma que quando pensamos em Auschwitz, o mais importante é a “nossa capacidade de [perceber] e [simbolizar] a realidade”. Em outras palavras, a discussão deve girar em torno do que somos capazes de interpretar auxiliados por e a partir da literatura de testemunho.

Na mesma direção alegórica, situamos a antológica sentença de Adorno: “A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas”. (ADORNO, 1998, p. 26)

O filósofo da Escola de Frankfurt reportou-se à poesia, mas poderia ter se referido igualmente à música, às artes plásticas, à filosofia, ao cinema. Mais radicalmente, poderia ter indagado também se ainda seria possível comer, caminhar, estudar, ler, trabalhar, amar após termos ciência da barbárie humana e intelectual que nos acometera. Os milhares de livros enviados à fogueira³⁹ durante a censura – presente em todos os Estados totalitários –, como durante a Segunda Guerra Mundial, são uma evidência do incrível poder que emerge de suas páginas.

Quando o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, está o Campo de Extermínio. Este é o produto de uma concepção do mundo levada às suas últimas conseqüências com uma lógica rigorosa. Enquanto a concepção subsistir, suas conseqüências nos ameaçam. A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos como sinistro sinal de perigo. (LEVI, 1988, p. 7-8)

Cumpramos confrontarmos a prática da fogueira de livros com a seguinte declaração de Hitler (1925, p. 436): “E, de fato, a palavra falada, por motivos psicológicos, é *a única força capaz de provocar grandes revoluções*” (grifos nossos). Se assim fosse, então qual a motivação de tamanho empenho em queimar todos aqueles livros escritos por judeus ou em publicar livros doutrinadores? Não seria a palavra escrita igualmente poderosa? Vimos no capítulo anterior que sim.

³⁹ Eric Hobsbawm (1995, p. 121) compartilha a informação da quase concomitância entre a fogueira de livros na Alemanha e o advento de Hitler no poder: “Os ataques à cultura ‘modernista’, a queima pública de livros ‘judeus’ e outros indesejáveis, começaram quase com a entrada de Hitler no governo”. Essa sendo uma das medidas da repressão. O autor ainda compara a rejeição pelas artes em outros regimes autoritários (1995, p. 150): “A tragédia dos artistas modernistas, de esquerda ou direita, foi que o compromisso político muito mais efetivo de seus próprios movimentos de massa e de seus próprios governantes — para não falar de seus adversários — os rejeitaram. Com a parcial exceção do fascismo italiano influenciado pelo futurismo, os novos regimes autoritários da direita e da esquerda preferiam prédios e vistas monumentais anacrônicos e gigantescos, representações edificantes na pintura e na escultura, elaboradas interpretações dos clássicos no palco e ideologia aceitável em literatura”.

Figura 12 – Fogueira de livros “não arianos”



Fonte: KEYSTONE, 1933.⁴⁰

Analisando a trajetória de Liesel, narrada pela Morte, é evidente a transformação que a leitura, a escrita e a literatura operam na menina. Antes de frequentar regularmente a escola, devido às repercussões da guerra e à acusação de que sua família era comunista, percebemos que as informações disseminadas em massa invadiam seus sonhos:

Antes de acordar, a menina que roubava livros estivera sonhando com o Führer, Adolf Hitler. No sonho, ela participava de um comício em que ele fazia um discurso, e olhava para o repartido cor de crânio em seu cabelo e para o quadrado perfeito de seu bigode. Ouvia contente a enxurrada de palavras que jorrava da boca do homem. As frases dele rebrilhavam à luz. Num momento mais calmo, ele até se abaixara e sorria para ela. Liesel retribuía o sorriso, dizendo: "Guten Tag, Herr Führer. Wie geht's dir hent?" Ela não havia aprendido a falar muito bem, nem tampouco a ler, porque raras vezes freqüentara a escola. A razão disso ela descobriria no devido tempo. (ZUSAK, 2013, p. 24)

Ela acordou, no trem, com sua mãe e seu irmãozinho Werner. Naquele exato momento, a Morte estava levando o pequenino, cheio de frio. Aos dez anos, a menina faria parte da juventude hitlerista, filiando-se à BDM (*Bund Deutscher Mädchen*) “Liga de Meninas Alemãs”. No aniversário do Führer, em 20 de abril de 1940, haveria um desfile e, para celebrar a luta contra os grandes inimigos da nação, uma bela fogueira comemorativa queimaria jornais, bandeiras, cartazes, artigos e livros inimigos. O governo convidou todos que encontrassem esses materiais a entregá-los no escritório do Partido Nazista (ZUSAK, 2013, p. 94).

A menina não era mais a mesma, uma ironia contaminava sua antes pura inocência:

⁴⁰ Esta fotografia faz parte da Getty Images, uma coleção on-line cujo tema é “O Eterno Judeu” e quem assina sua curadoria é Sarah McDonald. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/LAWRAVpbGxAA8A?hl=pt-PT>. Acesso em: 06 ago. 2022.

Os pesadelos reforçaram-se nas duas, quando a menina que roubava livros começou realmente a compreender como eram as coisas e como sempre seriam. Pelo menos, ela poderia se preparar. Talvez tenha sido por isso que, no aniversário do Führer, quando a resposta à pergunta referente ao sofrimento de sua mãe evidenciou-se por completo, ela pôde reagir, a despeito de sua perplexidade e sua raiva. Liesel Meminger estava pronta.
Feliz aniversário, *Herr Hitler*.
Muitos anos de vida. (ZUSAK, 2013, p. 91)

Era a glória de Hitler que estava por trás daquela homenagem, era a raça superior sendo festejada, era um simbolismo da vitória sobre os inimigos, como dizia o homem encarregado de proferir algumas palavras à multidão e comandar a cerimônia na Praça Central de Molching:

— Hoje é um lindo dia — prosseguiu. — Não só é o aniversário de nosso líder, como também detivemos nossos inimigos mais uma vez. Impedimos que chegassem a nossas mentes...
Liesel continuava tentando abrir caminho, nos trancos.
— Pusemos fim à doença que se espalhou pela Alemanha nos últimos vinte anos, ou até mais até!
Agora ele apresentava o que se chama de *Schreierei* — uma exibição completa de gritaria apaixonada —, alertando a multidão a ser atenta, vigilante, a desvendar e destruir as maquinações maléficas que conspiravam para infectar a pátria com seus costumes deploráveis.
— Os imorais! Os *Kommunisten*!
Aquele palavra de novo. Aquele velha palavra. Salas escuras. Homens de terno.
— *Die Juden*, os judeus! [...]
À sua frente, uma cabeça com o cabelo louro repartido e trancinhas apoiava-se sobre os ombros, absolutamente imóvel. Fixando os olhos nela, Liesel revisitou aqueles cômodos escuros do passado e sua mãe respondendo a perguntas feitas de uma palavra só.
Enxergou tudo com perfeita clareza.
Sua mãe passando fome, seu pai desaparecido. *Kommunisten*.
Seu irmão morto.
— E agora, vamos dizer adeus a esse lixo, a esse veneno. (ZUSAK, 2013, p. 101)

As informações se clareavam. Havia uma soma lógica de palavras que passava pela cabeça da menina e era revelada aos leitores pela Morte: “*A palavra comunista + uma grande fogueira + uma coleção de cartas mortas + o sofrimento da mãe + a morte do irmão = o Führer*” (ZUSAK, 2013, p. 105, grifos do autor). Liesel passou a ter completa aversão a Hitler.

Cerimônia findando, a fogueira era praticamente cinzas. Alguns livros não queimaram e um desses, *O dar de ombros*, cujo autor era judeu, foi roubado pela menina. Uma forma de afrontar Hitler e sua autoridade, de salvar um dos “destruidores” dos ideais da considerada raça superior. Ela roubou, leu, releu e cuidou dele, apreciou suas palavras e refletiu sobre suas ideias.

A instrução, o acesso à leitura e a prática da escrita, paulatinamente, ampliavam as possibilidades de conhecer e compreender o mundo ao redor. Sendo assim, vemos uma mudança em Liesel. Aquela literatura roubada foi um marco em sua rebelião. Ela continuou progredindo em direção a uma autonomia de consciência, desenvolvendo desconfiança e criticidade perante o que lhe era dito à medida que imergia no mundo das palavras.

Em “A Qualidade da Invenção”, Gustavo Bernardo Krause (2005, s/p) sustenta que nossa identidade vive em meio a um processo de constante construção. “A leitura do mundo através da perspectiva diferente do personagem modifica, por sua vez, a perspectiva do leitor, o que implica uma alteração substancial na sua própria identidade”. A literatura trabalha, por assim dizer, na metamorfose identitária do leitor.

De acordo com Todorov (2009, p. 78), a consequência desse encontro com o objeto literário pode causar abalos que perduram para além do momento no qual há o contato:

Lançando mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial. (TODOROV, 2009, p. 78)

Antoine Compagnon (2009, p. 56-57) concorda com Gustavo Bernardo e com Todorov quanto à existência de uma migração identitária proveniente do contato entre o indivíduo e a obra literária: pensar em si e no outro, aprendendo e descobrindo-se e descobrindo o mundo constante e progressivamente, “uma identidade obstinadamente em devenir”. Dito de outro modo, essa identidade vai pouco a pouco se redefinindo.

As diversas passagens citadas de MRL constituem exemplos de como a literatura é capaz de modificar o indivíduo e este a sociedade – mesmo que num círculo de influência mais restrito, mas fazendo a diferença para um grupo de pessoas – a literatura enseja a análise, a reflexão, ativando a capacidade da crítica.

Todos os leitores têm a possibilidade de desenvolver uma postura ativa na interação literária, como evidencia Todorov (2009, p. 23-24):

[...] a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Para o teórico búlgaro, a literatura supera a vida no quesito densidade, pois promove o enriquecimento do indivíduo como ser humano, abrindo uma infinidade de possibilidades de experiências mediante a leitura – agudizando nossa empatia e refinando nossa visão do mundo. Professor, romancista e crítico literário, Compagnon compartilha do pensamento de Todorov:

Ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados dos filósofos [...]. O próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades [...]. [Ela] oferece um meio [...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. (COMPAGNON, 2009, p. 46-47).

Em MRL podemos vislumbrar um momento de encantamento. Logo após o episódio do roubo de um livro proibido que estava na fogueira, a menina sentiu que olhos a observavam cometer um crime. Por sorte, era Ilsa Hermann, a mulher do prefeito, uma personagem cujo papel é essencial para o amadurecimento de Liesel, como indivíduo e como leitora.

Para a protagonista, os livros significavam tantas coisas que estar numa biblioteca repleta deles era como adentrar uma ourivesaria, tocando suavemente com a ponta dos seus dedos infantis lembranças, informações, vivências preciosas, criando uma centelha de esperança e alegria.

Livros por toda parte! Cada parede era provida de estantes apinhadas, mas imaculadas. [...] Era a coisa mais linda que Liesel Meminger já tinha visto [...] Em quantos livros havia tocado? Quantos havia *sentido*? [...] Parecia magia, parecia beleza, enquanto as linhas vivas de luz brilhavam de um lustre. Em vários momentos, Liesel quase puxou um título do lugar, mas não se atreveu a perturbá-los. Eram perfeitos demais. (ZUSAK, 2013, p. 123, grifo do autor)

Cabe ressaltar que a esposa da autoridade executiva e administrativa local era extremamente corrupta, uma vez que abrigava diversos “deturpadores” dos ideais e da moral nazista. Ilsa, devemos recordar, dá à menina um livrinho preto, no qual é escrita sua história, presente que salvará literal e literariamente a vida de Liesel.

Em *Literatura para quê?* Compagnon (2009), aborda uma série de temas interessantes, como o da utilidade da literatura e acrescenta quatro poderes dos quais ela é detentora. O primeiro está relacionado ao deleite e à instrução, ao prazer e ao conhecimento.

O autor defende que há uma moral na literatura uma vez que “a experiência e o exemplo guiam a conduta melhor do que as regras” (2009, p. 32). Sendo assim, o comportamento humano pode ser moldado também pelos exemplos encontrados na literatura.

O segundo poder (2009, p. 34) alude à libertação, na instituição de uma atitude contra a intolerância e qualquer forma de opressão ou alienação. Uma visão limitada pode ser sobrepujada pela literatura que é “ao mesmo tempo sintoma e solução do mal-estar na civilização”.

A literatura influencia e reflete a sociedade, mostra-nos o que aconteceu, o que acontece e o que pode acontecer se nos abstermos de nossa responsabilidade como construtores e parte integrante de um mundo melhor. Ela convida-nos a tomar uma posição que não seja a da omissão, tampouco a da negligência.

Sob o viés da linguagem e da intimidade da literatura com a primeira, o terceiro poder apresentado por Compagnon (2009, p. 37-39) é o de transformar a língua comum em “poética ou literária”, uma língua particular, concedendo à própria língua o direito de percorrer caminhos para além de suas limitações gramaticais ignorando, por exemplo, um olhar normativo que apontaria defeitos da linguagem.

O quarto poder é, segundo Compagnon (2009, p. 44), visto como uma variação do anterior e revela um “impoder sagrado”. A literatura pode criar o caos e desfazê-lo, é livre para fugir de regras, do rigor que pode, por vezes, instituir. Ela planeja e sabota. Pode significar muito já que funciona como válvula de escape, oferecendo diversão, evasão, relaxamento com a mesma leveza com que desmorona sólidas concepções. O autor celebra a literatura. Ela é uma fonte de inspiração capaz de nos ajudar até em nossos traumas e nossa educação sentimental (2009, p. 46).

Todorov (2009, p. 76), por sua vez, resume bem os poderes da literatura até o momento destacados neste capítulo: “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”, possibilitando “em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro”, despertando em nós novas maneiras de ser (TODOROV, 2009, p. 81).

Uma mudança apenas superficial não perdura, contudo, a que a literatura se revela apta a efetuar em cada um de nós é poderosa, à medida que vai recodificando e ressignificando muito do que sentimos e pensamos, operando internamente, em profundidade e com consistência, para que nosso comportamento também possa mudar. Ela nos convida a olhar com outros olhos o mundo e a nós mesmos.

Precisamos de literatura.

Após identificarmos elementos de intertextualidade que vinculam as obras sob alguns prismas definidos, analisarmos suas particularidades e refletirmos sobre suas mensagens, cabe ainda discorrer sobre o que a literatura pode representar. “Muitas vezes, os céticos desdenham da literatura, embora reconheçam a leitura em si como prática importante para a atualização do profissional, formação do jovem e informação do cidadão num contexto geral”, esclarece Teixeira (2012, p. 9) em seu artigo sobre a importância de ler literatura.

O leitor, visto como sujeito ativo, é capaz de “incorporar novos conhecimentos a seus esquemas mentais”, uma vez que a “relação entre ele e o texto é dialética” (2012, p. 10). Se pensarmos em sentimentos de vazio, de impotência e de medo, que podem nos afligir em circunstâncias adversas, como em guerras, em outras catástrofes, ou ainda, em contexto de perdas e traumas diversos, a literatura pode ser de grande utilidade e proporcionar companhia saudável.

O desenvolvimento cognitivo pode ser confirmado diante do estímulo ao pensamento do leitor causado pela leitura, estímulo esse passível de promover incontáveis possibilidades de aprendizagem a partir do que foi lido. Algumas das habilidades que podem ser desenvolvidas com a leitura são: classificar, sintetizar, selecionar, relacionar, enumerar, imaginar, organizar, interpretar, prever, compreender, interpretar, analisar, (re)criar. (TEIXEIRA, 2012, p. 10)

A partir de nossa análise, compreende-se a razão pela qual Antonio Candido (1995, p. 186) afirma que a literatura não apenas é uma “necessidade universal”, como sua ausência pode refletir uma mutilação da personalidade, “pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. Há uma melhoria humana para com “a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2000, p. 117).

Antonio Candido nos mostra claramente como se articula a interação entre sociedade e literatura e como há um movimento de influência mútua. Assim, refletimos que os escritos de hoje e de amanhã poderão demonstrar indícios da sociedade da época de sua escritura e que a sociedade pode influenciar direta ou indiretamente o que será historicamente registrado.

A experiência e o consequente relato de Primo Levi no *Lager* possibilitou uma série de conhecimentos compartilhados e informações divulgadas sobre aquela época, tendo influenciado a escritura de obras concomitantes quanto à época e à temática, também elaboradas e direcionadas para influenciar o/a leitor/a das sociedades atuais. O romance de

Zusak, por seu turno, atua como uma forma de encarar o passado, busca ensinar sobre e com ele, pois problematiza temas ainda em forte voga como o preconceito racial.

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 1985, p. 74)

Voltemos ao *monstrum* que revela e adverte, assim como a autobiografia de Levi, o “monstro” judeu mostrando o que um verdadeiro monstro poderia realizar. Levi expurgou parte daquele mal pelo viés literário, confirmando o discurso defendido por Candido de que a literatura salva, humaniza.

Ao não limitar as definições de literatura devido à sua íntima relação com o homem, Teixeira (2012, p. 14) defende, por sua vez, que “denominações acabadas, restritivas e definitivas não servem para especificar a literatura, pois ela é criada e pertencente ao ser humano, que é inconstante, ambíguo, contraditório, criativo”. A literatura funciona, ademais, como força auxiliar do homem que reconta episódios que carecem de compensações históricas e das devidas correções, fato explicitado de forma incontestada na autobiografia de Levi.

Resgatando a nação como formação discursiva, vemos emergir a importância vigorosa da literatura na rememoração histórica e como parte fundamental de sua constituição:

As origens das nações, assim como das narrativas, perdem-se nos mitos do tempo e apenas na memória seus horizontes se realizam plenamente. Esta imagem da nação – ou narração – pode parecer excessivamente metafórica, mesmo desesperadamente romântica, mas é a partir das tradições do pensamento político e da linguagem literária que a nação surge, no Ocidente, como uma poderosa ideia histórica. (BHABHA, 1997, p. 48)

Toda sociedade é propensa à ficcionalização, ou seja, um traço comum entre as civilizações é a necessidade de narrar, de criar e de contar histórias. Fazemos isso diariamente, mas se trata de atos tão intrínsecos que passam despercebidos.

As personagens de MRL, a todo momento, estão contando histórias: a Morte narra a história da menina que rouba livros, que por sua vez, escreve a sua própria história; Levi relata sua experiência no campo de concentração e conta histórias de vários prisioneiros que cruzaram a sua narrativa de vida. Confrontamo-nos com o processo de fabulação na ficção e na realidade.

O direito à literatura influencia o ser humano profundamente pois ele é constituído de histórias, assim, palavras tocam a alma de uma história vivente, conforme as palavras de Candido (2000, p. 117), já que há um

processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

A literatura faz parte do ser humano e efetua ainda o movimento de atravessá-lo para renovar e/ou aprimorar uma série de questões associadas à construção das subjetividades em suas íntimas correlações com a alteridade, pois exatamente como defende Andruetto (2012), as palavras “literatura” e “atravessamento” em muito se relacionam.

A literatura atravessa espaços físicos (incluimos aqui o meio digital) e mentais; atravessa o tempo... lança mão de seus poderes por, para e sobre nós. Sua influência, como pudemos constatar ao analisar as obras de Zusak e Levi, abarca muito além da esfera individual e prossegue reverberando sentidos, sem prazo de validade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O estudo é a chave da oportunidade”, dizia Gordon B. Hinckley (2001), líder religioso, empresário e escritor estadunidense. Este estudo foi uma oportunidade valiosa para refletirmos acerca de atitudes, pensamentos, ideias e discursos que objetivam destituir do homem sua humanidade; ao mesmo tempo, lançou luz sobre a literatura como instrumento de resistência, dotado de um incrível poder de impactar significativamente a vida e a sociedade.

Nossa abordagem analítica baseou-se no conceito de *intertextualidade* – sobretudo no desenvolvimento proposto pelo teórico Gérard Genette – para promover uma leitura dialogística entre o romance *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, e a autobiografia *É isto um homem?*, de Primo Levi, desentranhando vestígios palimpsésticos, por meio da chamada “transcendência textual”, como se uma geração de textos fosse influenciada pela voz de textos de gerações precedentes.

O percurso que delineamos elucidou a relação homem-obra na sutura de fatos desveladores do personagem histórico Adolf Hitler, que figurou como tela de fundo nos dois *corpora* de que nos ocupamos. Pareceu-nos extremamente profícuo o estudo sobre essa relação com vistas a melhor analisar as obras referentes ao período da Segunda Guerra Mundial. Amante da guerra e responsável pelo genocídio do povo judeu, dentre outros, o líder nazista não logrou êxito no seu propósito de guiar a Alemanha a “uma nova era de glória”.

Acredita-se que as leituras de sua juventude pobre e vida repleta de fracassos tenham inspirado fortemente seus ideais egoicos. Na trama intertextual, em contrapartida, verificamos o impacto transformador que a leitura e a escrita suscitaram na protagonista Liesel Meminger e o quão vital foi para Primo Levi ter firmes alicerces literários que o ajudaram a resistir à desumanização durante sua permanência nos campos de extermínio. Como sobrevivente, ensinou-nos que uma das formas de lidar com os traumas é através da escrita e essa serve como advertência sobre o que não deve ser repetido.

Se há engrenagens que transformam homens comuns em agentes da morte, também é fato que nesses mesmos homens comuns possam ser despertados sentimentos fundamentais de empatia, respeito pela vida e pela liberdade de cada indivíduo, em nossa sociedade e, como vimos, a literatura tem muito a oferecer nesse sentido. Dentre as diversas formas de contribuição, citadas no decorrer deste estudo, a literatura auxilia no não esquecimento do indivíduo, assim como pode ser um meio para a expurgação de traumas, atenuando-os, a exemplo do que fizeram Levi, Max e Liesel. Palavra por palavra.

Ainda no âmbito intertextual, identificamos em nossos *corpora* a utilização abundante das cores amarela, branca, cinza e marrom e buscamos decodificar os significados que lhes podem ser atribuídos. Fundamentais para a construção do cenário, bem como para a ambientação de ambas as narrativas, concluímos que as cores falam, revelam e representam muito mais do que a aparência permitiria crer, estando sua simbologia intrinsecamente associada a aspectos sociais, contidos na imagologia que compôs um dos elementos literários que suscitou nosso interesse investigativo.

Notamos, ademais, como palavras e expressões em línguas estrangeiras podem ser tão significativas e oferecer uma possibilidade de leitura mais complexa de uma obra. Serviu-nos, uma vez mais, a perspectiva imagológica, que nos ensejou a triangular a relação entre tais recursos linguísticos, os sentidos produzidos e a imagem da alteridade evidenciada. Da mesma forma, a finitude inexorável de *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?* desvela a mensagem de que é preciso pensar a vida sob o prisma da morte. Esta conclusão é uma contribuição dos distintos e, até mesmo, paradoxais, narradores do romance e da autobiografia.

Conscientes de que nenhuma pesquisa seja capaz de esgotar qualquer temática, consideramos como satisfatórios os resultados obtidos por meio da análise das obras, pois contemplam nossos objetivos traçados no início de nossas reflexões, a saber: i) explorar alguns tópicos capazes de demonstrar a intertextualidade existente entre *A menina que roubava livros* e *É isto um homem?*; ii) observar o impacto das palavras e da literatura sobre os indivíduos e/ou personagens e, conseqüentemente, os desdobramentos desse impacto e iii) demonstrar a sólida relação entre literatura e sociedade.

Acrescentamos que essa investigação nos possibilitou grande amadurecimento acadêmico e pessoal. O contato com a literatura e com o vasto suporte teórico trouxe novas questões e ideias ainda embrionárias, a serem desenvolvidas em futuros trabalhos acadêmicos e práticas profissionais. Afinal, como indivíduos, somos literatura, precisamos dela como alimento, como inspiração, como material de profissão e como possibilidade de mudar a comunidade à qual pertencemos, lutando por mudanças num espectro mais vasto.

Talvez, na mesma proporção, a literatura dependa de nós: necessita de um escritor, de um leitor, de uma sociedade para que seja escrita, recebida, lida e inserida em um contexto histórico-social, como um pacto de generosidade entre quem cria em quem recebe o objeto estético produzido num ciclo em constante renovação. O indivíduo é influenciado pela literatura e, por sua vez, a influencia, bem como a sociedade que influencia e é influenciada por ambos.

Insistimos na ideia de que adquirir conhecimento e saber como aplicá-lo pode mudar rumos e histórias. Que assim seja e, de preferência, pela literatura – por seu caráter atemporal, plural, autobiográfico ou ficcional – que nos assombra, assusta, seduz, comove e transforma. As reflexões enraizadas no passado voltam a pautar o presente caótico no qual vivemos, concedendo enorme poder à literatura. Seria, finalmente, a literatura uma força encantada capaz de nos despertar, alertando contra os perigos circundantes e questionando a todos nós por intermédio da máxima: *É isso um homem?*

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: AUTOR?? *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução: Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998. p. 7-26.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Tradução: José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena Editora. 2003.
- A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS. Direção: Brian Percival. Produção: Ken Blancato; Karen Rosenfelt. EUA: 20th Century Fox, 2013. 1 DVD (131 min.).
- ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução: Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- ARBEX JR., José. Holocausto da memória: “Espetacularização” esvazia o sentido crítico do registro histórico. *Projeto História*, São Paulo, v. 62, p. 242-272, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/https://doi.org/10.23925/2176-2767.2018v62p242-272>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/36723>. Acesso em: 1 ago. 2022.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Tradução: Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASEVI, Anna. Tradução, Diálogo, Testemunho: Primo Levi e seus tradutores. *Caderno de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 75-91, set./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2020v40n3p75>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n3p75>. Acesso em 17 jun. 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERNARDO, Hermínio. Homem que lia livro de Hitler é detido após fazer ofensas racistas e homofóbicas na Biblioteca Mario de Andrade em SP. *G1*, São Paulo, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/08/02/homem-e-detido-apos-fazer-ofensas-racistas-e-homofobicas-na-biblioteca-mario-de-andrade-no-centro-de-sp-veja-video.ghtml>. Acesso em: 3 ago. 2022.

BHABHA, Homi. Disseminação: O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna. In: *O Local da Cultura*. Tradução: Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 398p.

BHABHA, Homi. Narrando a Nação. Tradução: Glória Maria de Mello Carvalho. In: ROUANET, Maria Helena (org.). *Nacionalidade em questão*. Cadernos da Pós/Letras, n. 19. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1997. p. 48-59.

BETTLHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução: Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BÍBLIA, A. T. Zacarias. In: BÍBLIA. *Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos*. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BINES, Rosana Kohl. Cotejando a dor: narrativas da barbárie. In: HENRIQUES, Ana Lucia de Souza (org.). *Literatura e Comparativismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. 161 p.

BLANC, Claudio. *A Segunda Guerra Mundial*. 2021. Disponível em: <https://www.pressreader.com/brazil/guia-conhecer-fantastico/20210811/282514366592436>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BORGES, Luana Aparecida Silva; PAULA, Andréa Cristina de. A sedução da linguagem poética no romance *A menina que roubava livros*. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*. Mato Grosso, v. 11, n. 1, p. 162-177, 2018. DOI: <https://doi.org/10.30681/real.v11i01.2283>. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/react/article/view/2283>. Acesso em: 30 set. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOVO, André Luiz. Os pôsteres alemães da Primeira Guerra Mundial: uma análise do discurso nacionalista e o uso imaginário no período. *Revista Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 19-44, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/6132>. Acesso em: 17 jun. 2022.

CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In: DOYLE, Don; PAMPLONA, Marco. (org.). *Nacionalismo no novo mundo*. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 1995.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CANTORI, Valentina (org.). *Primo Levi em diálogo*. Evento On-line. São Paulo. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC6wXIDDFs1kTsuCerN3gU4w/videos>. Acesso em: 29 jul. 2022.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O nazismo e a produção da guerra. *Revista USP*, São Paulo, p. 82-93, 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28150/29961> Acesso em: 08 Out. 2022.

CARVALHO, Marilza Izidro Vieira Pacheco de. A morte na ficção literária. 2002. 115 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24479/D%20-%20CARVALHO%2c%20MARILZA%20IZIDRO%20VIEIRA%20PACHECO%20DE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 jul. 2022.

CASSIN, Bárbara. O Elogio de Helena In: CASSIN, Bárbara. *O efeito sofístico: sofística, filosofia, retórica, literatura*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005. p. 293-301.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução: Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. 16. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2001.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: DONALD, James; GIL, José; HUNTER, Ian; COHEN, Jeffrey Jerome; SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). *A pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DANZIGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007. ISSN: 1982-3053.

DRUMOND, Jeanine Poock de Almeida. O Nazismo na percepção dos apoiadores de Hitler: um estudo sobre as cartas enviadas ao NSDAP e ao Estado Nazista (1925-1939). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH), Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8210/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jeanine%20Poock%20de%20Almeida%20Drumond%20-%202017.pdf>. Acesso em 08 out. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio*: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

FELMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

FEST, Joachim. *Hitler*: volumes 1 e 2. Tradução: Analúcia Teixeira Ribeiro *et al.* 1.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRANCA, Vanessa; SOUZA, Edilson. O destino das Moiras: convergência mitológica em “As três fiandeiras”, de George Webbe Dasent. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; MARTINS, Lucas; SANTANA, Sarah, PERSICANO, Léa (org.). *TransLetras*: gênero, diversidade e intolerância. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020. 320 p.

FRANK, Anne. *O Diário de Anne Frank*. Disponível em: https://www.academia.edu/13223563/O_Di%C3%A1rio_de_Anne_Frank_De_12_de_Junho_de_1942_a_1_de_Agosto_de_1944. Acesso em: 15 ago. 2022.

GELLATELY, Robert. *Apoiando Hitler*. Tradução: Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução: Luciene Guimarães. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010. 13-21p.

GOLDSTEIN, Ann; SCARPA, Domenico. *In un'altra lingua*. Torino: Einaudi, 2015.

GUASCH, Anna Maria. Os lugares da memória: a arte de arquivar e recordar. *Revista Valise*. Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 237-264, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/41368>. Acesso em: 18 ago. 2022.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução: Janaína Marcoantonio. 24. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

HINCKLEY, Gordon B. Fundo perpétuo para a educação. *Revista A Liahona*, jul. 2001.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. Alemanha: Eher Verlag, 1925. Disponível em: <http://www.elivrosgratis.com/download/347/minha-luta-mein-kampf-adolf-hitler.html>. Acesso em: 12 fev. 2022.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. Tradução: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução: Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2014 [1932].

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Tradução: Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

INSANA, Lina. *Ardous tasks*: Primo Levi, translation and the transmission of holocaust testimony. Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 2009.

JUTGLA, Cristiano; OLIVEIRA, Solineide. Do narrador no romance A menina que roubava livros e de como este teria raptado o leitor contemporâneo. *Revista Linguasagem*, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 1-13, 2010. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1021/552>. Acesso em: 17 jun. 2022.

KAPPLER, Claude. *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KRAUSE, Gustavo Bernardo. A qualidade da invenção. In: Ieda de Oliveira (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?* São Paulo: DCL, 2005.

KRAUSZ, Luis Sérgio. Consciência e inconsciência do nazismo. *Pandaemonium ger.*, São Paulo, n. 15, 2010.

KRISTEVA, Julia. *Sèméiotikè*. Paris: Seuil, 1969.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos Investigativos I*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção. Tradução: Maria Inês Coimbra Guedes e Maria Jovita Gerheim Noronha. In: NORONHA, Maria Gerheim (org.). *O pacto autobiográfico de Rousseau à Internet* (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008. p. 103-109.

LESSA, Renato. Mundos de Primo Levi. In: REY, Juan Pablo. *As narrativas de Primo Levi*. Jornal da PUC. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <http://jornaldapuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=10727&sid=29> Acesso em: 14 maio 2022.

LEVI, Primo. *Opere complete*. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2016. v. 1 e v. 2.

LEVI, Primo. *Opere complete*. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018. v. 3.

LEVI, Primo. *A chave estrela*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução: Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEVI, Primo. *A tabela periódica*. Tradução: Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVI, Primo. *È isto um homem?* Tradução: Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Mil sóis*. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo: Todavia, 2019.

LEVI, Primo. Não éramos mais homens. Tradução: Aislan Camargo Maciera e Maurício Santana Dias. *Cult*, São Paulo, v. 22, n. 247, p. 38-39, jul. 2019.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução: Luiz Sergio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LEVI, Primo. *O ofício alheio*. Tradução: Silvia Massimini Felix. São Paulo: Unesp, 2016.

LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 2005.

LEVI, Primo. *La ricerca delle radici*. Torino: Einaudi, 2016.

MACÊDO, Lucíola de Freitas. *Levi: a escrita do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

MACIEIRA, Aislan; WATAGHIN, Lucia. Da Europa à América: os itinerários das primeiras obras de Primo Levi publicadas no Brasil. *Revista de Italianística*, São Paulo, n. 41, p. 98-111, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.i41p98-111>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/italianistica/article/view/161649>. Acesso em: 15 jun. 2022.

MAURO, Claudia Fernanda de Campos. O mito de Ulisses em *Se questo è un Uomo*. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 37-49, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/5129>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em 2 ago. 2022.

MIZUKI, Shigeru. *Marcha para a morte!* Tradução: Arnaldo Oka. São Paulo: Devir. 2018.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 125-182.

NUNES, Simone Vieira; SANTOS, Letícia Raiane. Os diferentes gêneros textuais em A menina que roubava livros e suas funções no constructo do romance. *Revista Ao pé da letra*, Pernambuco, v. 15, n. 1, p. 133-152, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231810/25954>. Acesso em: 15 jul. 2022.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. *II Guerra Mundial: grandes líderes*. São Paulo: Hunter Books, 2015. 136 p.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Tradução: Katia Aily Franco de Camargo. In: MARINHO, Marcelo; SILVA, Denise Almeida; UMBACH, Rosani Ketzer (org.). *Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada*. Frederico Westphalen: URI; Santa Maria: Editora UFSM; São Paulo: HUCITEC, 2011. p. 109-127.

PARADA, Maurício. *Fascismos: Conceito e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

PEREIRA, Wagner. O julgamento de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém: o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica, 2009. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acesso em: 26 jul. 2022.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALES, José das Candeias. Funções e simbolismos da ave-benu na arte e na mitologia egípcia. Evolução. *Revista de Geistória e Pré-história*, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 94-96, 2018. Disponível em: https://www.cpgp.pt/evolucao1/LivroResumos_Caves2018_94-96.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTANA, Ana Lucia. *A menina que roubava livros*. 2012. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/a-menina-que-roubava-livros/>. Acesso em: 05 mar. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

SILVA, Caroline Patrícia Parra Gomes da. *A menina que roubava livros: Liesel e a aprendizagem da leitura*. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138557/000860810.pdf;jsessionid=E881E5F94250694612F50C0B2C02586A?sequence=1>. Acesso em: 7 maio 2022.

SOARES, Geraldo Antonio. Os tormentos da memória: trauma e narrativa nos escritos de Primo Levi. *Revista Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 911-927, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752012000200020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/HFHt4TKFrxFpstNphTQ4WVw/?lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SOUSA, Luciano Dias de; SOUZA, Elaine Santana de. Percorrendo os caminhos da Morte: uma reflexão sobre a personificação da Morte em *A menina que roubava livros*. *Revista Ícone*, Goiás, v. 15, n. 1, p. 27-37, 2015. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/4220>. Acesso em: 10 maio 2022.

RIBEIRO DE SOUSA, Celeste (org.). *Imagologia*: coletânea de ensaios de Hugo Dyserinck I. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2005.

TEIXEIRA, AngelaENZ. Vale a pena ler textos literários? *Revista Unifamma*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 7-28, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19456851-Http-revista-famma-br-unifamma-issn-printed-1677-8308-vale-a-pena-ler-textos-literarios-angela-enz-teixeira.html>. Acesso em: 16 mar. 2022.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2009.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*: indagações sobre o século XX. Tradução: Joana Angélica D. Melo. São Paulo: Arx, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo*. Tradução: Egon O. Rangel e Enid A. Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. Tradução: P. C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2008.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. *Literatura e pedagogia*: ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 12-20.

ZUSAK, Markus. *A menina que roubava livros*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

Figuras

CREAR MEME. *Europa durante la colonización*. [19--]. Disponível em: https://prezi.com/p/mjyhhm1mm_of/colonizacion/. Acesso em 14 ago. 2021.

DAS KLEINE VOLKSBLATT, 1941. Disponível em: <https://www.aboutww2militaria.com/das-kleine-volksblatt-23rd-august-1941-two-months-eastern-campaign.html>. Acesso em 19 jul. 2022.

Diagrama de Venn. Produzido pelo site Wolfram Language. [19--]. Disponível em: <https://www.wolfram.com/language/12/improved-visualization-labeling/venn-diagram.html.pt-br>. Acesso em 26 jul. 2022.

HERMMANN, Rudolf. *Só o gado mais tonto vota em seu próprio açougueiro*. 1932. Disponível em: <https://cliohistoriaeliteratura.com/2021/06/30/os-apoiadores-de-hitler-foram-comparados-a-gado/>. Acesso em 26 jul. 2022.

HIPPLER, Flitz. *O Judeu Eterno*. 1940. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acesso em 27 jul. 2022

Hitler enviando seus soldados à morte. [19--]. Charge soviética. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/charges-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em 26 jul. 2022.

HONICH. *Por trás das forças inimigas: O Judeu*. 1942. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/nazi-anti-jewish-propaganda>. Acesso em 27 jul. 2022.

KEYSTONE. *Book Burning*. 1933. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/LAWRAVpbGxAA8A?hl=pt-PT>. Acesso em 06 ago 2022.

REVISTA OSTARA. 1930, p. 16. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/frantex/biografia-ed-ascesa-di-hitler>. Acesso em 19 jul. 2022.

REVISTA O TOSQUIADOR, [19--]. Disponível em: https://second.wiki/wiki/der_scherer_e28093_erstes_illustriertes_tiroler_witzblatt. Acesso em 19 jul. 2022.